

RAÚL SALINAS DE GORTARI
O AMANTE

DUAS JANELAS PARA A VIDA

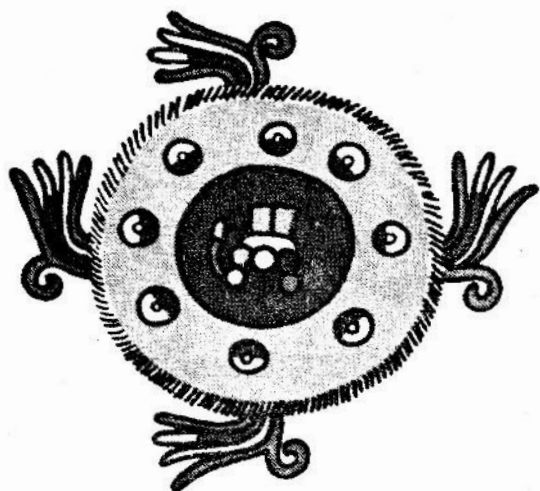
2^a
edição



tradução
WLADIR DUPONT



Estação Liberdade



O AMANTE

RAÚL SALINAS DE GORTARI

O AMANTE

DUAS JANELAS PARA A VIDA

TRADUÇÃO
WLADIR DUPONT



Estação Liberdade

© Copyright, Raúl Salinas de Gortari

Editora Estação Liberdade
Rua Dr. Rodrigo Silva, 70 - cj. 86
Fones: (011) 32-8332 e 278-3207
São Paulo - SP - CEP 01501

Responsabilidade editorial: Jiro Takahashi
Revisão: José Antonino de Andrade
Projeto gráfico (miolo): Valdir de Oliveira
Composição: Nework - 273-1129
Capa: Laura Cardoso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Salinas de Gortari, Raúl, 1946-

O amante : duas janelas para a vida / Raúl Salinas de Gortari ; tradução Vládir Dupont. — São Paulo : Estação Liberdade, 1991.

1. Contos mexicanos I. Título.

91-1121

CDD-m863.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura mexicana
m863.4
2. Século 20 : Contos : Literatura mexicana
m863.4

APENAS POUCAS PALAVRAS

Na leitura que faço deste livro de Raúl Salinas de Gortari: *O Amante, me é inevitável a lembrança de E. Abreu Gómez, sobretudo a edição do Quetzalcoatl, que lhe fez a família Porrúa há quase meio século. Pois foi com a extraordinária companheira, a poetisa Margarita Paz Paredes, que aquele autor admirável, no meio de uma também extraordinária constelação de escritores, veio para fixar a modernidade e a tradição mexicanas. Em prosa ou verso, com lógica e magia desvelaram a misteriosa complexidade do grande país, centrado em sua capital federal, mas irradiado de norte a sul — desde a renascentista Mérida até as ásperas inflexões em direção de Sonora, guardando os fulcros marcantes de Oaxaca e Guanajuato. As profundidades da alma indígena, e os encontros ou desencontros crioulos da Nova Espanha.*

É que, este livro de contos, canta, conta e encanta. Seus relatos colhem com força lírica a realidade brutal de vidas humildes, ou humilhadas até, que não obstante tangem com grandeza o toque de uma vigorosa luta contra a mediocridade e o cotidiano. É o questionamento da autonomia individual num mundo de relação às vezes sufocante. Com isso, pela linguagem transcendem as confinações estratificantes do social ou os desvãos da psique. Além de pura oferenda lírica, conforma com realismo o perfil das humanas existências, somando as tintas do arco-íris ao gris das contingências. E

vibra então o México: magia e realidade. As suas falas põem seus personagens como o reflexo da terra, na relação crucial de vida e literatura, algo que distingue a trajetória do país em sua cultura, destaque e consagração das bases sólidas que sustentam, em termos de universo, a sua presença fulgurante entre as artes irmãs latino-americanas.

Dividido em duas partes (*O Túnel* e *O Amante*), capta a bipolaridade a partir de macho e fêmea ou sociedade e individualidade. Seja, lida para o homem, sonho para a mulher; sem que o acidente se reduza a uma das partes, ambas ambivalentes nos seus jogos contrários mas complementares. Objetivamente, os temas ali estão: na primeira parte, as relações de trabalho; na segunda, as relações de amor. E o autoconhecimento permeando essas demandas. A paisagem é cenário para o drama, multiplicidade apontando o uno — como tudo, no México. Uma aproximação absoluta de saber, busca de justiça e totalidade, que traça a sua própria pasta e, à imagem mexicana, leva o coletivo ou o individual a superar as dissensões em termos de vitalidade e de beleza. *El túnel*, por exemplo, resume a denúncia da eficiência material sobreposta ao humano, no frígido dos lucros a subestimação da vida de operário que, em sociedade desigual, sente ferida a igualdade fraterna — desde o "ejido" à urbe descomunal, sem exclusão dos sítios prazenteiros. *O Amante* é um fecho de ouro da solidão feminina, redimida pelo erótico, assumir-se mulher para além dos condicionamentos ou da idade, e rebentar como flor a esperança de superar sua condição de sombra — até a assunção da plena consciência e sensualidade. Segredos compartilhados. Valha ainda observar o manejo das expressões coloquiais ou dos giros idiomáticos, que fazem dos textos outro precioso exercício de linguística, e há de ter sido um desafio para o tradutor. Também, em nosso caso brasileiro, a inserção da paisagem nordestina afeita à tipologia mexicana

e em forma de intertexto. Essa história da "Jurema", transposta da "guerra do fim do mundo" que o peruano Vargas Llosa veio buscar nos sertões da Bahia, ecoando transgressiva e transposta ao som trágico e doce do nome indígena. Encontro de duas realidades nacionais, que não as refere — ao contrário, soma — a unidade do livro. E os recertos diamantinos? Tensos e tersos, resumem um domínio de formas e conceitos. Veja-se este conto de três linhas, nos ressuscita o Machado:

Los yerros y los hierros

— Errar es de humanos — señaló el marido.

— Y dejarse herrar es de caballos — dijo la esposa, ofendida.

Desde logo as reduções poderiam reverter as bases dessa ficção, que segundo a novellística moderna, principalmente entre nós da América Latina, arrancou da tese naturalista de Zola. Entretanto, Salinas de Gortari o transcende pela invenção da linguagem e aprimoramento dos temas. Seu imagismo poético prevalece consoante a magia do México ou sua implacável natureza. É desde aí, e sobre tão firmes alicerces, que o autor vai construir o seu denso e transparente edifício literário, trazendo na ficção a própria vida. Uma sinfonia de sons e de cores, formas e conteúdos, situações e evidências perpassam o livro inteiro, insinuando conforme o subtítulo aquele ponto crucial em que a noção de sabrida ou a evocação criativa une vento e Deus, implícitos no espanhol ventana ou no português janela: a visão multiplicada no conceito de unificação. E assim as realidades de América, convertida em Mundo, fazem convergir o Jano bifronte ou quadrifronte da mitologia, quem distribuí divinamente à rosa-

dos-ventos a urgência de remir qualquer contradição, a fim de que, em nesse caso específico e continental, as veias abertas da América Latina estanquem a sangrenta mais-valia e possam "encauzar", e em um rio de vitalidade e beleza, o pessoal e o coletivo em termos de identidade e ordenação.

Assim este livro, que deve ter sido escrito com sentido de permanência, contempla justiceiramente os aspectos particular e geral das criaturas, nossos conterrâneos, e é uma feliz conjugação entre a denúncia objetiva e o devaneio subjetivo, emanando por isso a lógica e a emoção. O rigor estético lhe garante a efusão lírica quanto aos dados da realidade, em seus relatos que refletem a nossa história franjada de epopéia e minséria. Enfim, já é confirmação da difícil e luminosa herança que a geração de um mestre como Juan Rulfo assinalou em terras mexicanas, o seu reflexo continental — e na qual vislumbramos a unidade maior de tantos outros povos desvaierados, mas sempre semelhantes, fatalmente voltados à unanimidade de um humanismo menos aristotélico, que ainda nos toca cumprir, e já se encontra aninhado em nós ou em obras como esta.

*José Santiago Naud
Brasília, maio 1991*

SUMÁRIO

Primeira Parte — O TÚNEL

A geada	15
Veja só o senhor.....	21
O culpado.....	27
Desta vez não tem	35
Paulino's.....	47
Morte calculada	57
O túnel	77

Segunda Parte — O AMANTE

Pulôver vermelho.....	105
María de la Luz	109
Por que você chora, mulher?	117
Erro e Ferro	127
Diálogo de gêmeos.....	131
A patroa velha	137
Jurema	145
Para não magoá-lo	155
O Amante.....	163

Primeira Parte

O TÚNEL



A geada

Diante da fogueira de lenha ressecada estão quase todos sentados em círculo. O estalar da madeira queimada às vezes metralha o silêncio. O eco dos galhos estourados galopa no vento. O zumbido do ar, que corta como lascas de pedra, se perde entre os matagais e a plantação; a ventania continua, dobrando árvores e arbustos, por todo o campo. Dois ou três homens, a poucos metros da fogueira, envoltos em mantas de cores desvanecidas, se apóiam no velho muro de tijolos. O galpão dos tempos do patrão é o refúgio dos *ejidatarios** diante de um céu azul limpo, vestido de frio. A muralha às suas costas protege-os do vento do norte. O frio vai até o fundo da alma. Não param de tiritar em silêncio, um e outro respiram alto, curvados. Alguns se balançam, de uma perna a outra, com as mãos dentro dos velhos casacos de *jeans* ou com os braços enfiados em capotes bem castigados.

O teto da entrada, ainda em pé, escurece os cantos e enche os rostos de sombras, apesar de ainda ser de tarde. Quando o vendaval diminui um pouco, o frio que vem do chão morde os pés. O movimento das pernas quer pisotear a terra e a terra martiriza aqui uns dedos protegidos por *huaraches** toscos, e ali um peito de pé, de dentro de um tênis aberto, faz uma careta.

Alguns têm gorros surrados de lã até as orelhas, outros chapéus de palha.

As mulheres estão todas fechadas nos quartos de tijolos e madeira que mal as protege do frio, e por isso estão dispostas a brigar com toda ferocidade.

Nas horas de luta e mobilização, são sempre as mais aguerridas, as primeiras ao sacrifício; as últimas a se queixar da

* *ejidatarios* — camponeses donos do *ejido*, pedaço de terra que recebem do governo para cultivar e que não podem alugar nem vender, só passar como herança aos filhos. (N.T.)

* *huaraches* — palavra indígena, significa sandália de couro, muito usada pelo camponês mexicano. (N.T.)

fome ou do clima, envoltas em saias largas de tons cinzas e negros, coberta a cabeça com lenços e chapéus manchados de suor. Os rostos, pedaços de mil sulcos de vento e terra, se tornam ainda mais sérios e se perdem entre gritos às crianças e varadas nos animais. Em reuniões como esta olham de relance o estranho chegar, o alheio, vão saindo de lado até deixar os homens com os assuntos de homens.

Chon, de cócoras, alimenta o fogo de tempo em tempo; esticando a mão assopra rápido entre os dentes. Faz tempo que está calado pensando que agora já não interessa falar da discussão da noite passada. Pra que repetir as coisas, lembrando aqueles que pressagiaram a geada para esta madrugada e recomendaram acender fogueiras no campo para proteger a colheita, com a fumaça e seu calor. Em silêncio, lembra a cara dos que foram contra, garantindo que ainda não era hora.

De madrugada, com o aviso do frio gritando nos ossos, alguns acenderam suas lanternas contra o gelado adversário. Suas mulheres saíram para tentar cortar, facas ao vento, como aconselham os mais velhos, o frio. Revoaram um bom tempo, apunhalando aqui e ali. Eram como um frenético bando de aves negras na madrugada. Giravam, amaldiçoavam inutilmente, apunhalavam o amanhecer. Também a elas, apesar de sua dança de pontas de faca, o inimigo derrotou.

As chamas que sobem e descem iluminam, em claro-escuro, a cara de Celso. Ao compasso das labaredas, o corpo, de pé, se ilumina de amarelo e laranja. O casaco de xadrez vermelho e azul ganha vida e morre de um instante a outro. Há algum tempo ele não deixa de observar o fogo, em seu íntimo ressoam as palavras de seu filho: "Pense só nisso — disse o rapaz ao supervisor do Banco de Crédito — aqui todos estamos de acordo pra levar o *ejido* adiante com o nosso trabalho. Ninguém foi trabalhar de clandestino nos Estados Unidos. Aqui ficamos todos para batalhar em forma de cooperativa, e só vamos comer com os salários pagos por seu banco."

A dois ou três passos do fogo — “para não deixar que o corpo se acostume” — Lencho, com as mãos nos bolsos da calça, tem o olhar fixo na ponta de suas botas nortistas. Abrigado sob o suéter, presente de uma freira amiga do *ejido*, qualquer pessoa o acharia um pouco ridículo, menos seus companheiros que sabem ser ele muito macho, desde os primeiros dias da invasão das terras daquele latifúndio simulado. Sob o chapéu, a cara, modelada quase à machadinha, não deixa escapar nenhuma censura. Foi um dos que perderam a votação de sair às quatro da manhã, a brigar pelo sustento no frio.

Forte, de mãos rudes, poucos esquecem seu sangue gelado. Às vezes lembram que era um dos poucos, senão o único, que se atrevia a guardar para sua família algum cacho em épocas de colheita da uva, diante dos olhos dos policiais trazidos pelo patrão para impedir que essa prática se generalizasse.

A meio metro de Lencho, Ignacio, com seu eterno gorriinho de jogador de beisebol, afundado no casaco dado pelo banco, não parava de murmurar “que negócio é esse que por causa do que aconteceu descontaram 30% do salário, para sua segurança; que negócio é esse que o banco tem que se proteger, que negócio é esse de deduções?”

Perto de Chon, deixando descansar o peso do corpo sobre uma perna, as mãos nos bolsos da calça rancheira, Pancho olha para que lado foi o supervisor do banco. A fogueira recém-reavivada lhe ilumina intensamente metade do rosto, os olhos ficaram pequenos na busca do horizonte; à sua cabeça volta, às vezes, a voz daquele que se foi: “Vou rápido — disse — porque do contrário não recebo hoje.” Tinha subido em seu carro branco, muito conhecido, e arrancara ruidosamente. A acelerada, mesmo esperada, tinha sido como uma porrada nas entranhas de vários deles, como uma pedra ao cair no fundo de um poço seco.

Rito, de costas para o fogo, pois diz que faz tempo seus rins esfriaram, rompe o silêncio: “Estes filhos da puta — quase uiva —

vão lá e recebem. Pra eles nunca tem geadá”, reclama, morde um rancor sem cara, sem cabeça. Rito, que na hora de sair em direção aos *ejidos* com balde na mão pedindo apoio em grãos de milho e feijão irradiava então otimismo, vai em direção ao morro. Sua figura, encolhendo-se, se fazendo pequena para deixar ao vento menos carne para morder, se perde entre os matagais e aos poucos suas palavras somem no vendaval que fica ainda mais frio.

Veja só o senhor

A coisa está assim: foi só vê-lo e eu disse agora vai. Já fazia tempo que eu andava; bom, digamos dias, mas pra que dizer quantos, se dá na mesma dois, três ou mais. Pra onde eu ia era tudo igual. Muitos carros, muita gente, muito de tudo.

Bom, aqui não se sabe que dia é nem que horas são. Todos os dias é a mesma coisa, todas as horas se parecem: chega pra lá, apertem-se por aí. Todas as pessoas parecem umas com as outras; parecem bravas, ninguém fala, ninguém diz bom dia, ninguém se benze. Aonde vão? De onde vêm? Sabe lá Deus!

Pra mim só dão voltas e voltas. Parecem mulas de moinho. Se chove, vai dando voltas; se sai o sol, vai dando voltas. Todos daqui pra lá, sem vontade, sem paciência, só envelhecendo estupidamente.

Parecem numerosíssimos, mas pra mim são os mesmos, volta e mais volta, só para deixar a gente atarantada.

Eu já não sabia como diferenciar um do outro, parava e dizia: a este eu já disse sim ou não?

Mas foi só vê-lo e algo me disse: agora é, estou seguro que agora é. Fui direto a ele. Estava de pé, muito quietinho. Meio assim. Olhando não sei pra que lado da rua. Fui direto, sem titubear. Logo de cara se via que não era dos nossos: tinha sapatos e uma bela manta de couro comprida até aqui, boa para os aguaceiros, já posso imaginar.

E pensando bem, sei lá porque ele carregava aquilo, se fazia bom sol. Pra nós se faz frio, a manta nos cobre. E se faz sol, é o sol. Mas aqui parece que é de outro jeito. Vai saber.

Não fui nem pra cá nem pra lá, e foi só tê-lo perto entrei direto no assunto. Eu acho que não me ouviu porque tive que repetir. Só a cabeça se mexeu de novo. Assim eu não sabia se mexeu a cabeça por causa do cigarro, e voltei a repetir: "Ouça, não tem trabalho pra mim?" Era época de safra, pelo menos já se sentia o cheiro de chuvas. Eu tinha minhas esperanças.

Agora não — ele me disse. E eu pensei: bom, se não é agora, não importa, eu espero. Mas como não falou mais nada, peguei o chapéu e comecei a dar voltas e voltas como um tonto. Como continuou sem dizer nada, bom, arrisquei uma explicação: “— Sabe — eu disse — não sou daqui da cidade, venho de longe. Venho lá dos lados de Celaya, e vim pra trabalhar. E aí o senhor é quem diz, topamos o que o senhor disser”. Fiquei contente só por mencionar minha terra. Valeu lembrar de onde vinha, me fez sentir que eu não era um pobre coitado, um qualquer. Já esperava os elogios: “Ouça — eu me sentia tão orgulhoso que soltei o comentário — lá praquelas bandas o milho é bom, dizem que a terra é negra, que o feijão é uma beleza, que quando chove o céu como que amamenta a terra.”

Não disse nem perguntou nada.

Ficou me olhando como se eu não falasse direito. Pegou outra vez o cigarro, virou-se assim como quem diz pra trás, pra ver a obra e me disse: “Não tem vaga, mano. Outro dia.”

Senti que o que ele dizia era e não era. Parecia que estava me testando. Por isso voltei a repetir: “Qualquer coisa, patrão. O senhor diz e nós topamos.” Como não disse nada eu continuei pensando que estava me medindo, só isso. “O senhor desculpe — recomecei de novo, e o chapéu já andava sozinho na minha mão e eu também sentia umas coisas nos *huaraches*, parecia que queriam andar, sair correndo. Mas pra onde? “O senhor desculpe, vim de Guanajuato, onde trabalhava a terra com um tio, mas o milho está ficando muito caro. Meu tio só me dava 25 pesos por dia e me disseram que aqui dão pelo menos uns cem pesos por dia. Olha que não é fácil. Faz dias que estou andando e perguntando e não acho. E o meu erro — e aí amaciei a coisa pra que entendesse — foi trazer a família e tudo comigo.

Bom, quase. Só a patroa e o moleque: el *chiquihuite**. Os maiorzinhos, que são três, deixei na casa da minha sogra. Por isso, estou precisado, senhor”, lhe disse.

E foi aí, acho, que o homem, que só olhava os *huaraches* e o chapéu, sentiu que eu estava numa pior. Eu não queria ir embora, assim por nada, pelo mesmo caminho dos meus sofrimentos, que não são muitos, mas são constantes; e já estava arrependido de ter falado da família e terra e tudo isso que se chama necessidade, quando o homem me perguntou: “E o que você sabe fazer, chefe?”

Senti que só a pergunta já me dava forças, e por isso aproveitei pra dizer que dou conta do serviço. Claramente, lhe disse: “O senhor diz patrão, sou do campo.” Ficou me olhando de novo. Tenho certeza que estava me examinando, para ver o quanto eu era bobo. Por isso arrematei: “Dirá o senhor, bom caipira. O senhor está vendo esta rua que vai daqui até lá? Pois eu com o arado traço uma linha retinha: mais de cem metros de sulco sem ir pra lá nem pra cá. Pra nenhum lado. Sim senhor, sou caipira dos bons. Só me dê uma oportunidade e verá.”

Mas não. Sabe Deus que coisa lhe gritaram lá de dentro que ele entrou sem dizer nada que eu entendesse. Já faz vários dias. Assim está a coisa. Veja só o senhor.

* *Chiquihuite* — expressão indígena mexicana que designa o menorzinho, o caçula. Também significa a cestinha para guardar *tortillas*. (N.T.)

O culpado

A mão era grande e áspera e, além disso, a penumbra da choça fazia-a parecer mais forte ainda, mais brutal. Igual a um martelo de moinho que repetindo mecanicamente seus movimentos, uma e outra vez, sem se cansar, ia da mesa à garrafa e com a garrafa à boca. Cada movimento era coroado por um estalar da língua do homem que assim festejava os goles de aguardente que vinha bebendo há horas. A mão rude deixava a garrafa e em monótono ritual vinha ao peito, para secar-se outra vez naquela suja camiseta empapada de suor e álcool.

“É pra celebrar”, dizia o homem com a voz cada vez mais pastosa e os lábios inchados. “É pra celebrar o pagamento”, dizia, e os olhos completavam a intenção ao brilhar com um ódio contido, alimentado, denso. Tão denso que lhe escorria da boca junto com a baba, pelo peito, nos braços, nas calças e continuava se espalhando por toda a sala. Ele penetrava pelos olhos de todos pelas orelhas, até se acomodar no ventre, onde se sentia frio misturado ao medo. Igual quando a gente agarra uma víbora, mesmo que esteja morta.”

“Quem deve paga e quem vem receber, recebe”, dizia entre gole e arrote, sentado na penumbra sob o teto de palma que junto com as estacas que faziam os muros, deixava passar uns teimosos fachos de luz, que implacáveis também soltavam pó, flutuando despreocupadamente.

Fazia pouco que Tereso chegara ali. Quatro meses no norte, quebrando a espinha de sol a sol, nas plantações de fumo de Nayarit. Depois, ainda mais ao norte, se arrastando no algodão que desgraça as mãos, e também as almas. Jamais quis deixar seu povoado mas a fome era tanta e o milho tão pouco que seu vizinho acabou por convencê-lo: “Vamos embora pro algodão, *don* Tere, o senhor vai ver como melhora nossa sorte; a coisa lá é foda, mas se ganham bons pesos.”

A Tereso lhe doía separar-se de seus filhos; de sua mulher, que além do mais era bonita: de seu querer como ele a

chamava. Sentia muito, nascera ali e dali nunca saíra. Bem ou mal “foi possível salvar aqui e ali”, mas nos últimos anos as coisas pioravam a cada dia. A terra ressecada quase já não dava nada, e por isso no ano anterior tinham comido todas as sementes e foi necessário pedir emprestado a *don* Chon. Ele nunca quis pedir, pois não gostava de fazer acertos por conta “mediante dívida”, sobretudo se tratando dos grãos que acabavam em pedacinhos com a vida dele e de sua família. Outros já tinham pedido em anos passados ao “*don*”, dono de boas terras, água e relações com a “otoridade”: e sempre ficava a má impressão que o pobre perdia e *don* Chon ganhava. Este ano pareceu-lhe que pagava todos seus pecados, devia ao *don*, e foi muito justo que a chuva, como se quisesse dizer antes de Chon estou eu, não quis vir a tempo. Não só não deu para pagar, como tampouco deu “pra comer”, e por isso, contrariado, tomou o rumo do norte.

Foi quando andava no meio do algodão que chegou perto outro morto de fome e lhe recomendou que “seria melhor que voltasse pra casa”. Um sobrinho do *don* rondava sua mulher.

“Esta vão me pagar”, disse durante todo o caminho. “Esta vão me pagar”, repetia andando entre o pó, entre os dentes, entre todos, entre a multidão do ônibus, entre as pessoas da estação e entre esta e as duas léguas de lodo até chegar em casa.

A mulher a um canto, com a cabeça baixa e as mãos entrelaçadas, tinha o olhar costurado ao chão. Sentada sobre suas próprias pernas, não reparava que estava nessa posição há horas e os dedos do pé já estavam roxos, se inchavam e agora se encontravam mais achatados que nunca. Terra e sangue pisado se confundiam. Para ela só existia esse aperto que lhe pegava a garganta, o peito e o ventre para sempre. Por isso não se mexia. Às interpelações do homem só respondia com um ligeiro movimento de ombros ou com um leve gemido. Sentia

que a alma se desgarrava em pedaços, como se soltara o lombo do boi que mataram na casa do *don* naquele dia em que a convidaram para almoçar. Ela, depois de dizer não muitas vezes, tinha ido meio por ir, meio "pra comer", meio "pra trazer alguma coisa pras crianças."

O olhar do homem lhe pesava como uma cruz, sentia-o em seu rosto, como punhal de gelo que ia por dentro, passava por trás do pescoço e chegava às costas reforçando essa sensação asfixiante que não lhe deixava respirar. "Diga-me então pra que foi", gritou o homem, seu homem. E o fio de lágrimas voltou a tecer o fundo de tristeza entre os olhos negros e a terra cinza. "Diga-me pois", voltou a lhe gritar Tereso, ao mesmo tempo em que a mão embriagada mas enérgica golpeava a mesa grosseira, tão grosseira que parecia parte da manopla, parte do homem que agora se levantava e vociferava agarrando-a pela trança. "A senhora foi de puta, não é? A senhora foi por dinheiro, porque são ricos." E com a outra mão jogou-lhe o dinheiro que nas plantações de tabaco e na colheita de algodão lhe havia custado sangue, a mulher, talvez a vida. "Tinha fome", disse a garganta sofrida, livrando-se só da tenaz de vergonha e medo que lhe apertava o peito. "Tinha fome", disse, e voltou a chorar. "Tinha fome e me agarrou à força". O homem a empurrou novamente e ela caiu de lado com todo o peso de sua aflição. O fundo de tristeza e o fio de lágrimas se misturaram na terra do chão.

Tereso não insistiu mais. Tinha lido claro no olhar baixo da mulher quando chegou. Da mesa pegou o machado, e machado e mão se fundiram com a força que dá a raiva, o ódio, a vingança, para já não mais se separar. O pano sujo e velho pendurado, fazendo as vezes de porta, se mexeu por trás de suas costas de homem de coragem, homem do campo, de suor. A mulher ficou jogada quase uivando, rodeada dos seis filhos que, aterrados, tinham assistido a tudo, há horas, de cócoras, chorando em silêncio.

Já não existia Tereso e machado, era tudo a mesma coisa, a mão se fechava no cabo e a folha de metal se balançava ao ritmo daquele braço, daquele corpo que ia buscando morte.

Tereso não achou estranho que o sobrinho do *don* já o esperasse. Havia mandado lhe dizer, pelo vizinho, que de tarde iria cobrar a conta. Assim que os dois homens se encararam começaram a enrolar o *sarape**, o outro o casaco, em volta do braço esquerdo. Sem reparar em seus movimentos, lenta e precisamente, com o olhar no rival, foram formando em cada antebraço uma bola, um escudo, cuja ponta com firmeza segurava a mão esquerda, como para dizer à direita, a dos machados, que ela também apertava.

Começaram a se mover em círculo, como a morte. Quatro olhos se amarraram e o suor começou a correr na cara daqueles dois homens que já não sentiam, que não viam nada ao seu redor. Tereso não sentia o corte no alto do braço esquerdo, nem percebia que o sangue corria por suas costas e que lhe salpicava a cara. A única coisa que lhe importava era completar o já começado.

“O filho da puta” foi se dobrando sobre seu lado direito, porque a machadada na perna foi tão forte que, não só lhe cortou a carne fazendo jorrar o sangue, como além disso, lhe partiu o osso à altura do joelho. Os golpes haviam sido surdos, o escudo do braço esquerdo e a roupa amorteciam o ruído, e qualquer pessoa, de longe, acharia que estavam brincando, a não ser pelo sangue que os empapava, a não ser pela morte daqueles olhos.

A tarde ficara para sempre quieta, mas foi cortada pelo ruído seco, como em tronco velho, que produziu o machado de Tereso quando se afundou na cabeça do sobrinho do *don*, fazendo com que o olho esquerdo saltasse da órbita, no encontro com a morte, enquanto o direito se nublava de sangue.

* *Sarape* — manta colorida usada no México, especialmente no campo em épocas de frio. Sem mangas, coloca-se pela cabeça. (N.T.)

Deu trabalho a Tereso tirar o machado do crânio inimigo. Ao pular sobre o morto para “fugir”, ainda viu que o olho fora de órbita o mirava com infinita raiva. Já não lhe importou. O que queria era ir para o morro, se perder, fugir, correr, porque agora a “otoridade” toda o perseguia. Era preciso escapar.

Desta vez não tem

“Não. Não tem: palavra que não tem” — a voz de Sotero era suave, muito clara, quase autoritária. — “Palavra — disse a seus primos e amigos que iam enchendo o quarto em pé de guerra. O quarto, iluminado só por uma lâmpada no teto, ia se povoando de homens e de sombras.

Um deles, agachado num canto, trazia consigo um rifle calibre 22, que, apesar da madeira do cano gasta pelo tempo, não podia ter melhor pontaria.

Quantos não lembravam com saudades de alguma noite de caça às lebres, amontados na traseira do velho caminhão do *ejido*, o tiro seco, implacável, longínquo que alcançava o pequeno animal correndo. Uma bala que o deixava olhando para o céu quando se fazia sombra da sombra entre os sulcos, ou pedras no matagal, até onde chegava a lanterna dos caçadores com sua luz amarelada, como a do júzo final. Mais que ao animalzinho em plena corrida, a luz alcançava o movimento até que o estrondo do 22 rompia com o silêncio anterior e fazia explodir o júbilo dos acompanhantes. Com tal rifle ele era um atirador muito seguro e para isso ali estava.

Um outro parente vinha empunhando seu 32 niquelado. “Muito perigoso” — diziam todos — “por causa do prateado acham você fácil à noite onde estiver; do lugar que está escondido ou atirando, praticamente você se deixa ver.” “Muito perigoso, não lhe convém” — insistiam sempre. — “Vão lhe caçar como a um veado, é só mirar no brilho.” Mas ele não deixava de empunhar a pistola firmemente com a mão direita, enquanto na esquerda levava um lenço amarrado que continha um punhado de balas 32 que, para cúmulo, cada dia eram mais difíceis de conseguir.

Não tirava a mão da arma, nem os olhos de seu parente e amigo, a que conhecia, sem falar muito, de sempre. Tinha-o visto desaparecer durante meses, abandonar o campo depois das colheitas, voltar uma vez derrotado, outra com algum

dinheiro, alguma outra vez de soldado, tantas vezes de soldado, mas nunca ferido, sangrando, como agora.

E apesar de ter passado vários anos no exército, Sotero nunca tinha sido mais que um soldado de confiança do sargento, às vezes até de algum capitão. Mas, agora, diante desse pequeno batalhão camponês, adotava atitudes de chefe, dava ordens de comando. Ia, com autoridade sobre os presentes, colocando as coisas em seu lugar. Dava golpes alternadamente no chão com um e outro pé, para sacudir o pó das botas e fazer ver que da ferida nem se lembrava. O que para todos era o centro de atenção, a razão de tudo aquilo, para Sotero, pelo menos aparentemente, não existia; a mancha vermelha sobre o lado esquerdo da base do pescoço não era nada, coisa alguma. Quando menos diante dos outros.

Sotero era bom de cartas, de baile, de aguardente, de pistolas e de mulheres. Mas, ao contrário do que acreditavam as pessoas, não aprendeu tudo isso por andar com os "milicos". Aos quartéis foi dar lições de malandragem. As manhas e as piadas de duplo sentido eram coisas dele, trazia tudo costurado ao corpo.

Mestre também em beber sem barulho, jogando à noite inteira, envolto em sua manta xadrez, quase sem se mexer. "Ás de ouro", dizia, sem muito alarde, só mostrando os dentes. Horas e horas sentado, bebendo, jogando; ganhando e perdendo como se tudo isso valesse a pena.

"Muito decidido para as coisas da vida" — diziam os velhos —, o bastante para dar prazer ao corpo, já bem entrada a noite; entre o rodar das saias, pó e palavrões. "Muito atrevido" diziam — para dar voltas e voltas com as senhoritas ao compasso do repique da bandinha nas praças dos povoados, na terra úmida e batida para as festas nos *ejidos* da região."

Mas o que trouxe, sim, de seus anos de quartéis e regimentos foram duas coisas: a mania permanente de lustrar as botas e uma grande facilidade para abrir cadeados.

“É coisa de paciência” — explicava às vezes — “é questão de ir encontrando o segredo de cada cadeado. Cada um tem uma ou duas combinações. O importante é sentir como se mexe a argola quando você vai dando voltas na peça de dentro. É preciso saber escutar, com a ponta dos dedos, o momento em que se penetra no jogo dele, que é o seu jogo. E quando já é seu, quando você o entende, isso lhe é sumamente útil” — sorria reforçando a palavra “útil”. “Fundamental” — refletia Sotero — no quartel, para transferir para seu armário sabonete e loções e até roupas do companheiro que deixou tudo debaixo de chave nos domingos em que está de folga. “Indispensável” — pensava — para alterar as listas de relatórios e anotações que vão para o comandante no dia seguinte. E útil também; às vezes, por que não, para pegar um espelho ou uma pistola que você vende barato, por uns trocados que lhe fazem falta; ou então para abrir um caminho fechado pelos patrões quando você acompanha em passo silencioso e noturno à sua amante, que trabalha na casa de gente fina, dessas que gostam de guardar tantas coisas.”

E com a camisa limpa e uns pesos no bolso ia aos domingos na pracinha do povoado onde estava aquartelado, para que lhe lustrassem as botas até deixá-las como um pequeno ponto de orgulho e reflexos.

Sotero, já com o brilho nos sapatos e nos olhos, dava “adeuses” e “bons-dias” a todas as moças que passavam por perto. Umas iam em frente, mas sempre havia alguma cara sorridente, uma fileira de dentes juvenis adornando a face morena e redonda, sinal suficiente para insistir até terminar no parquinho, num passeio de mãos dadas e às vezes, com muita música e suor, no baile que agita qualquer povoado. “E mais alguma coisa no matinho”, como ele dizia: pelo menos o gostinho de enfiar o dedo nos doces das mulheres.

Talvez por essa mania das botas sem pó e lustrosas é que agora não deixa de mexer, como cavalo mal cabrestado, os pés sobre o chão de ladrilhos.

“Foi de tarde” — relata Sotero — “quase ao cair da noite, no outro povado aqui perto.” Cala. Seus olhos se franzem querendo retomar as imagens do dia que, fazia poucas horas, foi se apagando no povoado vizinho.

Um caminhar no outro povado que se iniciou no meio da tarde, sem saber por que, como acontecem as desgraças ou algumas outras coisas.

Um andar para matar o tempo até onde havia um casario, onde sabia de antemão que podia topar com Antenor e que alguma coisa podia acontecer, pois os dois homens, como galos de briga, haviam se bicado um a crista do outro em mais de uma ocasião.

Nem o próprio Sotero sabia onde ou por que tinha começado a malquerença, essa forma de se falar e de se olhar que fazia mal aos dois. Talvez nem Antenor soubesse.

O que sabia, sim, era que um dia teriam que esclarecer o porquê da cara feia e talvez, mas sem dizê-lo, esse dia já vinha, já estava nele e por isso, com os pés entre o pó do caminho principal que une os dois *ejidos*, se dirigia, andando, ao velho conjunto de casas de tijolos.

Algumas das velhas portas escondiam atrás de sua madeira comida não mais que um grande quarto, talvez dois, onde uma família inteira se abrigava do frio do inverno do norte. Mas uma família no campo quer dizer pais, filhos, sobrinha, avó, nora. Um quarto onde não cabe um traste mais, onde você se machuca ao esbarrar nas pontas da mesa para não pisar naquele que descansa; onde se escuta o “cale a boca” envergonhado da mulher que aceita, já no fundo da noite, seu homem, quando acredita, porque precisa acreditar, que todos dormem.

Uma dessas portas se entreabriu e um par de olhos viram com indiferença a Sotero. Acompanharam-no em seu caminho durante alguns instantes, até perdê-lo na porta do boteco, onde entrou para se refrescar tomando uma cerveja.

Ao fazer isso cumpria uma espécie de ritual, uma seqüência de situações que talvez sem confessar já havia previsto. Então se deixou ver, de pé, do lado de fora do boteco com a garrafa na mão. Bebeu em sorvos, devagar, deixando que a cerveja acabasse sem pressa. Não era por sede que bebia em realidade, e sim para mostrar sua presença ainda que ninguém o visse. Bastava que ele mesmo soubesse que estava ali, tranqüilo, como quem vem buscar uma pá para o trabalho no campo ou um arame para as gaiolas.

Com o sol se escondendo por trás dos morros, sob o crepúsculo que se detinha para escutar os adeuses agitados dos pássaros, entrava no povoado um jovem arrieiro atrás de quatro ou cinco burros carregados de lenha. Sotero os viu trotar diante dele com passo curto e seguro; os animais o olharam de relance mexendo as orelhas em sinal de alerta, enquanto recebiam um par de varadas do arrieiro para que acertassem o caminho.

Quando os burros com suas pilhas de lenha mudaram de rumo, duas ruas mais ao fundo, o sol já se ocultara. Foi quando Sotero sentiu a mudança de hora. A tarde terminara. Apressou o último gole já um pouco amargo, momo; tirou uns pesos, pagou e esperou com calma o troco que em uma pilha de moedas a mulher do boteco lhe punha na frente.

Saiu do boteco quando o céu já se azulava e abria a escotilha do universo a primeira estrela do deserto nortista. Olhou em direção ao povoado, que estava quase vazio, e com passo tranqüilo deu as costas à rua, se afastando de volta ao seu povoado.

Quando Sotero tinha deixado para trás as últimas casas de tijolos que escureciam ao ritmo do céu, reconheceu a figura que vinha de frente, chegando perto dele; era Antenor. Não

mudou o ritmo do caminhar, deixou simplesmente que seus pés continuassem pisando a terra ruidosamente.

E também não deixou de olhar o rival nem se fez de desentendido, simplesmente continuou em frente como se fosse a uma porta que, sabia, algum dia teria que se abrir.

Não pensava em nada, simplesmente adentrava no que estava, e não estava mal. Não pensava atacar, muito menos se defender. Simplesmente avançava; o corpo foi com ele, com os braços soltos, o andar firme e a respiração serena.

Já muito perto, Antenor deu um passo de lado, mas sem desviar o olhar odioso. Sotero passou junto dele com a cabeça tranqüila, olhando-o sem provocar, mas sem lhe dever nada. Antenor foi em frente.

Sotero continuou escutando o ranger de seus passos, olhando para frente, em direção ao morro escuro. Não havia andado muito quando ouviu à suas costas a voz gritada de Antenor interpelando-o: "Pára aí, filho da puta!"

O insulto ressoou como um trovão no meio do povoado. Sotero virou-se e ficou olhando o outro como se este tivesse se enganado.

"O que você quer, Antenor?, eu lhe disse" — continuou relatando Sotero, calmo, embora os familiares o imaginassem ferido, desarmado —, "o que você quer, não ando armado."

— "Pois eu, sim, seu putto de merda" — me respondeu e levou a mão à cintura tirando a arma. Eu fiquei quieto, só olhando para ele. Estávamos a uns quinze metros um do outro e eu tinha ficado parado assim de lado, mas não me mexi, continuei olhando pra ele. Vi que levantava a mão tremendo enquanto me xingava. — 'Vou lhe matar, seu filho da puta'".

"Do primeiro tiro que me deu — prosseguiu Sotero — vi o foguinho e depois ouvi o barulho. Fiquei ali, só olhando para ele. Disparou outra vez e foi a mesma coisa, eu via a pistola, o braço e o olho apontando pra mim e senti a bala passar raspando perto da orelha, como o vento de um animal em fuga."

“Passou muito tempo, a mão dele continuava tremendo e outra vez me gritava: ‘Você vai morrer, filho da puta.’ Eu não me mexia nem lhe tirava os olhos de cima. Foi na terceira chumbada que senti que me pegava. Quando recebi o tiro e pensei que ali ficava de vez, joguei-me para um lado do caminho, pra que outra bala não me acertasse. Estava muito escuro. Então Antenor deu meia-volta e foi correndo para o morro.”

“Quando me vi no meio do mato de noite, me levantei e vim caminhando. A princípio não sentia nada, depois quente, muito quente. Percebi que caminhava e vinha suando. Ao chegar aqui, sentei e tomei um golpe de aguardente.

“José me examinou e foi buscar o doutor.” “Não deve demorar” — disse. Sua voz era demasiado tranqüila, estava revestida de uma impressionante calma, notada por todos os presentes.

“O tiro que senti voar perto de mim me fez um furo na gola da camisa.” — disse, enquanto procurava o pequeno orifício. Nisso, o pequeno batalhão que preparava a vingança esticava o pescoço para ver o buraco.

“A terceira chumbada ficou dentro de mim, aqui a tenho”, concluiu com a voz serena, enquanto mostrava o local com a mão e um gesto da cara.

Sentado no fundo do quarto, Sotero parecia distante. Apesar disso, a mancha vermelha na base do pescoço o inundava por inteiro: umedecia as mãos sobre as pistolas, manchava cada pupila, cada olhar.

As propostas se alternavam. Alguns, com o espírito de clã correndo quente nas veias, queriam sair já para devolver bala por bala. E até lhes parecia tarde para dar um tiro em Antenor, que havia disparado à vontade. Lembravam também velhas picuinhas, bravatas, olhares sombrios, provocações enfim, que queriam cobrar. Outros preferiam o caminho da denúncia ante a lei.

— Vamos trazê-lo para você, irmão — alguém disse — vai lhe pedir perdão. É só nos dizer como você o quer, meio vivo ou bem morto?

— Deixem que vá embora. Eu já disse que não tem bronca. Deixem que vá embora — insistiu firmemente. Deixem que vá embora porque eu até lhe agradeço isso.

Não foi fácil para aqueles homens entenderem as palavras do ferido, a elas se acostumarem, como quando é preciso que os olhos se habituem à escuridão de alguma sala fechada.

Para alguns deles era perfeitamente evidente, quase mecânico, reunirem-se para decidir como caçar aquele homem. Ao longo da narração do amigo ferido, tinham imaginado como juntar armas, pôr no bolso algum dinheiro, carregar um punhado de balas ou bem despedir-se das mulheres que nas casas ficavam com o olhar e a alma já enlutados. Estas também sabiam o que no campo significava voltar a transitar pelos caminhos da vingança.

Quem seria capaz de cuidar das balas, amansá-las, sujeitá-las à obediência, quando já tinham sido disparadas? Quem podia garantir que Antenor se defenderia sozinho, que não armaria um tiroteio mais nocivo para aqueles homens que a própria raiva?

Outros, durante a amarga narração, tinham tramado o caminho da acusação, o indiciamento oficial, a busca por parte das autoridades e o castigo por prisão e repressão policial.

Sabiam que este podia ser o mal menor. Era um caminho conhecido por alguns: famílias que precisam se mudar, abandonar o povoado e aquela oportunidade de vida para enfrentar o que vinha da autoridade, quando chega a hora da desgraça para alguém.

Sabiam que haveria declarações, acertos e mentiras, testemunhas e até o risco de que tudo casse em cima deles; de que o acusado se convertesse em acusador e eles ficariam à

mercê de qualquer situação injusta e até paradoxal. Mas ainda assim, sentiam que tinham que fazer alguma coisa.

Pelo quarto mal iluminado, desfilavam, entre confusões, arrebatamentos e silêncios, as imagens que os homens reunidos, com suas dores e suas sombras, faziam desfilar uma atrás da outra. Voltavam a eles também as cenas de Antenor com a arma para cima. Antenor atirando em Sotero indefeso. O silêncio da tarde arrebatado a chumbadas, um céu encapotando de negro os morros; a escuridão fazendo com que se beijassem o firmamento e o caminho. E Sotero agüentando a chegada das balas com os olhos. E entre todas essas imagens tão presentes e claras, ressoavam as palavras de Sotero, que repetia, que insistia como se ninguém compreendesse nada: "Deixem que ele vá embora, eu já disse que não tem bronca, que até agradeço porque agora sei bem que não tenho medo. Deixem-no, porque este puto de merda que atirou em mim me deu a oportunidade de saber que se chegar a minha vez, não vai me pegar com medo."

"Não tem bronca. Desta vez não tem", — corria um murmúrio, uma vibração nas costas dos homens, que armados ainda desapareciam entre o casario, a noite já muito avançada.

Paulino's

Pra que lhe digo irmão, se você já sabe. Tudo isso é pura babaquice, disse Paulino pela boca velha, cuspidando as palavras através dos buracos dos dentes comidos pelo tempo.

As palavras e os gestos o vento leva, se transformam com o bramido do mar. Fora da *palapa**, na praia, chove muito, a cântaros. Debaixo das palmeiras chove menos, mas sempre um pouco. Lá fora chove tanto que se tem a sensação de que o mar vai se molhar. Chove faz seis ou sete dias; um mais, um menos, dá na mesma. Chove na praia, chove na areia, chove sobre os peixes do mar. Chove no cerrado, também sobre as palmeiras chove e toda a água vai para o mar.

A cor das plantas se torna intensamente verde. O céu, ao contrário, é cinza. Nas plantas chove água verde. Essa água não escorre, fica nas plantas e não vai para o mar.

“Assim chove sempre nesta época, irmão — bufou Paulino. — Por isso chamam de época de chuvas. Pra que chova, irmão. Chegam os turistas, todos bem-vindos, parecem lombrigas, e me perguntam o senhor acha que amanhã não chove? E eu, você-imagina, pois lhes respondo que não, que amanhã com certeza não chove; é o que querem ouvir. Mas já deviam saber que em época de chuvas a água vem pra cima da gente. Parece que não entendem, voltam no dia seguinte, me perguntam a mesma coisa; me dizem as mesmas coisas, que nos hotéis cobram uma barbaridade, que não tem peixe fresco, como é boa a comida aqui na *palapa*, os pescadores, sei lá. Não percebem que quanto mais hotéis menos peixe, irmão, menos pescadores, menos mergulhadores, menos marisco”.

“Você tem af Acapulco. Quer melhor exemplo?”, gesticulou o velho, movendo-se entre as mesas e cadeiras de

* *Palapa* — tipo de barraca com teto de palha, muito comum nas praias mexicanas, onde se come peixe frito na hora e também coquetéis de camarão, de ostras, de polvo e lula. (N.T.)

madeira pintada de branco e azul-marinho que é toda a mobília do restaurante de praia Paulino's. "Quando chegou o general Cárdenas em 33, eu era mergulhador. Era jovem ainda, mas então já tinha muito marisco vermelho, esse que agora chamam de marisco de Zihuatanejo*, porque todo mundo acha que só tem lá. Você pegava ele na beira d'água, na praia, grande, não cabia na palma da mão, as conchas brilhavam de tão lindas, reluziam de tão grandes. Lembro do general, todo de branco, calças brancas, camisa branca, chapéu de palha branco, de pé na praia, bem humorado, comendo marisco, conversando, perguntando tudo a nós, mergulhadores e pescadores. Parece que gostava muito de ouvir o povo.

"Aí então você encontrava o melhor peixe, assim fácil. Depois chegaram os hotéis, queriam que a gente trabalhasse de garção, ou na limpeza, que não vendêssemos mais peixe na praia, que fôssemos embora; e no final tivemos que ir. Vai agora a Acapulco, você não encontra nada, tudo vem de fora, congelado, da Cidade do México, de Vera Cruz."

Paulino se desanima. As rugas da cara se fazem mais profundas. Cala-se algum tempo; todos silenciam, todos olhamos o mar.

Acapulco era um porto de pescadores com comércio pequeno, lendas, histórias das naus da China*, de bandidos pelos caminhos, de guerrilhas, de violência na *costa chica*. Ah, a *costa chica*!* Suas histórias de assassinatos e de raptos, de

* *Zihuatanejo* — outra praia mexicana, também no estado de Guerrero, onde está Acapulco, mas muito menos famosa internacionalmente. (N.T.)

* *Naus da China* — Relatos da época em que barcos chineses, depois da conquista do México pelos espanhóis, chegavam às costas de Acapulco com seu comércio e sua gente exótica, despertando na população local todo tipo de histórias cheias de intriga e imaginação. (N.T.)

vinganças à noite; de punhais em mãos embriagadas, adagas de coragem em olhos injetados. Aguardente nos sábados à tarde, música com alegria bêbada, domingos com mulheres na missa e redes na sombra.

Costa chica e costa grande de Guerreiro, onde uma irmã violada traz vergonha e sangue. Uma fuga para a Cidade do México; uma família que abandona os mortos e a terra.

Acapulco também era suas canções e seus poetas que se balançavam com as ondas do mar. Crianças que sorriam, violões *caracoleros** que falavam de beijos para as mulheres e montanhas para o jaguar. A praia era de todos; depois de cantar e atravessar a noite dormia-se no hotel "cama-areia".

"Tinha marisco — continua Paulino — lagosta, ostras, polvo. Muito polvo. Claro — concorda — muito polvo porque tinha muito marisco. Já viu,— comenta afirmativo — a delícia do polvo é o marisco.

"A gente achava a cova dos polvos pela quantidade de concha de marisco que deixavam na entrada. O polvo é malandro, irmão — diz o velho sem dentes.— É malandro mesmo, tira o marisco da areia com o tentáculo e o leva à cova; com o dente que parece de periquito que tem embaixo, raspa a concha até perfurá-la. Faz um buraquinho como se fosse de broca e por ali joga a *la tinta* pra dentro. Com isso o marisco abre e o polvo o come.

* *Costa chica e costa grande* — O autor se refere a duas regiões geográficas de Acapulco, a costa pequena e a costa grande, afastadas da área turística e habitadas por gente mais velha e mais aferrada aos costumes locais. (N.T.)

* *Violões caracoleros* — Tipo de violão da região de Guerreiro tocado com muita rapidez, uma rapidez parecida com a do caracol. Daí, o termo "caracoleros". (N.T.)

“Mas você tinha que ver — exclama — quando o marisco sente o polvo, sai disparado, se abre e se fecha rápido, uma e outra vez; vai deixando só umas bolhinhas atrás como um avião a jato. Foge abrindo-se e se fechando, assim ele corre, as duas conchas se buscando, parece que gritam apavoradas. Quando são alcançadas pelo polvo, já não se mexem, ao contrário, se fecham, mas aí é que está a manha, irmão, que sempre tem, e aí se fodem mesmo: pra dentro da cova, o buraquinho, *la tinta*, pra dentro da boca e acabou. Mas o animal no seu crime deixa rastro, irmão, porque então o mergulhador que conhece a escritura do mar, desce com o gancho, vê onde tem muita concha perfurada, vê a cova, mete o ferro e o polvo vira coquetel.

“Ao mar — o velho já nos disse tantas vezes — é preciso observar com cuidado, respeitá-lo, entendê-lo. É coisa diferente, que tem seu rigor, que não é exato mas nunca falha. Não se parece nada com isso que imaginam os que fazem as leis. Que a partir de tal data — Paulino ri — está proibida a pesca da ostra para proteger a espécie. Babaquices, irmão. A data não tem nada a ver, homem, nada, o que importa é a chuva, como agora, a ostra se reproduz com a água doce. Chega a chuva e a ostra fica leitosa; isso são os ovos. Então sim, não se deve pegar a ostra, tem que deixar que se reproduza, além disso tem gosto ruim, de leite e não de mar. Ela se cola na pedra e aí põe seus ovos, a onda tudo cobre com areia, assim não tem perigo de que os peixes comam os ovos. De repente, vem onda brava, desfaz tudo e você vê milhares de conchinhas que vão crescendo nas pedras; e você sabe que vai ter ostra pra muito tempo. Nada a ver com a data. Proíbem a pesca mas que adianta, se não chegou a água doce, pra tirar ostra só para agradar a mulher, irmão. O resto são babaquices, amigo, — resfolega — fazer o quê!

“Isso deviam fazer os turistas quando chove — sorria — não ficar tristes, e sim pensar nas conchas, nessa coisa da reprodução... Pra isso, irmão, nunca tem proibição! É bom esse negócio do leite e da reprodução!” Põe a língua entre os dentes

que ainda sobram, aperta os olhos, esconde-os entre as rugas e faz um gesto de prazer, de Paulino, como ele diz, gostosão.

A chuva sobre a *palapa* do Paulino's dá razão ao velho. A chuva aperta, o temporal se fecha sobre a praia. Continua chovendo. As palmeiras se inclinam pingando, se agachando ao sentir que o céu lhes cai em cima, que as empapa, que quer afogá-las.

Que pensarão os peixes quando chove, lá no fundo do mar? Como verá o *pargo*, a *lisa* ou o *gallo* com seus olhos redondos, essas mil varinhas de água que se enfiam, como raios de luz instantâneos, como cristais que ferem a pele do mar? O camarão espera que tanta chuva rompa a barreira do esteiro para precipitar-se por uma saída de água doce em direção a uma infinita liberdade salgada.

No fundo escuro do oceano ele acabará de crescer, fugirá de outros peixes como escapava no esteiro, pequeno, da *mojarra* que com ele se divertia. Quanto espera também a chuva o robalo, para vir ao esteiro desovar?

Paulino diz que quando chove assim, como hoje, o mar se move porque sente cócegas no lombo, que é como um grande animal.

“Veja bem — retoma Paulino olhando o verde da montanha que quase nada entre as nuvens de água. — De Acapulco saíram bons nadadores. A gente lembra agora de Apolonio Castillo que era mergulhador como nós, lá pelos anos cinquenta. Mas na verdade não é que fosse tão bom assim ou muito melhor que os outros, sim que ficou famoso porque morreu tentando tirar os corpos de uns *gringos** que se afogaram no meio da baía.

* *Gringos* — expressão típica mexicana para se referir exclusivamente aos cidadãos americanos (e não aos estrangeiros em geral, como no Brasil). A palavra tem também às vezes uma conotação pejorativa revelando a secular antipatia do mexicano pelo americano. (N.T.)

“Tinha um primo, outro dos Mejías — lembra — esse sim era bom nadador de verdade. Não era muito alto nem forte, mas nadava como um tubarão. Ele se jogava *lá do alto** e todo mundo ficava tonto só de ver a esteira que deixava atrás. Uma coisa bárbara esse homem pra nadar, irmão! Tinha os dedos dos pés grandes, não usava sapatos. Parecia que não tinha pés, tinha asas!

“Foi competir com uns centro-americanos ou paname-nhos. — Paulino hesita se acomodando de novo na cadeira de madeira onde a chuva salpica. — Não se classificou. Acho — insinua como desculpa — que a comida lá lhe fez mal. Parece que praqueles lados eles comem coisas estranhas. Agora está gordo, anda por aí trabalhando na Cidade do México como garção, mas naquela época nadava que era uma barbaridade”, conclui o velho sem deixar de olhar o mar.

A pele muito queimada, já um pouco flácida. Velhos músculos trabalhados que falam de muitas épocas de chuvas, de esteiros virgens de antigamente, de redes que pegam peixes e peixes que vêm desovar, de desvãos na água que acariciam o fundo das embarcações, de polvos enganchados fazendo mala-barismos com seus tentáculos. Pele que vibra com a risada, que se arrulha na rede, que se faz profunda de noite, que não se molha mais, mesmo na profundidade do mar. Pele enegrecida de praia, pele tranqüila de homem que repousa. Pele do velho Paulino, amigo, compadre, mergulhador, bom para fazer fi-

* *Lá do alto* — aqui o autor se refere a um perigoso e tradicional esporte em Acapulco, também meio de vida para os jovens pobres, *el clavado* (o mergulho), no qual o nadador (*el clavadista*) se lança ao mar do alto de uma pedra, a uns 50 metros de altura, caindo na água, com precisão absoluta, no momento exato em que a onda arrebenta entre as pedras e os rochedos lá embaixo. Do contrário, se não for exímio, se despedaça em seco. (N.T)

lhos: “tenho vinte e dois, irmão, e este”, indica com as mãos o meio das pernas, “ainda responde como um soldado. Se você não acredita”, provoca com malícia, “bota a mão nele”. Ri, vivo outra vez. O buraco na boca aparece e desaparece a cada frase, a cada história. Fica alegre: “bota a mão nele”.

Fica reflexivo; “Sabe, esses turistas, essa gente metida que vem de todos os lados na verdade não sabe nada de nada. Olha, um deles me dizia que tinha veneno na água porque havia muitos peixes mortos na praia. Esse amigo diz que olha mas na verdade não vê. Eu lhe digo, como é possível não perceber a lua cheia? De sua força sobre as ondas e os animais de dentro e fora do mar. Incrível, não ver que quando tem lua cheia a maré sobe, os peixes vêm morrer na praia, os caranguejos meio tontos andam daqui pra lá. Quando tem mar revolto, as gaiivotas não saem para pescar, tudo muda, você tem que ver”. Leva o dedo indicador ao olho em sinal de observação.

“Tem que ver o que o céu, os animais, as ondas nos podem ensinar.”

Pescador curtido de sol e de sal, sem dentes, de mãos hábeis com o gancho e a faca. Boca gozadora às vezes, com um pouco de mágoa também.

“Foram jogando a gente pra fora da praia. Queriam o melhor de Acapulco só pra eles. Pra nós, um uniforme de garção na Cidade do México, ou de jardineiro de hotel. Foram botando a gente pra longe.

“Outros de nós vieram pra cá, levantamos a *palapa* com muito esforço — olha o teto de palha, põe a mão nas costas, se encurva um pouco. — Aqui também os hotéis querem acabar com a gente. De qualquer jeito, com sol ou com chuva, querem tirar a gente daqui. Por isso fui morar longe dos hotéis, onde tem inundações. Fui um dos primeiros”. Paulino se levanta, toca o peito, se segura sobre duas pernas fortes. “Agora somos uns cem, acho que uns mil. O negócio deles é foder com a gente, o

nosso negócio é agüentar firme. Eles estão fodendo com a gente, é verdade, mas nós estamos crescendo, cada vez mais.

“Mas tudo isso são babaquices, irmão. É o que lhe digo, babaquices, mas digo tudo isso pra que você, se quiser, pense um pouco. Olha que chove muito e a chuva ajuda a pensar.”

Morte calculada

Estava falando tão baixo, tão suave como ela podia. A rua um pouco estreita e sem guias a ouvia em silêncio. Como referência a rua tinha casas contíguas, quase todas de um só andar. As cores berrantes faziam algumas mais notórias. Por trás das pequenas janelas que davam à rua — de madeira umas, outras de metal — se escondiam interiores modestos.

Um poste semelhante a um mastro absurdo, ancorado por dois cabos tensos, recortava sua silhueta. Só entreabria os lábios, empastava os “esses” e arrastava as palavras, como passos num atalho. Na realidade, além do cicio não havia grande emoção, a menos que se notasse outra coisa: o tom da voz, a cabeça de quem sabe das coisas, baixa, e o caminhar estudado, talvez lento. Nesse momento não chorava, explicava.

— Ele está sendo velado — disse sem olhar o chão, reacomodando os braços sob o velho e usado *rebozo**. — Foi um golpe terrível, dizem que não dava para reconhecer o rosto e deixou tudo cheio de sangue. Melhor assim, não sofreu — terminou dizendo convencida de ter encontrado o momento de assumir a situação e frases outras vezes vividas, ouvidas em outras ocasiões, esculpidas por outros lábios diante dos quais ela havia então assentido como quem diz amém.

— Quem avisou, comadre? — perguntou o interlocutor enquanto girava entre as mãos um chapéu de palha branca, já meio gasta pelo tempo e pelo suor, ele duro e com jeito de detetive, mistura de campo e cidade.

— Vieram uns garotinhos correndo -- respondeu a mulher de dentro de seu *rebozo*, apressando-se um pouco para não deixar escapar a oportunidade de ser ela quem dava mais dados, informações, esclarecimentos; enfim, de participar. —

* *rebozo* — tipo de xale, de forma retangular, usado pelas mulheres mexicanas. (N.T.)

Chegaram correndo e gritaram à Esperancita. A coitada saiu muito espantada e foi quando lhe disseram. Não queria acreditar. Saiu correndo como louca até chegar ao lugar onde ele estava estendido. — Os olhos do carpinteiro se enraizaram nos olhos dela, que mudou de repente a voz. — Dizem os molequinhos que estavam brincando com pedras quando viram a poeira, mas que não disse nada. — Tirou a mão direita do *rebozo* e a levou à face para acompanhar o movimento do rosto que terminou num estalido, vindo em seguida de novo o tom de lamento, o das situações inevitáveis. — Coitadinho do Rupertito, quem diria, tantas vezes passou por aqui e que hoje seria seu dia. O senhor, *compadrito*, já sabe, quando é a vez da gente é a vez da gente. Agora sim, não tem mais remédio, quem diria, mas que vamos fazer, é o destino, e que Deus o tenha em sua Santa Glória, o bom é que ele não sofreu.

Abriu-se uma pausa que terminou com um sereno e quase doutoral “espere um pouco, comadre” do carpinteiro, que indicava com a cabeça enquanto dizia “lá vem Esperancita”.

Os compadres calaram e permaneceram quietos enquanto a viúva chegava perto com um maço de velas nas mãos e com essa auréola que paira sobre os parentes do morto, e ficamos sem saber quem é o centro do assunto, se quem chora ou o defunto.

— Como vai, don Pepe — cochichou Esperancita ao estar junto do chapéu e do *rebozo* agora quietos. — Viu, a desgraça chegou pra nós, quem diria, meu Rupertito estava velho mas ainda tinha boa saúde. Entrem — disse inclinando o corpo para abrir um velho portão que algum dia havia sido verde e que agora, talvez pela dor, se queixava também serrando com sua chorosa madeira o vento do entardecer. Entrem, entrem. Acompanhem a gente, a senhora também, Panchita, que Deus queira e os seus vivam muitos anos.

— Coitadinho do meu velho — respirou, suspirou —, como vou sentir saudades. Estava tão bem. Ontem fomos à igreja e pedimos a Nosso Senhor Deus por todos, até pelo desgraçado do Raul, que foi morar nos Estados Unidos e não volta mais. Ai, Panchita — disse triste com os olhos já no alto-mar e os pés perdidos em um velho quintal de terra pisada, — me sinto tão sozinha.

Juan, mesmo coxo da perna direita, era bom cavaliço e sobretudo já tinha encontrado o jeito de don Jorge. Apesar disso, aquela manhã tinha visto o patrão resfolegar e contra o hábito se atreveu a lhe perguntar: “Don Jorge, já encilhou o Lucero pra amanhã?”

O homem que respondia pelo nome de Jorge virou, firme sobre seus pés, enquanto de maneira gentil mas vigorosa batia na calça com o chicote que sempre tinha na mão direita. Deixou cair suas palavras de maneira vigorosa: “Por que você me pergunta, Juan? Você sabe que amanhã venho aqui, como todos os dias, sabe disso — voltou a bater com o chicote, — às sete e meia. Amanhã tenho vontade de sair ao campo, quero dar uma boa volta com todos os cachorros, por aqui já não dá para andar a cavalo, tem muita gente e cachorros por todos os lados. Que chateação nos causaram, com a construção dessa marginal. Bom — disse dando o tom da conversa que quase sempre era um monólogo — se minha mulher telefona você diz que já fui para casa, que tenha pronto o meu café”.

O homem de costas grandes que algum dia vivera, faz anos, no interior, abriu a portinhola de seu Ford último modelo, colocou o chapéu texano, sempre deixando uma aba mais alta que a outra. Embora cinquentão, continuava acreditando ou deixando acreditar que as mulheres preferiam o boa-pinta ao bom carro. Ajeitou-se diante do volante, cumprimentou displi-

cente o cavaliariço que já passeava o indócil Lucero e foi para uma casa moderna e cômoda ao sul da cidade, onde um mordomo já o esperava com a porta aberta para que seu carro pudesse entrar num lindo jardim de grandes freixos e toscos pinheiros que marcavam a casa estilo californiano, com detalhes franceses, e que junto à escalinata principal luzia um pequeno e delicado jardim japonês.

— Tudo bem, meu reizinho? — A mulher o recebeu vestida num robe grande de seda vermelha e chinelos brancos de pele de coelho. — Você tomou muito sol. — sorriu e se aproximou para lhe dar um beijo na face mais por costume do que para realmente beijar. — Os coitadinhos do cachorros ficaram tão tristes porque hoje você não os levou para passear — continuou enquanto subia uma escada atapetada azul, com as mãos ocupadas em levantar o robe para não pisar em cima.

— Sim, eu também senti falta deles — respondeu don Jorge — mas eles sujaram muito o carro, Jacinto ainda não sabe lavar bem e acho que já estão me esperando no escritório. Vou tomar um chuveiro rápido, ficou tarde para mim, — adiantou o homem, sempre o patrão que deixava suas marcas de pó sobre o tapete sem reparar nisso, como não reparava em tantas coisas da vida, em tantos lugares onde pisava, pois só sabia olhar de frente, para adiante.

A mulher, com monótono carinho e improvisando uma pressa que nunca sentia — pouco lhe importava o escritório — ofereceu ovos com *bacon* ou *hot cakes*. Don Jorge, como sempre, ficou com os ovos; de dentro do chuveiro pediu sua roupa e ao se secar lembrou que não havia mandado ao tintureiro “o terno marrom claro que já tinha um botão caindo”.

Fez tudo com relativa pressa, leu as manchetes do jornal enquanto sorvia o café em pé, deu bronca na empregada porque o café estava quente e ela sabia que ele tinha pressa. Despediu-se de sua mulher com um beijo superficial e foi embora tocando

repetidas vezes a buzina do carro, para que lhe abrissem as portas da garagem.

O sol ia a pino sobre o quintal varrido há pouco. Gagárin, o cachorro, coçava as orelhas com a pata esquerda fazendo esforços para se equilibrar, as galinhas bicavam o chão simulando comer alguma coisa, que só enganava a fome e o observador; e don Ruperto dava uns passos pequenos, incertos, enquanto abaixava a cabeça até a cintura e apertava mais o cinto, o que fazia a velha calça, que sempre ficava grande para ele, ainda mais larga.

— Esperanza — disse ainda com as bochechas cheias pelo esforço para fazer o furo no cinturão — já venho, não demoro, só vou dar uma voltinha e regresso.

— Ai, Ruper — disse a mulher em tom resignado, secando a mãos no avental, — você acaba de sair da missa, e já vai por aí tomar uns pileques? Será que você não pode sossegar só uma vez?

O velho se aproximou do portão e resmungou:

— Por que pileques? Só vou e volto. Pra que me encher o saco, e tão cedo? — Sentiu-se forte e continuou: — Faz pouco vi meu compadre e lhe disse que ia sim. Pô, já não dá pra não ir...

Já abrira o portão e dera um passo fora e para terminar de convencer a mulher, lhe prometeu não demorar, “só tomar uma pela saúde dela, pois na igreja fazia muito calor”.

A mulher tentou não se dar por vencida e recorreu ao bom senso:

— Lembra como você passou mal no outro dia, você disse até que não bebia mais, e agora vai lá outra vez.

Don Ruperto já fechava a porta, mas voltou para brigar um pouco pelo que dizia ser o seu único gosto, alegando que

com esta “porra de sol”, uma geladinha cairia muito bem. Fechou afinal atrás de si o portão verde e roído e se fundiu no barulho da rua, no sol, na queixa rebelde da música caipira que a todo volume era tocada na vitrola domingueira do boteco.

Adivinhando a cena, o compadre o recebeu com ar de gozação:

— Você tem chegado tarde — sorriu. — Que é, a minha comadre está lhe enchendo o saco? Não deixe, mostre-lhe os dentes, elas são assim, quando montam na gente não querem descer mais.

— Não — o velho cortou — é que tirei uma sonca depois do almoço e já estava me sentindo muito mal. Parece que comi um boi. O senhor sabe, minha velha faz um feijão ótimo. A propósito, compadre — insistiu don Ruperto enquanto puxava uma cadeira de metal que rangia deixando ver um grande logotipo de cerveja no encosto — não vi o senhor na igreja. Que é, o senhor já não pode nem pecar mais? Porque eu — deixou cair a voz sobre os amigos, e o corpo sobre a cadeira — como o senhor vê, compareço direitinho com minha velha e tenho até maus pensamentos.

O compadre o acusou de falador, o outro de sonhador, mas a conversa era gostosa, contínua e repetida, enquanto circulavam as cervejas e o *pulque**. Chegou o momento em que um deles perguntou uma coisa três vezes e três vezes lhe responderam a mesma bobagem. Por fim desistiu, abraçou o compadre enquanto lhe dizia: “O senhor me entende”. Os temas se misturavam, a conversa ficava pastosa, cheia de arrotos e cusparadas, barulho de cadeiras arrastadas, mesas golpeadas, “filhos da puta” e “caralhos” brotavam e voltavam como a espuma de um rio que cresce. As lembranças iam e vinham.

* *pulque* — líquido extraído de um cacto mexicano, *maguey*, e que é a bebida alcoólica popular no México. (N.T.)

— Isso aqui já não é como antes — clamava don Ruperto. — Lembra compadre, quando saímos do povoado e queríamos ir à capital ganhar uns bons trocados, que chegamos aqui e gostamos porque parecia nossa terrinha? Pô, já viu, se a gente não fica esperto na hora de sair na rua, um porra de carro lhe passa em cima, fácil, e você vai pras picas.

— É verdade, don Ruperto — disse outro dos bebedores de olhar estancado — nem fale da gente, até as pobres vacas não têm mais pasto. Vamos ver se se acostumam a comer piche — terminou negando com a cabeça e movimentos de reprovação com as mãos. Mas os olhinhos brilhavam quando começou a dizer que nem tudo que muda é para pior, que havia coisas que, ao contrário, com o tempo ficavam melhores, mais madurinhas.

O compadre adivinhou a intenção e com fingida ingenuidade perguntou ao velho pela sobrinha Carmelita. Don Ruper os separou com carinhosa brusquidão, mandando-os “*a la chingada*”*. Mas não deixou de reconhecer que a garota tinha crescido e que ele não gostava nada do fato de que ela já andava caidinha pelo carpinteiro.

— Pois então à saúde das mulheres — concluiu o compadre enquanto levantava o litro de *pulque* e o levava, hesitante, à boca, até que o líquido chegou aos lábios, ao peito, aos pensamentos e começou a se sentir totalmente ébrio. — A última — disse com dificuldade.

— A penúltima — disseram os outros homens de alegria temporária e embriagada.

* *a la chingada* — Um dos mais fortes e pesados insultos mexicanos, cujo equivalente — não tão violento — seria o nosso “vai à puta que o pariu”. (N.T.)

Don Jorge chegou ao escritório com ar de homem cujo tempo é muito valioso, entrou diretamente em sua sala, cumprimentando a secretária ao passar.

— Bom dia, doutor, — respondeu a moça tentando ser amável ao sorrir, mas não havia tempo nem para isso.

Um homem bem vestido levantou-se do fundo de um dos cômodos sofás de imitação de pele negra, tentando chegar perto de don Jorge, mas não conseguiu. Teve que esperar que a jovem bem vestida e com pernas nada desprezáveis o anunciasse, depois de fazer umas duas chamadas que o advogado lhe pedia pelo interfone.

Finalmente, don Jorge deu instruções para que o dr. Villar entrasse, enquanto pedia café para o visitante e para ele.

Eugenio del Villar entrou com o melhor de seus sorrisos e estendendo as mãos em gesto amistoso; não pôde, contudo, terminar o cumprimento efusivo pois don Jorge já ia atendendo a outra chamada e com a mão esquerda o convidou a sentar-se. Del Villar negava ou assentia com a cabeça acompanhando a conversa de don Jorge. Este parecia não responder de muito boa vontade embora em nenhum momento perdesse seu tom tradicional educado e cortês. Quando o homem que era parte desse ambiente de tapete, escritório, plumas douradas, uma linda lâmpada e intrínseca importância, disse que aceitaria com prazer um almoço de lagosta e vinho branco, o visitante, que agora sorria à bela secretária e seu café com adoçante, viu que a conversa telefônica terminara. De novo colocou toda sua atenção no bem arrumado don Jorge, que já se desculpava pela chata interrupção dizendo que falava com uma dessas pessoas que temos que suportar e finalmente a gente nem sabe por que faz isso. “Enfim, são essas coisas e não acho que elas vão mudar da noite para o dia”, aceitou.

— Mas o senhor não podia deixar o almoço para outro dia? A semana está começando, quem sabe mais tarde — condescendeu del Villar.

— Pois sim — respondeu aborrecido don Jorge, se acomodando na poltrona e procurando os cigarros nos bolsos do paletó. — Acontece que adiei umas duas vezes, e agora já não dava mais. Este jovem me foi apresentado pelo dr. Ramirez, que o senhor conhece muito bem, nos conhecemos num almoço e agora francamente não consigo tirá-lo de cima de mim. Tem muitos projetos na cabeça. Os jovens de hoje querem ganhar dinheiro rápido. Não percebem que nós tivemos toda uma vida de trabalho para poder chegar a ter o que temos. Pensam sempre num negócio milagroso, que depende da boa sorte e dos bons contatos; que com uma boa dica, como eles dizem, ficam milionários. Este jovem — explicou — anda querendo abrir uma fábrica de pilhas que vendem bem nos Estados Unidos. Está convencido de que pode ganhar muito dinheiro. Parece que já até conseguiu o capital necessário para tocar o negócio e agora quer que eu o leve ao dr. Flores, o Ministro da Fazenda. Tem algum problema de importação — continuou no tom doutoral cheio de palavras que destilavam o óbvio. — O senhor sabe que somos íntimos, mas fico com pena de chateá-lo com uma coisa assim. Além do mais, realmente me parece que esse rapaz está voando alto.

— Enfim, por agora vamos terminar nosso assunto. Estou fazendo o senhor perder tempo com estas coisas e já é um pouco tarde. Para falar a verdade, bem tarde. Caramba, como o tempo passa! Dormi muito tarde ontem à noite, cheguei atrasado para montar, no clube e já foi metade da manhã. E o pior, nem sequer pude dar uma boa montada, mas isso é outra coisa.

Dona Esper ouviu as batidas no portão com a felicidade de quem chega a algum lugar depois de uma longa viagem mas com a bronca de saber quem vai encontrar. Embora reco-

nhecesse de cara a forma de bater e de bufar atrás da porta, abriu-a com cautela pra dar passagem a don Ruperto e ao diálogo tantas vezes dito e repetido.

— Ai Ruperto, olhe só como você chega e amanhã tem que levantar cedo para pegar os jomais; assim você não vai poder fazer nada.

— Só não grite comigo e me dê um cafezinho, é disso que eu preciso e não de seus resmungos — disse o velho levantando a mão assim meio para dar na mulher e meio para se equilibrar.

— Mas você já sabia, Ruper, lhe disse, vai lhe fazer mal, olhe que horas são e você nem paletó tem, com o frio que está fazendo e você só com a camisa. Ai, Ruper, amanhã você vai se queixar o dia todo e não vai querer se mexer — gemia Esperancita. — Sim, eu o conheço, não sei por que você nunca me ouve, entra por uma orelha e sai pela outra. Não lhe digo, nem que você percebesse que está velho. Que é, você se sente tão jovem assim? E eu que fiquei de ir à casa da senhora Mary para lavar roupa.

— Vá, só me ajude a tirar a roupa e chegar à cama, e você pode até ficar mais contente, entendeu, não?

— Contento coisa nenhuma, nada disso, tão logo veja meu compadre, vou jogar isso na cara dele. É um pinguço mesmo e à força quer levar você nessa. E você vai como um bobo; até parece. Como o compadre não tem que trabalhar amanhã, claro que fica o dia inteiro jogado como um porco, como se eu não o conhecesse. Que barbaridade!

— Nada disso, não quero nada! — Vamos ver amanhã — resmungou a mulher sempre ignorada e sempre presente — como você levanta pra ir pegar os jomais que lhe dão; e depois ir ao meio-dia ver se, na casa grande, aquela de lá, lhe davam umas roupinhas, que fazem falta pra gente. Mas eles vêm você assim, você acha que vão nos dar alguma coisa? Nem bom dia — terminou, censurando, a mulher ao se enfiar na cama com ar de bronca mas finalmente feliz por tê-lo por perto.

— Pô, cala a boca, vai. Apaga a luz. Mais esta agora! — foram as últimas palavras do velho, antes de começar a roncar profundamente, como fazia sempre que o sono tinha que carregar o fardo escuro e denso do porre.

— Caramba, don Jorge! — exclamou Eugenio del Villar.
— O senhor é que sabe viver.

O homem da poltrona cujo conceito de liberdade consistia em fazer sempre o que tinha vontade, mesmo prejudicando os outros, e que jamais sentira a solidária felicidade de sacrificar algo próprio em benefício dos demais, não se surpreendeu com a afirmação; pode-se dizer até que achou natural, e por isso deu uma baforada e continuou:

— Sim, passamos quase a tarde inteira e boa parte da noite jogando dominó. O grupo de sempre, é muito agradável. Realmente ontem a noite foi interessante, muito interessante. Estivemos jogando a maior parte do tempo, eu e Joaquim, acho que fazemos uma dupla realmente invencível; nós nos entendemos muito bem e nos completamos maravilhosamente. O senhor sabe, o dominó é um jogo de duplas, mas, como em tudo, alguém tem que dirigir; Joaquim me ouve muito e além do mais joga bem, claro.

Como sempre, avançou na conversa, reclinando-se para trás:

— O plano funciona maravilhosamente pois as mulheres se reúnem para jogar canastra e se divertem muito. É ótimo. Ficamos para jantar com eles, é um grupo muito simpático. Bom, jantamos jogando, sem sair da mesa do dominó, e por isso ninguém se chateia.

Para don Jorge a criadagem, e quase se poderia dizer, as senhoras, praticamente não existiam, por isso falava com naturalidade do descanso e da irresponsabilidade do jogo.

— Finalmente — disse — por essa razão é que me levantei um pouco tarde esta manhã, e nunca deixo de montar meu cavalo. É muito saudável. Embora hoje eu tivesse um contratempo com um dos nossos cachorros; felizmente — exclamou com um ar aliviado — eu não tinha levado os cachorros de casa, só ia um da granja, senão — concluiu convencido — acho que a coisa teria sido pior do que foi.

Del Villar manifestava ou fingia interesse, e assim don Jorge entendeu que podia continuar, o que não o chateava. Ele era sempre seu próprio tema favorito de conversa, sentiu-se em seu elemento, acomodou os cotovelos sobre a mesa, deu outra baforada e continuou:

— Saí um pouco tarde de casa, além disso o trânsito estava pesado a caminho da granja. Parece incrível, não? Trânsito para chegar na granja! Está cercada pela cidade! Eu nem posso acreditar, mas isso não é tão negativo, já que o metro de terreno anda por volta dos mil pesos, o que é não é nada mau. Além disso, ainda posso cavalgar quase em campo aberto. Ali pertinho há alguns *ejidos* que sobrevivem por força da cidade, e isso me permite desfrutar uma boa cavalgada entre árvores e milharais. Já lhe digo que para mim não há nada melhor que começar o dia “encilhado”.

O riso do doutor Villar foi ouvido até fora da sala, A secretária e outro visitante que ali esperava sua vez se olharam e deram de ombros, num sinal mútuo de não entender o que acontecia ali dentro.

Dona Esperança tinha se levantado quase ao amanhecer, como em todos os dias de sua vida. Ao sair do quartinho contíguo à pequena cozinha, o frio se meteu debaixo de sua pele, os pés se encolheram um pouco, mas esfregando e o braço esquerdo com a mão direita, tentando combater o frio, saiu ao

quintal a jogar umas *tortillas** velhas às galinhas e um pouco de alfafa a três ou quatro coelhos que tinha numas gaiolas frouxas. As galinhas correram em sua direção só tendo em mente o velho provérbio da espécie: quem chega primeiro é quem primeiro cisca. Os coelhos ficavam de pé sobre patas traseiras apoiando as dianteiras contra a gaiola na espera do frescor do verde e sempre bem-vindo alimento.

A mulher se apressou em acender o fogão na cozinha onde se misturavam panelas de lata, barro e plástico. Pôs água a ferver e voltou ao frio quarto onde o homem, seu homem, continuava a silente conversa com o pai sonho. Aproximou-se dele e começou a sacudi-lo ao ritmo de suas palavras e de seu próprio corpo.

— Acorde, velho — lhe sussurrou carinhosa. — Ruper, eu lhe disse ontem à noite. Aqui está o balde com água pra você jogar na cara, pra ver se assim a ressaca vai embora. Eu vou esquentar um café bem forte, vai lhe fazer bem. Vá, levante, velho. Vá Ruper, levanta, já é tarde — repetiu a mulher que mexia. — Tenho que ir embora, a patroa já está me esperando e ainda que seja boa gente, de repente me dá uma bronca e eu não gosto disso. Vá, levante.

— Oh, pô, que horas são? Vai me dizer que já passou das sete?

— Ande, depressa, vá! — A mulher lhe deu as costas e foi para a cozinha depois que teve a certeza que o marido começava a sair da cama.

— Oh, por que não me acordou cedo? Pô, já vai ficar tarde pra mim. Eu não disse que me chamasse cedo? — recriminou o velho malandro sabendo que a melhor defesa é o ataque.

* *tortilla* — panqueca de milho que acompanha as refeições no México. Indispensável na mesa. (N.T.)

— Que é isso, eu chamei mas você nem me deu bola. Fiquei ali, vamos, vamos e você nem se mexia — respondeu a mesma voz de tantos amanheceres, de começo de semana, voz de esperança nunca perdida, de resignada pobreza.

— Já vou, pô. E onde está a água? — perguntou cambaleante. Procurou como sempre numa bandeja sobre uma cadeira no meio do quintal. Inclinou-se e esvaziou a água sobre a cabeça e o pescoço. — Ai, caralho — foi a frase que disse depois de bufar. — A água está muito fria, pô, de onde você tirou essa água agora?

— De onde pode ser, dali mesmo — respondeu a voz que com tom de respeitoso carinho e bronca maternal o estimulava para que se molhasse mais.

O velho-menino aproximou-se da cozinha protestando: — Está frio pra caralho, que porrada! Vamos ver se o café também está frio — levou a xícara aos lábios decidido e a tirou com violência; o braço ficou curto para o gesto que ele fazia; cuspiu o líquido escuro e resmungou: — Ah, que barbaridade, está muito quente!

— Vá, beba tudo, lhe faz bem — sorriu dona Esper.

— Bom. Não tem um pãozinho por aí? Sinto a barriga vazia; me dá umas *tortillas* com pimenta para reanimar — condescendeu don Ruperto, sempre na ofensiva, como correspondia a um homem como ele.

Don Jorge, que gostava de tratar os assuntos da forma mais rápida possível, agora conversava com tranqüilidade. Acariciou o cabelo pintado e voltou a reclinar-se para continuar a narração logo que del Villar deixou de elogiar esse negócio do “encilhado”.

— Os cavalos já estavam prontos, mas o cavalariaço me lembrou que era um pouco tarde, e por isso só dei uma pequena

volta, não muito longe. Veio comigo o Príncipe, o senhor já o viu, é o cão pastor que temos lá na granja. Não tive muita vontade de enfrentar o trânsito para ir ao campo. Só tem uma avenida para cruzar, mas me faltou vontade. Outras vezes o que eu faço é mandar o cavalição com os cavalos, e vou depois de carro onde praticamente não há automóveis. Atrás da granja existe um povoado ou coisa parecida — explicava don Jorge a del Villar, que estava disposto a escutar tudo contanto que tivesse uma boa oportunidade para tratar do assunto que lhe interessava. — A gente pode sair por aí, nas ruas, quando não é domingo porque esse dia está cheio de bêbados e alguém pode desrespeitá-lo. No fundo é gente boa mas, honestamente, não têm educação, e quando estão embriagados soltam só grosserias, põem para fora seus ressentimentos e revolta.

— Vá embora então, velho, vá — a mulher apressou a don Ruperto — arruma um pouquinho o cabelo, pelo menos isso. Tudo bem, somos pobres, mas mesmo assim... — exigiu suavemente dona Esperancita. — Pra mim já ficou muito tarde, e espero que dona Mary não grite comigo pois disso eu não gosto. Já chega seus filhos que são bem malcriados comigo. Só me agüento porque ela é boa gente e pela necessidade -- dizia a mulher deixando o avental e penteando o cabelo para trás com uma das mãos enquanto com a outra usava os dentes para abrir um grampo. — Bom, velho, vá embora, que Deus o bendiga. Olha, velhinho, vá pela rua de trás pra não passar em frente da igreja, que se o padre o vê eu é que vou ouvir a semana inteira. O senhor viu, no domingo passado ele falou no sermão; e eu já não sabia o que fazer, ele não tirava os olhos de cima de mim.

— É verdade que o Príncipe é também um cachorro fino, mas não permito que o cruze com os da casa porque não tem *pedigree*; parece um perfeito pastor alemão, e é muito vivo — argumentou don Jorge, que gostava de se rodear sempre do que chamava “coisas boas”. — Além disso devo esclarecer que simpatico com o cachorro — esboçou um sorriso — é muito alegre, sempre brinca com tudo que vê no caminho, mas me dá muita atenção. Tem o que podemos chamar de uma personalidade muito simpática.

— Entramos por uma das ruazinhas do povoado, ladeira abaixo. O cachorro ia na minha frente uns vinte metros, ladrando e brigando com outro cachorro que, furioso, estava por trás de umas cercas das antigas granjas que se encontram por aí. Tem gente — tornou a explicar o homem sentado na poltrona — que vive com e de suas vacas e burregos, quase no meio da cidade. É uma mistura muito interessante de campo e civilização moderna; só que esta gente não parece saber aproveitar, age como se não tivesse sensibilidade, não vêem nada. Sempre andam tão sujeitos! — exclamou, levantando as duas mãos, e nesse momento o dr. Villar assentiu, profundamente convencido.

— Só porque a senhora diz, velha, mas essa ladeirinha já não agüento de tão pesada; logo tenho que dar uma parada para ganhar fôlego outra vez — suplicou o velho don Ruperto. — e pra piorar mais, por aí passam as vacas de don Julio, e tem que estar muito atento para ver onde se pisa. Tem mais, acho que peguei uma friagem ontem à noite porque parece que o meu lombo vai doer. Por aqui — indicou com ambas as mãos atrás da cintura, dando meia-volta e se curvando um pouco para a frente, perto dos rins. — Bom, se não for o mesmo mal que pegou o defunto José que já não pôde se levantar... — concluiu

entre dolorido e ameaçador, dirigindo-se à mulher que tentava acordá-lo cedo e mandá-lo ao trabalho.

— Ai, Ruper, eu lhe disse, velho. Esse mal, que também derrubou ao Zezinho, são litros de cerveja que parece que fizeram promessa pra acabar com vocês. Vá, vá já embora. Que não o veja o padrezinho.

A mulher se mexia com rapidez, arrumando aqui um traste, tocando os animais, ou deixando estendida a roupa no quintal, não parava de fazer o cotidiano esforço de pôr as coisas de tal forma que a pobreza fosse mais limpa, tão digna quanto possível.

— Tá bom, Esper, vou aqui por trás, só para lhe dar esse gosto, mas a pura verdade é que se me acontece alguma coisa... Será que não dá pra deixar pra outro dia em que me sentisse melhorzinho? — suspirou o homem ao ir abrindo a porta, buscando ver, no rosto de sua mulher, que ela lhe permitisse ficar para terminar o sono, embora ele soubesse da necessidade de ganhar uns dois ou três pesos de qualquer forma, pois viviam do dia-a-dia.

— Enfim, isso é lá com eles — disse don Jorge para não ficar necessariamente de acordo com as contínuas concordâncias entre suas afirmações e os movimentos de cabeça do homem de negócios sentado diante dele. O certo é que não percebi o momento preciso em que o cachorro começou a correr. Parece que tudo já estava calculado. O cachorro saiu disparado atrás da vaca e, como era uma ladeira, iam muito rápido.

A rua estreita, meio empedrada, meio poeirenta e com camadas finas de asfalto sobre guias que existiram um dia. Dos lados, por trás dos postes de luz de cujos fios se desprendiam centenas de artérias clandestinas para alimentar rádios e alguns

televisores e aparelhos de som, se vislumbravam vestígios de antigas granjas. Mato velho por trás das grades, vasos de plantas, uns de barro, outros, latas de azeite, marcavam pátios abandonados.

Don Ruperto vinha subindo penosamente, resfolegando com o olhar fixo no chão, que recebia os sapatos sem cadarços e furados de um lado. Quando levantou a cabeça por causa dos latidos, viu que uma vaca vinha em cima. Por um instante fixou um par de olhos escuros, enormes, de um jeito tão puro e vazio como a inerte pureza de um débil mental. Por um instante dialogou com uma cara estúpida que agora ao ritmo de louco galope se agachava para dar-lhe uma chifrada no rosto à altura da face direita. O golpe abriu a carne do nariz até a orelha e foi espalhando em milésimos de segundo seu ruído surdo até o fundo do cérebro. A cabeça obrigou o corpo a se banhar na terra da rua; foram para trás seguidos de uma pata cortante, vingativa, que se enfiou até o fundo do ventre arrebetando intestinos, quebrando costelas.

— Francamente, penso que ele vinha bêbado, porque não é muito normal alguém ser atropelado por uma vaca — afirmou o homem em seu escritório luxuoso, tendo por trás das palavras a idéia de que nessas circunstâncias infelizes sempre existe um culpado, e que neste caso, como em tantos outros, era o irresponsável, o bêbado, o velho, o pobre.

— Nem cheguei perto — esclarecia a del Villar que fazia uma cara de assombro. Dei meia volta e vim trotando até a granja. Uns passos mais na frente virei e vi que o velho estava estendido, que uns garotos se aproximaram e que o Príncipe vinha atrás de mim, correndo, com os olhos brilhantes, a língua de fora e sua cara de cachorro sorridente.

O túnel

A cada tranco do elevador ou a cada mudança de marcha, o coração aperta. Depois, se a gente vai sozinho, fica doido pra terminar de subir ou descer. Se vamos com os amigos, dá vontade de rir, a gente se olha como dizendo se segura, pois afinal os que morrem primeiro levam vantagem. Mas a gente sempre tem medo, mais de cem metros na escuridão, passam-se vários minutos. Dizem que com uns quinze metros já basta pra que, com certeza, o cara vai pras picas. Pô, com cem metros há de ser pior.

“Foi o que aconteceu ao Cavalo e a don Miguel. Dizem que como o Cavalo era bem forte ainda saiu vivo, mas ninguém acredita nisso. Só dizem isso para tirá-los de lá e que a ambulância os leve embora; e depois dizem que morreram no caminho. Assim, já não tem mais bronca nem gorjetas, nem advogados, nem policiais na obra. Além do que é chato que estejam ali jogados, cheios de sangue, sem se mexer; melhor mesmo que os levem embora logo. A peãozada se espanta menos, e não é que não tenham culhão, porque sabem que qualquer dia é a vez deles, mas porque não agüentam ver um amigo que faz pouco dizia alguma coisa, ninguém lembra o quê, mas que era muito divertido, e agora está ali em pedaços.

Francamente, são coisas duras, engenheiro, e mesmo que a gente queira se animar, acredite, sempre é duro.”

O homem de mãos rudes, dedos para sempre inchados, unhas recortadas onde a sujeira tentava se enfiar todos os dias (só o dedo mindinho da mão esquerda tinha uma unha grande), se balançava ao ritmo de suas palavras, dentro do que, naquela construção, era conhecido como o escritório do engenheiro, e que na verdade não passava de um pequeno quarto formado por quatro muros pré-fabricados, teto de lâmina de asbestos, uma janela, uma mesa. A uns passos da porta estava a boca do túnel, o poço para descer à obra. Sobre esta se levantava uma estrutura metálica em forma de torre, que servia de apoio para subir e

descer materiais, dinamite e homens. Ferida circular que tem aberta a pele do mundo, e que a chumbo desce profana até o nível onde se escava o túnel.

O chefe dos trabalhadores, homem de grande experiência, tinha conseguido escalar três ou quatro postos aos quais um peão pode aspirar em toda sua vida, graças aos seus muitos anos como mineiro, sua inteligência natural e à capacidade para conhecer os homens: “chefe, amigo, vagabundo ou filho da puta”.

Isso lhe havia permitido saber que seu chefe, o engenheiro, “era direito”, e sobretudo sentia as necessidades de seus companheiros, “da turma”. Assim, além da hierarquia estabelecida pela oportunidade de educação que fora dada ao jovem engenheiro originário da classe média, existia entre o trabalhador e o homem sentado por trás da mesa, um respeito mútuo e reconhecimento. Por causa disso, tinham se envolvido numa conversa paralela ao trabalho, às ordens, à pressão, densa, tangível, do avanço da obra, do perigo do atraso, da bronca do gerente geral da construção.

O mais jovem dos dois, o que mandava graças ao seu título universitário, às roupas, à cor da tez, assentia calado até que um breve silêncio do trabalhador o estimulou a dizer:

— Muito bem, Pancho — falou com um suspiro — é assim mesmo, o que se pode fazer? Essas coisas acontecem, a gente cai em qualquer lado. Não podemos ir além da faixa amarela, cada um de nós tem a sua e não dá para desviar. Tem quem morre na guia de qualquer rua ou num escorregão na banheira de casa, ou por qualquer bobagem. E depois escrevem no atestado de óbito “parada cardíaca”. Mas a verdade é que não adianta falar muito desse assunto, o que temos que fazer é ter o maior cuidado. E se os rapazes querem, também podemos trazer algum padre que dê bênção a este buraco; mas vocês sabem que a proteção do céu custa dinheiro.

— Não, nisso o senhor tem razão, engenheiro. Mas a pura verdade é que ninguém gosta de pensar que pode ver a morte chegando, descer à obra percebendo como o elevador vai pegando mais velocidade e não poder nem segurar. Sobretudo quando se sabe que a porrada vai ser dura. O que mais me dá medo é que doa ou que inutilize, ficar todo fodido, de dar pena aos outros e sem ter nem o que comer. Nem nós nem a família.

O jovem engenheiro mudou o tom e com vontade de provocar o outro, disse:

— Bom Pancho, mas para isso existe a Previdência Social, não?

— Hum, Previdência, engenheiro. Lá tratam a gente como cachorros. Bom, talvez ao senhor não, porque é riquinho, mas a qualquer de nós... Bom, acho que pior que cachorro.

— Pode ser verdade, mas se você tem um acidente de trabalho eles lhe pagam. Isso você não pode negar, porque me consta que é assim, e não foi uma vez, muitas vezes -- disse o chefe, apoiando as mãos sobre a velha mesa de madeira enquanto se levantava.

— Bom, mas a gente tem que ir lá uma porrada de vezes e no fim das contas não dá pra nada, engenheiro, ou quase nada, verdade. Já o salário não dá pra nada, e olha que a turma sempre anda atrás de horas extras. Que importa se foder umas duas horas mais todos os dias contanto que o sábado dê pra um bom porre e pra levar algum pra patroa. Sem se esquecer dos empréstimos, que parecem maldição mas a gente vive sempre cheio de necessidades, ou então a grana está atrasada. Sei lá, mas o que sei é que nunca saímos sem dívidas. Quando a gente está endividado, tem que pagar logo, porque do contrário não lhe emprestam mais.

O engenheiro preferiu deixar de lado o assunto de sempre, discutido e nunca terminado, o do salário dos trabalhadores, e assim num tom de desafio amigável deixou sair a pergunta cuja resposta já sabia de antemão:

— Mulher, ou mulheres, seu putto de merda?

— Pra que vamos fingir, engenheiro — sorriu o homem — algum gostinho o pobre tem que ter. O senhor vê, estamos fodidos, nem com o copo nem com as mulheres a gente se diverte muito.

— Sim, seu putto, e os molequinhos que andam por aí espalhados por todos os lados? Que culpa eles têm? — recriminou entre sério e amistoso aquele homem, que tinha sua família muito organizada.

— Não, claro, não têm culpa nenhuma. Mas elas preferem, ficam com medo de tirar, podem se foder com isso, com esse negócio das agulhas que metem dentro.

— Bom, e você não pode ter uma família como qualquer pessoa decente?

— Mas como é possível, engenheiro — disse Pancho, enfiando as mãos nas calças sujas e preferindo evitar o olhar do chefe — se cada vez que estou me ajitando em algum lugar, alguém me diz: “Pancho, olha aqui, acabou o trabalho”. E logo — continuou — perguntam se a gente quer ir pra lá ou pra cá, mas nada muito seguro. Que o governo vai começar uma obra em Chiapas, aí vem o outro e pergunta se você não quer ir pra Jalisco, que lá precisam de gente. Ou então simplesmente que acabou, tchau, que a obra terminou ou não tem dinheiro.

A conversa ganhava o tom de costume, e Pancho, o homem cujas faces pintavam de luz alguns fios brancos no cabelo domado pelo uso contínuo do capacete (não tirava o capacete nem dentro dos botecos, pois, segundo ele, isso o protegia de garrafadas), se sentia na posição de quem fez mal e sua atitude era quase infantil, até certo ponto ingênua.

— Quantos filhos? — perguntara o chefe com um tom um pouco paternal.

— Bom, com a patroa lá da roça tenho quatro, mas minha mãe a ajuda. Eles vivem com meus pais e assim vão crescendo. Quando posso mando dinheiro e de vez em quando vou vê-los

— a atitude era daquele que caminha o melhor que pode pelo atalho que o destino lhe deu para seguir. A voz era explicativa. — Bom, com a de cá tenho dois filhos, são pequenos ainda, mas já são bem sacaninhas. O que vai à escola diz que a professora é muito gostosa; acho que ele nem entende, mas como brilham os olhos quando fala. E depois... — a palavra se esticou enquanto dava tempo para que o lábio superior subisse como uma tela deixando mostrar um sorriso fresco, até que a careta do engenheiro o estimulou a continuar. — Bom, com aquelas do matinho tenho uns outros três — disse orgulhoso. — Um, quando andei por lá trabalhando com Recursos Hidráulicos, em Sinaloa. Eu ganhava um dinheirão, me pagavam por tarefa e eu trepava gostoso com ela. Eu era jovem, agora já me pesa.

“Quando andei por Zacatecas numa represa, tinha uma garota que me pegou firme, nessa fiz dois, mas não voltei a vê-los. Sabe lá onde andarão. Devem estar grandes. E veja o senhor, engenheiro, eu tenho boa mão — sorriu — mulher que eu trepo, mulher que se casa. Uma até se casou com um engenheiro — disse com a cara e a voz cheias de málícia. — Por isso tive que deixar o trabalho, o engenheiro lá me olhava feio. Acho que ele queria me ferrar, não sabia nada, desconfiava. Toda a turma sabia, e até me diziam que éramos irmãozinhos de leite. Não, são muito filhos da puta! É só dar uma brecha e eles não param de falar. Acho que um dia bebendo com o engenheiro, lhe contaram mais ou menos tudo. Por isso achei melhor vir pra cá e agora aqui estou.”

Mudara um pouco a história ao contar que tinha tirado a mulher de um engenheiro, e por isso o sentimento de desvantagem desapareceu e Pancho dava gargalhadas abertas enquanto seu chefe sorria e balançava a cabeça em sinal de reprovação.

Pancho, don Pancho para os peões, interrompeu a risada e com um gesto curto e seco da cabeça indicou a um trabalhador tímido que chegava perto, para que entrasse. O trabalhador

ficou no fio da porta e só se atreveu a dizer a don Pancho que tinha saído do túnel para pegar mais dinamite. Foi rapidamente repreendido por ter feito isso sem permissão e saiu. Pancho explicou brevemente ao engenheiro que não gostava de ser mole com os trabalhadores pois do contrário “relaxavam”. Só outra vez esboçou um sorriso franco e tentou fazer com que a conversa deslizesse suavemente, procurando convidar o chefe a um trago no sábado, em busca de uma nova oportunidade de estreitar laços, de reconhecer e fazer conhecer que “o engenheiro além de chefe é amigo”, coisa que preocupava Juan José por sempre dar essa impressão, mas além disso que ele, capataz, tomava uns drinques com o patrão.

— E então, engenheiro? — perguntou amável e desafiador. Quando vem com a gente? Não vai fazer feio. O senhor é nosso convidado, vai ser legal. Ou o senhor não quer mesmo?

— Não, Pancho, quero sim. Mas você sabe que a gente fica fechado aqui a semana toda, e no sábado francamente tenho vontade de ir pra casa o mais cedo possível. Minha mulher me espera e não almoça até que eu chegue.

— Bom, engenheiro, mas só uma vez!

— Tá bem, Pancho, vamos ver se o próximo sábado nós vamos, se não o outro.

— Puxa, isso o senhor me disse na semana passada.

— Não, cara, agora é pra valer. Se tudo sair bem no túnel no sábado, então nós vamos no sábado. Você sabe, depende de vocês todos. Temos que dar duro para cumprir esse programa.

— E se quebra uma das máquinas? Nós como ficamos? Não vai me negar que muitas vezes o túnel pára por culpa das máquinas. Principalmente quando é uma dessas máquinas novas que ninguém sabe consertar e temos que esperar que o técnico venha vê-las. E esse cara sempre demora. Além disso, lembre-se, engenheiro, esta semana estou no segundo turno, saio no sábado às onze da noite, não posso abandonar a obra.

A menos que o senhor dê uma ordem — insinuou maliciosamente.

— É verdade, eu tinha esquecido esse “pequeno” detalhe. Então vamos no outro sábado.

— Acontece que no outro sábado estou no terceiro turno e só saio no domingo às sete da manhã.

— Certo, então na outra semana.

— Já viu, se era para este sábado, o senhor já deu pra trás — terminou dizendo Pancho enquanto Juan José se dirigia com seu reluzente capacete metálico na mão em direção à porta, deixando por trás de suas costas o morno e longínquo sabor de resignação não discutida nem refletida, sobre o que deveria ser mas que na realidade é.

Conforme baixa o elevador, *bondinho* para os iniciados, o ar se faz mais rarefeito, a luz se quebra e fica amarela, a umidade se enfia nas costas e se aninha na espinha. Das paredes esverdeadas e cinzas surgem em cada trecho pequenos jorros de água que brotam da terra com a força da razão, que nem o cimento detém. Nos narizes o pó faz cócegas e até às entranhas chega o cheiro de dinamite e terra recém violada. Sobretudo depois de cada explosão, que como um gigantesco orgasmo arranca da terra seus queixumes e seus odores. O túnel se converte numa grande vagina por onde o homem penetra no planeta. Aquele que cheirou e provou no seu padalar os gostos de terra, sempre se lembra e reconhece a umidade e a dinamite, como se reconhece o sabor do sexo feminino: nem atraente nem desagradável, outra coisa.

Durante a descida Juan José sentiu-se totalmente confiante ao contrário de outras ocasiões em que sentira medo. Sentiu e observou os saltos que dava a pequena estrutura

metálica como um defeito técnico, e não como uma ameaça. Deu a Pancho as indicações pertinentes: a roldana, o cabo, o enrolar do cabo no guincho etc. Falou da necessidade de trabalhar horas extras, e Pancho protestou pois as anteriores não tinham sido ainda pagas aos trabalhadores. Juan José garantiu que já tinha comentado o assunto com o gerente administrativo, cuja capacidade era roubar horas dos empregados em benefício dos patrões, e que seriam pagas.

— Pois assim seja, engenheiro — disse o capataz cético — porque a turma já não agüenta e tem razão. No duro, muitos continuam aqui só porque agora não tem trabalho em outro lado. Mas o engenheiro Diaz me disse outro dia que o problema é a mudança de governo, e que em mais um ano a coisa vai melhorar. Claro que enquanto isso nós ou comemos menos ou não comemos nada.

“Mas eu não entendo; vocês deviam fazer muitas outras obras e gastar o dinheiro, já que vão faturar. Ou não é assim? Os que estão lá em cima engordam de mamar na grana, e por isso andam como cachorro atrás de osso. Já sabe, quem chega lá em cima fica numa boa. Graninha legal, engenheiro. Veja o senhor — continuou Pancho em mais uma de suas piadas — eu tenho um parente na minha terra que veio à capital trabalhar de motorista. De pura sorte começou a trabalhar na casa de um doutor que sabe lá o que fazia no governo, e de repente o meu parente também começou a roubar. Logo chega lá no povoado esnobando todo mundo, traz um belo carrão e gasta fortunas. Não demora e nos convida à sua casa e nos dá uísque americano, o que não me desce, bebo para não dizerem que nem isso sei beber. O que eu gosto é o conhaque Presidente com Coca-Cola. Bom, quando ando meio duro, vou de cerveja, e se estou mais duro ainda, vou de *pulque*, o senhor sabe. Também depende de onde a gente anda trabalhando, em alguns lados se bebe uma coisa, em outros outra. Certa vez fui lá pros lados de

Vera Cruz, fazia muito calor e, quando não, chovia pra cacete. Isso sim, o trabalho não pára, senão a gente não ganha nem um peso. Bom, lá eles gostam do que chamam de “torito”, que é álcool puro com um pouco de suco de laranja ou de limão, o que tiver. A gente bebe tudo. Estamos fodidos.”

O choque no chão tirou Juan José de suas reflexões, fazendo-o voltar de maneira brutal àquele lugar úmido e semi-escuro. Saiu do elevador quase engatinhando. Quatro homens bloqueavam a saída com uns tanques de oxigênio e acetileno que queriam subir para recarregar. Pancho chamou sua atenção para o fato de tantos peões fazerem o mesmo serviço.

— Por que está tão escuro? Caralho! — foi a forma em que Juan José reiniciou o diálogo já caminhando dentro do túnel pisando os dormentes com cuidado para não escorregar e sempre atento à luz e ao barulho das pequenas vagonetas que utilizam para o transporte do material que se extrai, mais conhecido como entulho.

— Ah, está vendo? resmungou o capataz contente em ter a oportunidade de trazer à superfície uma de suas broncas. — E o senhor ainda me pergunta por quê? No depósito não tem nada. E ainda esses caras que o senhor tem aí. Não querem dar nada! Não procuram nada; nem bem abrimos a boca e já estão dizendo não tem.

— Porra, vai! O que acontece é que vocês não pedem as coisas claramente ou pedem muito e é claro que os do almoxarifado não querem dar tanto quando sabem que vocês não precisam. Mas reconheço que você tem um pouco de razão, gostam de se fazer importantes. Acho que vocês deveriam encarar melhor essa situação, afinal esta é uma obra só e todos deveríamos dar duro; não adianta que cada um queira puxar pro seu lado. Assim não vamos chegar a nenhuma parte.

— Não, engenheiro — respondeu Pancho revisando umas mangueiras para aplicar concreto, que se encontravam jogadas a um lado da via e que, como em muitas outras ocasiões

ele tinha dito, poderiam provocar um tropeço mortal em qualquer momento — o que acontece é que a gente não gosta de enrolar o nosso pessoal e não podemos estar subindo todos os dias, além disso eu não gosto nada do cara que está lá de chefinho; se ele me pega num dia ruim, eu vou fazer aqueles olhos saltados dele ficarem ainda mais pra fora.

— Hum, Pancho, me parece que você é meio fanfarrão — brincou Juan José, insinuando que não era bom de briga, sem acreditar nisso, pois era comprovada a macheza de seu “segundo”, como o chamava.

— O senhor não me conhece, engenheiro.

— Pode ser, mas não me interessa organizar um ringue aqui e sim que as coisas sejam feitas como se deve e não andar por aí jogando a culpa no outro. Entre os chefes dos três turnos, o almoxarifado e os mecânicos, vocês armaram uma bela fofoca.

— Bom, engenheiro, eu já disse pro senhor descer e ver como eles me passam o turno, me deixam vagonetas cheias de entulho por todos os lados, as mangueiras de concreto coladas umas nas outras, os trilhos mal colocados, e um lamaçal que parecem porcos pra trabalhar, por isso é que não avançamos. Veja o senhor, as bombas da frente estavam paradas — por isso andamos quase nadando — terminou suas palavras se afundando até os joelhos diante do engenheiro, que era o único que procurava não se molhar cada vez que descia no túnel.

— Olha, Pancho, o que você está me dizendo eu escuto em cada um dos turnos. Já não posso andar aqui de babá vendo se vocês fazem maldades de crianças ou não. Acho que estamos grandinhos para saber como se deve trabalhar; além disso, vocês sabem, se não cumprimos o cronograma não tem bonificação e nem um centavo extra. Tem mais, e por que os ventiladores não estão funcionando? Olha que túnel este, não se pode nem respirar.

— Que ventilador, engenheiro, já faz duas semanas que digo ao senhor que os que temos não dão conta.

— Eu peço e peço mas eles não me mandam outros. Mas por que ao menos não usaram as máscaras, isso tem muito lá no almoxarifado, filtros e tudo.

— Não gostam. A gente não se acostuma: oito horas seguidas incomoda muito. Uns preferem usar lenço e outros nada. O senhor sabe que a turma agüenta.

— Agüenta! Você vai ver como vão ficar esses seus pulmões respirando pó todos os dias, cimento e dinamite. Você não viu a tosse feia que tem don Jesus?.

— Bom, mas ele também está velho, engenheiro, acho que é mineiro desde menino e já passa dos cinqüenta.

— Pobre homem, sabe, tenho pena de vê-lo apodrecendo aqui embaixo.

— Mas o que o senhor quer, engenheiro? Tem filhos ainda pequenos, não pode ficar mole no trabalho. Sua mulher lava roupa, mas nem assim dá. Sempre saímos curtos de grana e parece que não tem remédio. Ou o senhor acha que a gente vai deixando a vida nas obras só porque gostamos disso?

— Um dia na saída lhe dei carona a sua casa, ele não vive tão longe de onde eu ia. Bom, em carro e com pouco trânsito. O velho é boa gente, estava agradecido e me convidou para entrar. Ai, Pancho, que vida sacrificada essa gente leva.

— E o senhor não viu nada, engenheiro — refletiu Pancho deixando que sua mente voasse em fração de segundos a uma represa ao norte do país, a um caminho no sudeste, a minas e túneis onde havia deixado amigos e inimigos, lembranças de porres e de mulheres “que são gostosas”, de amarguras, risos, bailes, gargalhadas, necessidades, pobreza, homens, olhos escuros, má saúde, tristezas.

Amigos sem um olho, homens com mão inutilizada, uma perna de pau ou uma tosse que dilacera os pulmões são os

resultados negros das construções. Quem conhece isso? Quem sofre isso? Os trabalhadores não falam disso, são suas tristezas, como dizem, pra que falar se sempre dói?

Ao chegar ao fundo do túnel, o solo fica ainda mais lodoso e o ar caminha pelos narizes. A frente da rocha, como um olho cego, se vê inerte sob a luz dos refletores que iluminam o local onde continua a varredura e a perfuração das entranhas da terra. Com a água espirrando pelas botas de borracha e marcando o ritmo do andar, Juan José pergunta:

— Com que broca vão perfurar?

— Bom, seria bom que continuássemos com essa mesma, não, engenheiro? O senhor já viu que tem “trabalhado” muito bem.

— Está certo. Quem está nessa broca?

— Ramón. Luiz não veio. Disse que ia à sua terra três dias e já vai fazer quase um mês. Vai ver tinha mesmo alguma coisa pra resolver lá ou então conseguiu outro trabalho.

— Pois assim espero e que volte logo porque é bom no cabo e além do mais lhe emprestei 200 pesos. Disse que sua mãe estava muito doente; parecia muito preocupado. Coitado. — Hum, engenheiro, o senhor não aprende mesmo, hein? É só botarem uma cara pro senhor assim meio “olha, doutor, eu tinha algum mas me roubaram tudo” e o senhor logo acredita. Ainda bem que não lhe falta dinheiro. Essa gente é supermalandra.

— Pode ser — respondeu um pouco chateado o engenheiro — mas prefiro errar a negar a quem realmente precisa. Não podemos saber quem mente e quem não mente. Bom, a menos que sejam como o cínico do Raimundo, que, sempre que vem de ressaca ou, ainda, meio chapado, “mata um parente”; ou então “sua mamãezinha” fica doente duas vezes por semana.

Pancho, rival natural do capataz do outro turno, não perdeu a oportunidade para prejudicar o colega, e logo disse:

— Bom, engenheiro, é que esse cara não acerta uma nunca. Não tem vergonha. Tudo bem que seja pobre, mas não vamos ser assim tão descarados. Além do mais, a verdade é que nem mãe tem, acho — Juan José sorriu; Pancho continuou sem deixá-lo falar — Não, no duro, engenheiro, parece que, sim, morreu a mãe faz uns dois anos. Nunca conheceu seu pai, e depois que a mãe morreu, bebe cada vez mais. Primeiro começou dizendo que era pra esquecer e agora bebe e se lembra. Às vezes até chora. Bom, eu não o culpo por isso, porque nesse negócio, sim, que não ponham a mão na nossa mãezinha, porque então já viu.

— Bom, o que você acha do Ramón no cabo? Será que ele agüenta? Ou procuramos outro?

— Não, engenheiro. Parece que ele está ficando mais esperto, é que às vezes por ser muito rápido se engana. A besteira que fez ontem foi porque ligou mal os estopins, ficou muito perto, toda a perna e o lado direito no meio. Estavam todos os fios desencapados e amarrados, e assim vimos bem onde ele pisou na bola. Ficou vermelho e não disse nada. Mas fora disso, tudo bem.

— Não fica muito longe dele então. De repente, ele faz outra bobagem.

— Não se preocupe, engenheiro, que eu não solto ele.

— Parece que tem vontade de trabalhar. Espero que continue assim, dedicado. Não vá lhe ensinar suas manhas, Pancho.

— Ô, engenheiro, quais manhas?

— Quais, quais? arremedou, enrolando a voz, Juan José.

Pancho ainda sorria sob seu capacete de mineiro, fazendo reluzir seus dentes brancos na semi-escuridão do túnel, quando recebeu, no braço flexionado esportivamente, a batida afetuosa que no diálogo varonil e fraterno lhe dava o engenheiro.

A construção se encontra a uns poucos metros do escritório. Em época de chuvas ficam separados por um rio de

lodo ferido pelas marcas dos caminhões e trabalhadores que o pisam e remodelam mil vezes; mas agora não chove e o pó toma o sol e o tempo com tranqüilidade.

O alumínio pintado se destaca por sua brancura. Em dias de muito sol solta ondas de calor das quais todo mundo foge. Por isso se pede a um peão que jogue água fresca na entrada pelo menos duas ou três vezes durante o dia: sempre que termina de colocar as peças das bombas no armário de madeira ao fundo, ou arrastado as válvulas pelo chão de cimento até colocá-las todas como toscos monumentos, comparsas de uma dança metálica. O tempo se detém entre as porcas e as máscaras contra gases; a luz se quebra no aço de varredura empilhado como estariam as mil lanças das Cruzadas.

O som de ferros e madeiras é o eco da voz cantada e cantante do vera-cruzense encarregado de receber, distribuir e registrar "todos os materiais de consumo".

Magro, moreno, de cabelo pixaim, diferente dos homens das planícies do norte ou das montanhas do sul, diferente dos mineiros do Bajío*, faz múltiplas reverências diante do engenheiro, especialmente quando este o cumprimenta, como agora ao lhe dizer:

— O que acontece, senhor Ríos, é que neste almoxarifado o senhor montou aqui uma bagunça muito organizada.

— Não, engenheiro. O que aconteceu foi que nesse momento acabou de chegar um monte de peças e equipamentos e tínhamos que receber, revisar e contar. E a gente não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, mesmo que a gente queira. Ou atendemos aos trabalhadores que pedem algum material para lá embaixo, ou recebemos os pedidos. Nem tudo é possível, engenheiro.

— Mas isso foi ontem — enfatizou fazendo gestos, girando sobre si próprio no chão gasto do almoxarifado. — Eu

* Bajío — região central do México. (N.T.)

já lhe disse que tenho queixas dos chefes de turnos todos os dias. Também os capatazes se queixam de mandar gente aqui em cima para pegar : o para as barragens, uns pregos ou o que seja, e sempre demora muito.

— Bom, engenheiro — escutou-se a voz que se flexionava acompanhando o corpo —, é que também mandam aqui pra cima só gente de Oaxaca*, e o senhor sabe eles são meio lentos — concluiu convencido. — Começa que, para assinar os recibos, temos que pegar a almofadinha de tinta para que eles deixem seu dedinho marcado; não sabem nem escrever! Temos que lhes ensinar tudo. Tem uns que até os dedos tenho que ajudar a fechar porque não sabem segurar uma caneta, e isso só pra que ponham uma cruzinha quando não é muito importante.

Dois trabalhadores o olhavam sem que ele mudasse enquanto gesticulava, imitava grotescamente; trabalhava para o patrão, para o chefe imediato, e para ele eram as gracinhas e os ronrons.

— Olhe, senhor Ríos, sei que o senhor tem boa letra e que terminou o primário — disse Juan José, dando-lhe o melhor prato em bandeja de prata; estava de bom humor e deixava o terreno adubado para que o veracruzano se deixasse cultivar.

— Eu tenho meu diploma, engenheiro.

Com o outro já acuado, o engenheiro arremeteu novamente:

— Sim, mas isso não tem nada a ver com que façam você perder seu tempo e que por isso a obra não caminhe como deve. Afí está Juanito, que é de Oaxaca, e mesmo pequeno é um garoto muito esperto.

— Que garoto, engenheiro? Já tem vinte anos. O que acontece é que essa gente não cresce. São assim por natureza.

— Como vinte? Não pode ser!

* Oaxaca — Estado ao sul do México. (N.T.)

— No duro, engenheiro. Nem nós queríamos acreditar, mas é verdade. E até já nos contou que conheceu mulher. O que acontece também é que não fala espanhol porque não aprendeu de criança. Diz que antes falava na sua língua; às vezes começa a falar com a gente assim e ninguém o entende. Vem aqui e diz coisas como “tanti”, “tanti”. Que é isso Juanito? Pois quer dizer obrigado, como a gente vai entender isso, não parece com nada. Acho que é da serra que está entre Oaxaca e Puebla. Tem uma tia que é doméstica na cidade e foi quem o trouxe.

— Pois é bem esperto.

— Não, isso ninguém tira dele, mas não creia, ele também mete os pés pelas mãos — afirmou sentenciosamente, enquanto o jovem trabalhador o olhava de lado com certa ingenuidade e desconfiança, enquanto ia a poucos passos do jovem engenheiro que lhe havia indicado com um sinal que o acompanhasse ao deixar o balcão e seus papéis, canetas e almofadas de carimbo, por trás do qual balançavam várias dúzias de pares de botas de borrachas jogadas a um canto.

Um redemoinho de gente se move em câmara lenta diante do poço onde sobe e desce a vida às entranhas da terra. Avançam e retrocedem, dão passos de lado e como numa dança de avestruzes hipnotizadas voltam os olhos uma e outra vez ao escritório de onde os vê o engenheiro que dá instruções.

— Roberto. Vá ver que diabos está fazendo esse bando de vagabundos só olhando a boca do poço. Mas vá correndo. Não quero gente aqui sem fazer nada.

— Já vou, engenheiro — responde Roberto enquanto bate a porta de molas teimosas, o capacete ao vento. Vira-se sobre seus passos em poucos segundos. É recebido com vaia.

— Que foi? Continuam lá? Que merda estão fazendo?
— É que não querem descer, engenheiro.
— Como não querem? Por que?
— Acho que o elevador despencou.
— Como despencou? Tinha alguém dentro? Que foi?
— Não, não foi nada, engenheiro. Dentro ia o Pepón, mas ele já vem aí. Acho que só foi um susto.

O Pepón, homem de mais de sessenta anos e pelo menos cinquenta nesse batente, limpa os pés antes de entrar no escritório.

— Que foi, Pepón? — diz o engenheiro.

— Pois nada, engenheiro, acho que o elevador queria se soltar. Mas não, é que ia muito rápido — lembra enquanto sacode mecanicamente o braço.

— E que você sentiu?

— Pois como se o diabo me chamasse, engenheiro.

Todos riem, ficam tensos alguns segundos, o olhar coletivo flutua no ar.

Diante de uma mesa cheia de planos, compassos e lápis, discutem o capataz e o engenheiro. Este último tem além do mais, como arma adicional para o combate corpo a corpo, uma régua de cálculo nas mãos.

— Não, engenheiro, acho que isso não vai dar.

— E por que diabo não? Está tudo calculado.

— Pois sim, ninguém discute isso; estudos vocês têm, e isso é o que falta a nós.

— Além do mais, não entendo realmente por que você diz que não vai dar se eu expliquei tudo a você muito claro — replica Juan José.

— Não, tudo bem, está claro, engenheiro. Mas pra mim a coisa não bate bem. Quem sabe por quê, mas me parece que não vai dar.

— Não se trata de que lhe bate bem ou não, Pancho. Trata-se de que esteja bem organizado e tem que funcionar.

— Pois assim seja, engenheiro. Mas veja o senhor que no princípio, faz um cacetão de tempo, comecei trabalhar numa mina pequena. Comparado com este túnel, aquilo era brincadeira.

“Tínhamos que encher vinte carrinhos por dia com material extraído do veio; mas só tínhamos uma vagoneta pequena puxada por uma mula e assim quase nunca chegávamos aos vinte. Arrebatava na frente, e depois com uma pá enchíamos a vagoneta e aí vinha a mula. Chegava ao depósito e uma corrente enganchava a vagoneta por baixo; puxava a mula e clarinho se ouviam quatro golpes onde passavam as argolas e logo a vagoneta se esvaziava de lado. Pois um dia, sabe lá o que os engenheiros tinham na cabeça, começaram a estudar a coisa. É tempo perdido, muito rápido, sim, muito devagar, pra cá pra lá, que se precisava uma vagoneta maior, sobretudo mais comprida porque a largura da via era a mesma. Foi isso; porque, como era mais comprida, tinha que dar seis voltas na corrente e aí se descarregava tudo, esvaziava e então a mula entrava e ficava presa, e nada de mula, nem pra frente nem pra trás!

— Bom, e daí? Funcionou ou não funcionou?

— Claro que não! Tal como eu tinha dito. Eu sabia que as mulas só sabiam contar até quatro!

— Viu, Roberto?

— Sim, engenheiro. Como agüentam?

— É fácil, a técnica dos ovos com tutano.

— Como?

— Os pobres só comem feijões, mas acabam gastando muito tutano.

— Mas de onde tiram esta pobre gente?

— Não é difícil. Tem que reunir essencialmente três características: fome, frio e ignorância. Tudo isso geralmente vem acompanhado de uma família para sustentar.

— Que bárbaros!

— Não me diga que você nunca tinha visto essa gente. O que acontece é que já estamos acostumados. Você olha-os sem vê-los. Mas quando você se detém um pouco, vê olhos escuros, olhar profundo e simples; herança de sofrimento e fé sem esperança. Você vê eles chegarem de madrugada, duros de frio, na escuridão quase; a maioria deles meio vestidos. Uma calça que um dia foi azul, sapatos furados de um lado, e alguns, não todos, envolvidos por alguma coisa que um dia foi um casaco ou um suéter. Têm que agüentar oito horas, horas duras, muito duras. No túnel se respira mal, você está entre pó, barulho e umidade. Em meia hora começam a arder os olhos. Esses olhos negros e profundos começam a ficar marcados por um pequeno halo avermelhado formado por pequenas veias de sangue. Pareceria que choraram em silêncio, mas uma piada comum, simples, lhes devolve logo um brilho, que nunca perderam, e uma fileira desigual de dentes aparece diante de você; explosão de um riso sincero, poucas vezes ruidoso, talvez instantâneo.

“Mãos que manejam máquinas mil vezes mais pesadas; monstros terríveis que adquirem vida com o milagre de um botão. Horas e horas perfurando a rocha, dela tirando mil e um sons; queixumes talvez.

“A dinamite passa de mão em mão igual a um pacote de cigarros, assim, como se não houvesse perigo. É introduzida na rocha e começa o momento sempre respeitado, um pouco sagrado e só para homens. São ligados os circuitos de dinamite. Um a um vão se unindo e se fechando os círculos de arame por onde passará a corrente que vai fazer detonar o explosivo e arrebentar a rocha em pedaços e a qualquer corpo que esteja por perto.

“Por que não explodiu esta vez enquanto se ligava? Não sabemos. Mas sabemos que sempre pode haver curto-circuito com os fios, uma corrente transmitida pela água e a tragédia ocorre. Mas não, não foi desta vez. Claro, assim deve ser, para isso tem os técnicos que estudam as medidas de segurança. Mas sempre é a vida que está em jogo para confirmar a eficiência de tais medidas.

“Nos momentos perigosos gera-se automaticamente uma mística especial, rara. Os trabalhadores funcionam de forma diferente. Ao chefe se respeita por sua experiência, pelos mínimos riscos que fará correr os demais.

“Uma vez, a frente do túnel, estava num péssimo terreno. Depois de escavar uma hora uma boa rocha nos encontramos de cara a 150 metros de profundidade, tentando escavar um túnel através da areia e outros materiais soltos. O túnel ameaçava cair a cada instante e, talvez, se fechar atrás dos trabalhadores. Ninguém dizia nada, só olhares e um ambiente reticente na hora de ir em frente. Meia hora depois de eu estar lá na frente dirigindo o túnel, sob o perigo iminente de um desmoronamento raquiticamente controlado; uma mão sobre meu ombro, uma voz, um olhar: ‘Venha pra trás, engenheiro, deixe a gente aqui, não temos muito a perder, o senhor sim’. O respeito e o carinho vêm assim, silenciosos, no trabalho, na semi-escuridão.”

— Tem razão, engenheiro. É verdade que esta gente agüenta muito firme. Mas não protestam?

— Não, realmente não, mas não sei o que vai acontecer um dia. A injustiça é violenta, e a violência só engendra violência.

— Que foi, Pancho?

— O Alemão, engenheiro.

— Onde?

— Na frente, brm lá no fundo.

— Já vou, Roberto, vou avisar o engenheiro Robles.
Vem comigo, Chon, você o viu, não?

— Sim, engenheiro.

— Bom, rápido. Suba no carro, vamos.

— Puxa, mano, essas coisas nunca deveriam acontecer. Pobre Alemão, tinha acabado de entrar. Não faz nem dois meses que estive no meu escritório: “Vamos, engenheiro, me dê uma oportunidade, vai ver que trabalho com muita garra”. Já não tínhamos vagas e eu não ia lhe dar trabalho, vi que ele queria tanto que não pude dizer não. E agora, veja você.

— Sim, engenheiro. Que vamos fazer, assim são as coisas, não tem jeito.

— Não, Chon. Essas coisas não deveriam acontecer nunca. Não devem acontecer.

— Bom, engenheiro, mas se não é aqui, é lá.

— Tão jovenzinho! Dificilmente teria dezoito anos.

— Era garoto, engenheiro. Ele me contava: era de Guanajuato. Veio procurar trabalho porque a fome já lhe apertava. Veio com outro alto, aquele que anda de ajudante num dos carros elétricos. Acho que são meio parentes porque mandavam dinheiro juntos pra ajudar a família.

— Ah, sim. Acho que se chama Jorge. Já foi avisado?

— Sim, foi dos primeiros a saber.

— Tem que dar algum dinheiro pra ele avisar a família.

— Isso sim seria bom, engenheiro. Do contrário, aqui vão jogá-lo em qualquer buraco; e se ninguém reclama, pegam o corpo dele pra estudar. Assim fizeram com um parente meu que morreu numa briga de boteco. Não sabíamos nada dele; quando nos devolveram o corpo nem deixamos que sua mulher

o visse: pra quê? O bom foi que ela ficou no povoado; eu o encontrei, eu e um primo dele andamos por aí procurando; nem lhe conto; muitas voltas pra cá e pra lá. Pô! Como tratam a gente nas delegacias. E ao pobre defunto tinham jogado num canto de um quarto, que só de entrar arrepia a gente. E o pior é que parece que a gente vai pedir dinheiro emprestado a eles. Chegamos e perguntamos se por acaso houve um acidente, se têm esse nome registrado ou não, e assim, na nossa cara, jogam uma lista e dizem: "Vai, vê aí nesse monte de mortos. Procure o seu, vê se acha. Vai ver jogaram ele no rio". Puxa, engenheiro, a gente não sabe por que eles falam assim. Como podem se acostumar, ou será que acham que nunca vai chegar a vez deles!

— Vem, Chon, já chegamos. Não, olha, melhor me espera aqui. Fica de antena ligada se eu lhe chamo.

— Tudo bem, engenheiro.

— O engenheiro Robles está, senhorita?

— Boa tarde, engenheiro, entre por favor, está aqui.

— Boas — respondeu autoritário Robles. -- Entre. Tudo bem?

— Não muito bem. Aconteceu uma coisa terrível lá na frente, no fundo.

— Como, o que aconteceu? O túnel? Que foi?

— Não, espera. Havia um trabalhador lá dentro antes da última explosão.

— Ah, que foi? — voltou a sentar Robles.

— Pois desgraçadamente ele estava muito perto e ficou em pedaços.

— Porra, que besteira! E que caralho fazia esse babaca lá embaixo no momento da explosão?

— Era auxiliar de topógrafo e tinha esquecido uma parte do equipamento lá embaixo.

— Cacete! Eles não entendem. Não sabem que na hora da explosão todos devem se afastar? E o chefe do turno, não viu isso?

— Aqui está, me deixe chamá-lo — murmurou Juan José. — Abriu a porta e saiu. Fez um sinal com a cabeça e indicou: — Chon, vem, entra.

— Boas tardes, engenheiro.

— Vamos ver como foi. Por que caralho estava um homem lá dentro? — perguntou Robles autoritário.

— Bom, é que ele disse que só ia até onde estão as bombas. Que tinha esquecido o tripé, acho. Quem imaginava que ia buscá-lo lá no fundo? Vimos que perto das bombas não tinha nada nem ninguém e ele se arreventou. Quando entramos, lá estava. Parece que pegou a coisa de frente; não ficou nada da cara; o tripé estava no lado, inteiro.

— Bom, já que sabem o que fazer além de suspender o rapaz do cabo por três dias; é sua responsabilidade, ele deve tirar todo mundo antes da explosão.

— Você já ouviu, Chon. Me espera lá fora — pediu Juan José.

— Sim, engenheiro. Com sua licença.

— Quem era o acidentado?

— Um rapaz novo. Não tinha muito tempo com a gente. Estávamos começando a ensiná-lo a trabalhar, na verdade só andava carregando os equipamentos do topógrafo. Tinha muita vontade de aprender.

— Pobre coitado — Robles levantou os ombros, deixou-se cair numa poltrona giratória, por trás de sua mesa de trabalho. — Não tem pior ignorante que esse. Escuta, não me dêem outro susto como este. Pensei que tinha ruído o túnel, alguma coisa assim. Temos um compromisso muito sério. A obra não pode parar, você sabe disso.

— Sim, eu sei. Eu sei disso — disse Juan José do fundo de sua alma.

Segunda Parte

O AMANTE



Pulôver vermelho

O murmúrio persistente só permite que se entendam, aqui e ali, umas poucas palavras.

O restaurante, amplo, se encontra praticamente cheio. O tapete velho e azul está molhado na porta de entrada. Chove lá fora. Chove da mesma forma que Gilberto se empapa: bobamente.

Gilberto, finalmente, decide entrar. Primeiro, fisicamente, depois com os olhos percorre os três salões que, separados por divisórias transparentes, integram a totalidade da área ocupada. Descobre, no fundo de um dos salões, um lugar para sentar.

O chá que lhe serviram está quase frio. Tanto faz: na verdade a única coisa que lhe importa é vê-la chegar. Tudo é inútil a seu redor. O barulho o ajuda a se esconder no anonimato.

Não gostaria de encontrar ninguém conhecido. Tudo acontece para ela e em direção a ela. Pega um guardanapo e escreve alguma coisa no papel. Amor é a palavra que mancha a toalha.

Agora a vê chegar. Veste pulôver vermelho bem justo. Mais bela do que nunca. Um gesto impreciso lhe dá um ar misterioso. Ela se vira. Procura-o no salão contíguo. Sua figura, de costas, delinea contornos suaves e simétricos. Procura infrutíferamente. Seus olhares quase se cruzam, mas nada. Arruma o cabelo com certa displicência. Com os olhos percorre os salões de um lado a outro. Triste, dá meia-volta e, com passo lento, abandona o lugar. Gilberto não mexe um músculo, só pisca.

Ele a vê ir embora e não se mexe.

María de la Luz

Há muitos anos, quando era um adolescente, aquela zona da praia ficava longe do povoado. Ocupada só ocasionalmente por vagabundos, poucas vezes era freqüentada por banhistas. Agora, penetrando nela, caminhando entre mansões, vilas e quintas, de acordo com o que diziam os braços de porcelana nos portões, não lembrava quando havia começado a ser construído aquele bairro residencial, exclusivo, sem dúvida de uma arquitetura que pouco correspondia ao clima tropical e buliçoso característico não só da região, mas da sua gente, em particular.

Nunca saíra do povoado; tinha, sim, estado no bairro um par de vezes antes, mas agora, talvez pelo inesperado da ligação de María de la Luz, via tudo com certa desconfiança, remotamente alheio. Não deixava de olhar à esquerda e à direita, tentando se lembrar do caminho, embora a parte principal do calçadão da praia, em frente daqueles casarões, não tivesse um quilômetro de extensão. O que chamava muito sua atenção, ele olhava e não concluída nada, era que algumas das mansões já estivessem fechadas, embora se soubesse que muitos dos donos só ocupavam as casas durante os meses de férias para logo depois voltar às suas cidades e regiões.

Ao telefone a voz lhe pareceu totalmente desconhecida; apesar disso, quando os dois se identificaram, o tom ficou instantaneamente cordial. O convite também foi natural, tão pouco solene — eu gostaria que você viesse de tarde — que apagou, de um só golpe, uma ausência de pouco mais de vinte anos. Ele não a vira durante todo esse tempo, desde o término do ginásio.

Era impossível estabelecer uma relação entre essa voz de mulher e aquela imagem da companheira de tranças eternas, das quais pendiam fitas coloridas, cuidadosamente engomadas pelas empregadas da casa. Pendiam também, às vezes, pedaços grandes de papel ou pequenos pedaços de lápis clandesti-

namente colocados por alguns outros alunos da classe, só para chateá-la.

Reunidos os estudantes do ginásio em um só grupo pelo único professor da escola, a imagem que ele tinha foi sempre a de uma companheira menor, aquela que sempre era preciso defender e a quem pouco a pouco ele passou a acompanhar todos os dias à saída da escola, até, numa tarde, terminar por beijá-la atrás das enormes árvores que beiravam a costa.

Mãos dadas, caminhando suavemente de um lado para outro, sem pressa, como então se passava o tempo nas tardes daquele povoado ensolarado, foram deixando que entre eles nascesse uma cálida amizade. O carinho se dava na forma como ele apanhava no campo silvestre uma flor, talvez amarela, e na maneira como ela a depositava, "para sempre", suspirava, entre as folhas de seu diário.

Naquela época as famílias se sentiam a salvo da pobreza porque sempre podiam contar, ao meio-dia, com um bom almoço, e à noite ter à mão, sem falta, uma caixa de fósforos pronta para a mágica incandescência, inimiga das sombras, obediente à mão do homem.

A luz de uma vela, numa boa família austera, ou até pobre, era então muito mais estimulante à conversa cordial do que uma ampla lareira de outras latitudes, onde reinasse a abundância e talvez, também, a avareza e o rancor.

O portão lhe pareceu imponente: Quinta María de la Luz. Estava outra vez desconcertado. Hesitou em tocar a campainha. Ficou olhando um bom tempo, deixando que os materiais, que a arquitetura estranha diante dele tomasse a iniciativa, decidisse. Finalmente tocou a campainha. O som metálico lhe pareceu uma voz de alarme, acompanhou-o passo a passo, enquanto o jardineiro o guiava entre mangas e mexericas. Fez-lhe um gesto para que se sentasse sob a sombra de um flamboiã, numa dessas cadeiras de balanço que esperavam para ninar, com seu movimento, o senhor da casa durante o calor da tarde.

— Luchita!* — disse ao vê-la chegar, e a palavra foi uma carícia que ficou nela como um sorriso, como um manjar delicado que lhe escorreu pelas fissuras dos lábios por toda a tarde.

Aquela maneira íntima de chamá-la trouxe à memória um enfeite de natal que, encantados, haviam visto juntos anos atrás. Num dezembro morno, entrecortado de pancadas de chuva tropicais, um vizinho tinha colocado, junto ao tradicional presépio, um pinhozinho feito de orgulhosas folhas da palmeira real, enfeitado com tudo que lhe pôde ser agregado.

— Fui embora do povoado — ela lhe disse — mas nunca totalmente de mim mesma. Nunca me afastei do que é nosso.

— Tenho dois filhos. Um estuda medicina. Como o pai, sempre está querendo ajudar os outros. O outro está prestes a entrar na escola de aviação; este talvez se pareça mais comigo, pelo menos é o que dizem — acrescentou. — Você me vê sozinha porque eles voltaram às suas tarefas faz uma semana e meu marido, que de fato é um homem bom, foi de manhã à cidade para cuidar de uns assuntos que já não podiam mais ser protelados.

— As minhas tranças — respondeu timidamente à pergunta — me abandonaram, ou eu as abandonei, uns dois ou três anos depois que saí daqui.

Ele olhou o cabelo curto dela, que cobria só o pescoço. Ateve-se furtivamente a percorrê-la com o olhar. O vestido chegava até os joelhos, cruzados um sobre o outro, e um pé de unhas pintadas balançava. Não soube o que pensar.

— Estudei na cidade — comentou ao ritmo da cadeira de balanço.

De novo a imaginou com os cadernos cuidadosamente encapados, a régua e o esquadro, para traçar retângulos, a mão colorindo um mapa da América.

* Luchita, Lucha — apelido familiar, íntimo, das mulheres que têm o nome de María de la Luz. Comum no México (N.T)

— Conheci meu marido, que sempre amei. — Uma distância de vinte anos o fez alheio àquela mulher em um segundo; acomodou-se, balançando-se também. — Casamos, na lua-de-mel fomos à Europa. Paris, capital da França; Roma, capital da Itália; Londres, capital do Reino Unido.

— Correto — disse o professor. Ele sorriu, relaxando o corpo no fundo da sala enquanto ela voltava ao seu lugar, deixando passar um instante antes de virar a cabeça para olhá-lo discretamente.

— Gostei. Vi o mundo. É diferente e ao mesmo tempo igual em toda parte — disse respondendo às perguntas que surgiam no olhar atônito do velho amigo.

— Mas deve ser muito longe, não é, Luchita? — Levantou-se um pouco cambaleante e recitou: a circunferência da Terra mede 6.370 quilômetros.

— Não sei — ela respondeu com ternura — às pessoas de lá parece que os distantes, os estranhos, somos nós.

— E esta quinta, Luchita? — Viu passar ao fundo do jardim o homem que lhe abria a porta. Instintivamente fez crescer o espaço entre seus pés e as unhas pintadas.

— Compramos faz uns dois ou três anos, mais ou menos —, disse — quando você andava trabalhando como ajudante do prefeito da cidade.

Ficou surpreso que ela conhecesse parte de sua vida. Na verdade, não sabia nada, absolutamente nada sobre ela, a não ser o que acabara de ouvir.

Ela percebeu que sua intenção acertara no alvo, esticou o braço e com a palma de sua mão tocou suavemente a mão dele, agora um pouco calejada, mas que tantas vezes se havia estendido, real ou simbolicamente, para lhe dar segurança, quando ela necessitava.

— Lembro tanto — disse com gosto María de la Luz, deixando que o sorriso de seus lábios revelasse o prazer de fazer

reviver aquelas imagens —, lembro tanto — insistiu — quando você me mandou um papelzinho com o desenho de um coração. Sem dizer nada, deixou o papel na minha carteira, só esticando a mão para que não caísse. Você me disse tanta coisa com esse gesto, eu lembro tanto disso: senti, naquele momento, que as tranças me pesavam, todos riam na classe, até o professor sorriu.

Os dois se reclinaram encolhendo-se em seus músculos, em silêncio por algum tempo. Olhavam-se sem dizer nada, vez ou outra ela olhava para as árvores de frutas, balançadas pela brisa morna, para voltar a colocar seus olhos naquele rosto que ia tomando conta do personagem de quem sempre se lembrara de tempos em tempos ao longo de sua vida.

Comentaram duas ou três coisas sem importância sobre as mudanças ocorridas no povoado. María de la Luz o surpreendeu em mais dois momentos, deixando transparecer que conhecia algumas outras passagens de sua vida.

— Eu queria ver você — ela sussurrou —, sentir que minhas tranças balançam. Quero lhe dizer que sempre lhe fui grata, até o mais fundo do meu ser, por aquele papelzinho do coração vermelho. Sempre o carreguei dentro de mim, me ajudou muito; serviu muitas vezes de grande consolo quando eu mais precisava disso.

Ao fim de um grande silêncio ela se levantou estendendo-lhe as mãos:

— É bom que você vá embora, está ficando tarde.

— Luchita... — ele balbuciou.

— Adeus — e María de la Luz se despediu.

Por que você chora, mulher?

Ele acaba de sair. Letícia continua ligada à sua presença: ainda não consegue dedicar-se a si própria. Sabe disso, mas também aprendeu, como ela mesma observa, a ir se recuperando ao longo da manhã.

Liga a televisão para ouvir as notícias — “ontem à noite”, reconhece a voz nasalada do locutor envolta no zumbido que percorre o quarto, “...e declarou que a busca da igualdade é o signo da nossa época” — enquanto cumpre, sem erros, a rotina matinal.

Estende os lençóis, para arejá-los. Tortura os travesseiros: bate duro neles. Porrada atrás de porrada, mostrando um orgulho de grande classe, os travesseiros vão se refazendo, se inflando, crescendo, até perder todo o vestígio de afundamento noturno.

Logo percebe que há mais de duas horas não dá atenção ao mundo exterior. O noticiário acabou há pouco; na verdade não se lembra de nada. Reconhece que suas vozes interiores foram mais fortes que as do locutor. Às vezes pensa que é justamente a combinação de notícias excepcionais contínuas com atos banais de sua vida que faz com que dentro dela dominem esses diálogos repetitivos, intermináveis.

Às vezes sorri ao perceber que presta atenção ao locutor, não pelo conteúdo da notícia mas, sim, pela exclamação usada para apresentá-la.

O sorriso, contudo, se transforma numa careta e logo desaparece. As mãos sacodem as toalhas recém-retiradas de sua humilhação, úmidas, jogadas no chão do banheiro. O olhar se perde vagamente e dentro dela ressoa sua própria voz com força nova.

“Veja se me entende! O que procuro não é outra coisa senão a minha própria realidade.” Arruma a cortina plástica do chuveiro. “Como mulher, quero saber que sou algo mais do que parceira de alguém na vida.” Coloca novas toalhas no toalheiro.

“Desejo ser um pouco mais que um apêndice de um homem que caminha pelo mundo levando sua esposa costurada à sua sombra.”

“Quero simplesmente ser útil; acho que dentro de mim tenho coisas para dar”. Aproveita o momento para se acariciar as mãos com creme. “Sinto que a vida passa, sacudindo os móveis, lavando os pratos e com sorrisos e conversas idiotas.” Passa os dedos pelas maçãs do rosto, pára nas rugas que começam a aparecer ao redor dos olhos. “Necessito saber que existo, ser alguém por mim mesma. Tocar-me diante do espelho da realidade e me ver e saber que sou eu, fulana de tal, e não só a senhora de, a acompanhante de, o complemento para. “Não!” gesticulava, mexendo a cabeça de um lado para outro. “Não”, tritura alguma coisa dentro de si. “Quero fincar os dois pés sobre a terra, tocá-la, e fazer com que ela me sinta, que se afunde sob o meu peso; ressoem meus passos, meu caminhar.”

“Quero ir ao mercado e me perguntar: do que você gosta percorre?” silenciosa o quarto. Os chinelos amortecem todo ruído. “Desejo passar pelas bancas de frutas, de verdura, de tudo, e me dizer: o que você quer comer?, e não só isso: meu marido gosta disto, isto não lhe agrada, as crianças deixam isto para mim.” Estira novamente a colcha enrugada e vai em direção à cozinha. “Parar em cada situação e dizer: você quer mesmo comer isso?”

“Já nem sei o que gosto de comer!”, sussurra, enfiando a cabeça na geladeira. É hora de preparar o almoço. Brinca consigo própria. Bufa. Põe as mãos na cintura e mexe os quadris. Repete a mesma frase de várias maneiras: gemendo como uma agonizante e, jocosamente, como uma mulher mundana. “Já nem sei o que gosto de comer!” Imita uma garotinha e mexe a cabeça apertando os lábios fortemente como se sua mãe quisesse à força, enfiar-lhe uma colher de sopa na boca.

Imita a voz do marido, dele. Reproduz os gestos dando passos largos ao redor da mesa da cozinha. Muda a voz: "Finalmente acredito que você exagera", ressoa a voz masculina. "Você tem razão, ninguém pode negar: mas descreve sua vida de uma maneira, acho, como se quisesse esquematizá-la ou dar-lhe mais contrastes; você acha que a vida dos homens é só suavidade e doçura. Está enganada", aponta, imitando, ainda, na direção de um móvel. "Também a nós a vida", continua imitando, "a sociedade, a cultura, impõem caminhos e modos de andar, acho que você anda muito radical."

Aproxima-se das panelas. Faz um gesto de desagrado: torce a boca, pisca o olho esquerdo, deixando meio aberto o direito, as narinas se fecham. Afasta o corpo do fogão, de onde sobem agressivamente os vapores da cebola frita. Esfrega os olhos com as costas das mãos.

Em ritmo apressado vai até a pia, lava as mãos e o rosto. Enxuga-se com o avental amarrado na cintura.

Outra vez o televisor: hora das notícias do meio-dia. Por causa dos comerciais exaltando as virtudes dos detergentes, ela viaja. Bruscamente se mexe na cozinha, ao ritmo de pensamentos persistentes, idéias ruminadas, muitas vezes comentadas: "Mas como não vou radicalizar. *Chihuahua!** O que levo dentro é coisa minha, da minha mãe, minha avó, minha irmã, a amiga de minha irmã! Sobretudo, não quero ser como minha mãe. Isso é antívida." Escuta o locutor anunciar as horas, duas da tarde. "Sempre se negando, nunca ter sido ela mesma, vestir-se como meu pai gostava: isto sim, isto não; muito decotado." As mãos não se detêm, conhecem seu ofício: não há necessidade de pensar para tirar oportunamente os dedos da mão

* *Chihuahua!* — interjeição típica mexicana, que teria como equivalentes em português, mais ou menos, as expressões "Puxa vida!" "Pô!" Pode refletir alegria ou frustração, espanto. É também o nome de um estado ao norte do México. (N.T.)

esquerda, sem perder o tomate, enquanto a direita faz brotar fatias do fio da faca. "Manter-se opaca, disfarçada de freira, rodeada de mulheres babacas, das amigas de teus amigos e nada mais." Procura cortar bem finas as fatias de tomate, pois lembra que era assim que seu pai gostava. "Mas isso sim, meu pai, você e meus irmãos, todos os homens, babam por qualquer peito por aí, por qualquer uma que mostre a bunda."

"Que porra de vida!" diz em silêncio Letícia. "Vida de merda", murmura diante do espelho da sala de jantar, apoiando as mãos pesadamente contra o móvel no qual sempre guarda a louça do jantar: "a boa".

Ele garante que as coisas são para serem usadas; mas ela não gosta de correr o risco de quebrar alguma peça e passar um "vexame feminino", como se diz, em alguma reunião social, em que sua mesa não estivesse apresentada como se deve.

Gosta de fazer arroz todos os dias. Assim era na casa de seus pais. Além disso, enquanto o arroz cozinha em seu molho de tomate, pode dar uma escapada para assistir à televisão. É preciso ver as notícias, estar a par do que acontece no mundo. Saber, por exemplo, que o Papa João Paulo II é o pontífice que mais viajou na história do Vaticano, que logo chegará a terras da América, visitando a Colômbia pela quarta vez.

"Por que você me limita tudo?", protesta em silêncio diante das presenças invisíveis do marido. "Por que uma mulher deve se ajustar às fronteiras que lhe são impostas pelo outro? Por que não pode decidir até onde e quando?" O Santo Padre chegará num avião especial; voará da Itália, cruzando o Atlântico sem escalas. "Por acaso uma mulher é, afinal de contas, um objeto a mais que acomodar, organizar, programar?" Voltamos em um instante, depois de uma interessante mensagem comercial, com mais notícias. "Por que essa tutela, por que me permitir ou não me dar permissão?"

A entrada dos comerciais de automóveis e loiras e homens do mundo é como uma ordem para Letícia. Vai ao

banheiro. Escova os cabelos com vontade. Gosta de seus cabelos. Por trás da escova, a mão reacomoda as ondulações do cabelo. Passa o batom cuidadosamente nos lábios, uma cor escura que ressalta os contornos da boca. Um sobre o outro, os lábios se umedecem, fazem a pintura mais humana, mais sensuais as formas.

“Não é lhe dar permissão ou não”, responde a si própria, uma vez mais. Arremeda a voz dele, os gestos, os passos firmes e seguros por toda a sala. “O que acontece é que também devo lhe dizer o que acho que deve ou não deve ser, o que me parece ou o que vai produzir um desgosto, uma separação entre nós.” Fica parada diante da televisão. O locutor lhe sorri, de repente fica sério.

“O que deve e o que não deve ser”, reitera enfática. “Veja se me ouve!” Mas devemos — adverte o locutor de maneira pouco comprometida — escutar a seguinte mensagem. “Veja se me encara como um ser individual, não me dê razão e que tudo continue igual. Não quero que você me entenda de longe, do grupo masculino das reuniões, de onde você me pisca um olho quando estou no canto das mulheres.”

Desliga a televisão e o fogo do arroz. Experimenta o arroz, fica pouco satisfeita. Viaja novamente. “Quero estar perto de você, não estar, deslocar-me, continuar a conversa interessante, ir em frente. Os problemas do mundo não têm sexo, são de justiça ou injustiça, não de homens e mulheres.”

“Veja se me escuta”, diz entre dentes diante da janela da cozinha, enquanto sente as costas congelarem com o barulho da porta de entrada: acaba de se fechar atrás dos passos dele. Há um segundo de silêncio absoluto dentro de seu ser, que produz nela um vazio escuro, negro. Dali mesmo o escuta.

— Estou arreventado — diz o homem. — Por que tão séria? — observa, enquanto deixa o paletó na sala, ao sair da cozinha depois do ritual do beijo de chegada. — Por que tão

circumspecta? — insiste deformando a voz. — Estou arrebetado — estica os braços sobre a cabeça. — Foi um dia horrível no escritório: muita estupidez, erros, discussões, ambições, correrias, desculpas; tudo isso para nada.

Ela em silêncio. Procura, de cócoras, embaixo da pia, no fundo do móvel, uma panela a mais.

— Você era doce e amável, depois endureceu.

“E vai me chamar de egoísta”, se diz Letícia ao falar em seu silêncio, para dentro de si. “Mas não, isso não, é que agora já não me submeto. A submissão, nossos papéis, no transcurso da vida, foi um símbolo de amor convencional entre nós dois, mas não mais. Não me submeto mais. Embora reconheça que talvez ainda não tenhamos construído entre nós novos signos e sinais que falem de amor e respeito.”

— Não estou séria, de verdade — diz em voz alta, levantando-se —, simplesmente o esperava.

Ela leva o paletó ao quarto. Faz tempo que não revista a roupa dele, não procura, não se apavora diante de um fio de cabelo diferente do seu. Mas continua não gostando de ver o paletó sobre a cadeira da sala. Ou será ele que não gosta disso? Já não se lembra.

— Estou esgotado. Acabado — declara ele. — Acho — prossegue — que no final das contas você tem sorte de ser mulher — põe suas mãos decididas na cintura. — Sua filha me perguntava outro dia o que eu gostaria de ter sido: homem ou mulher. Aterrorizado com a possibilidade de alguém me ouvir dizer mulher para lhe dar segurança, e me considerar um viadão, fiquei calado um segundo — agora cruza as mãos na frente, sobre o peito, o que dá a ela uma sensação de distanciamento. Ela se ressentiu disso como se fosse uma ponte fechada. — Acabei dizendo-lhe que as duas coisas eram bonitas, mas com meus botões pensei: será mais duro fazer a barba todos os dias ou sangrar uma vez por mês? Estou arrebetado — conclui.

Olha a fotografia da filha. Sente que ela a observa da mesinha do canto da sala de estar. Cada dia se parece mais com ela. Lembra sua juventude, tem a sensação de que tudo a observa de uma distância enorme, do outro lado da ponte. Escuta o marido repetir: estou arrepentado.

— Sim, claro — murmura Letícia para si. — Eu entendo você — diz, a voz perdida no meio de um solo de bateria: a panela contra o fogão, os pratos contra colheres e facas, os copos contra o armário, os olhos e o soluço, sua frente contra a janela.

— Não entendo. Por que você chora, mulher? — diz ele.

Erro e ferro

— Errar é humano — observou o marido.

— E deixar-se ferrar é coisa de cavalos — disse a esposa, ofendida.

Los yerros y los hierros

— Errar es de humanos — señaló el marido.

— Y dejarse herrar es de caballos — dijo la esposa, ofendida.

A publicação do texto original dá ao leitor brasileiro uma melhor idéia do jogo de palavras — *yerros e hierros* — que o autor quis fazer e que se perde um pouco na tradução para o português — no caso uma tentativa aproximada de transposição de idéia e forma. (N.T.)

Diálogo de gêmeos

— Que foi, mulher? — perguntou Ernesto tão logo a viu. Ele conhecia seu andar, o olhar, o ritmo da voz. Um sinal imediato para ele era vê-la com o cabelo solto, uma vez que em geral ela o trazia perfeitamente preso. O cabelo ao ar significava para ela um grito surdo de ruptura, uma queixa silenciosa que coincidia com o vaivém do cabelo sobre o rosto, acariciando faces, ombros e pescoço. Era gemido e carícia; de alguma maneira um primeiro passo e, portanto, consolo.

— Nada — respondeu, olhando para ele. Seu fracasso vinha sempre com gosto amargo e forrado com suave camada de ternura. Nem por isso era menos intensa e rebelde. — Nada — repetiu, balançando a cascata castanha que lhe cobria meio rosto.

Estava em pé, não havia dado um passo em direção a Ernesto e de fato já quase lhe contara tudo.

— “Nada” — Ernesto a imitou — “Nada”, você me diz quando vem me ver com esse seu jeito de égua recém-laçada. O que há com você, mulher? — sorriu, murmurou quase ronronando, suavizando o terreno onde ela deixaria cair as primeiras palavras, sua conversa chorosa.

— É o cúmulo — ela explodiu —, você vive com uma pessoa oito, dez anos, e não a conhece; e você nem reconhece o homem a quem acredita ter dado o mais íntimo de si, com quem você foi fundo.

— Essa — cortou Ernesto — é uma grande conclusão. Por que você não começa a ir desenhando a cena, pouco a pouco, e depois coloca na tela as manchonas vermelhas e as chamuscas que quiser. Lembre-se de Picasso — observou Ernesto acompanhando a palavra com o movimento do indicador esquerdo —, quando os aprendizes de gênio lhe levavam telas de cores trágicas, ele dizia com modéstia: “Desenhe uma cabeceira de vez em quando, volte às fontes de tempos em tempos.” Assim também você, mulher, deve acertar o foco do fundo e, depois, decorar toda a superfície que quiser.

— Bom — ela concordou —, você não ignora, tive uma discussão brutal com meu marido e você bem sabe por quê. Simples e francamente, não sou do tipo que mente, vivendo vida dupla, por isso disse a ele que tinha safdo, você já imagina com quem. Na verdade — continuou, abrindo as comportas à catarata que já vazava —, saf, sim, mas só conversamos um pouco. Ele, em nossos últimos encontros, tinha uma atitude muito evocativa. Você sabe bem, Ernesto — quis abreviar — existe uma pré-linguagem: transmitem-lhe ondas de interesse, de carinho. Uma pequena atenção, um gesto sutil e você vai sentindo tudo como uma mão suave sobre o pêlo do gato. Além disso, tenho certeza que estou retratada no conto que meu amigo publicou recentemente. Eu me vejo ali, me reconheço e deixo que meu corpo de gato se flexione e se erice ao contato desse sentimento.

Ernesto ficou calado por um tempo, flutuou em seu próprio ser. Experimentou voltar à situação em que foi importante sentir-se pessoa. Então ele se sacudia, esboçando um sorriso amplo: alguém se importava com ele. Ainda era capaz de fazer florescer atos sensíveis. Voltar a ser construtivo era viver e isso estava, de forma indefectível, ligado ao fato de semear amor dentro de nós, ele se dizia, mexendo o corpo, de uma perna a outra, ao ritmo de seu silêncio.

— Admito que alguma coisa senti — irrompeu ela — mas juro que eu o neguei, que não deixei que o sentimento nascesse de verdade. À mulher está proibido sentir coisas fora do estabelecido. Aceitei sair me enganando um pouco, simplesmente me dizendo que se tratava de alguém interessante, sensível, que podia ser bom amigo. Assim comentei com ele, meu marido supostamente muito maduro, e ele ficou como louco. Chamou-me de galinha, leviana, egoísta. Praticamente de prostituta, e eu lhe juro, Ernesto — enfatizou —, que sou boa, que sempre dei até o que não tinha. Sobretudo compreen-

são, quando se tratava dele, de seus “erros” como ele os qualificou então, mas que foram muito mais longe que minhas putarias, como ele disse agora.

— De um lado — comentou Ernesto — você deve entender que, numa situação assim, as palavras têm pelo menos dois conteúdos: um significado literal e outro, de tratar de transmitir sentimentos que podem ir da impotência ao desejo de bater, dar um pontapé, arrebentar o que talvez suspeitamos, e que sempre é intolerável aceitar como fato. Imaginar é um nível; dar nome e cara às coisas é muito diferente. Eu entendo, mulher — gesticulou caminhando, falando carinhosamente à sua amiga de tantos anos.

Ernesto calou-se. Pensou no marido perseguido por mil fantasmas. Ele sabia que para um homem uma coisa é o fato em si, o que na realidade, como instante, passa; e outro assunto é a lembrança do fato. Essa lembrança não vai embora jamais; ela se suaviza, dá para conviver com ela, mas não nos abandona nunca. Um nome, um rosto, uma imagem penetram no espelho do banheiro, na sala de jantar, entre os lençóis e não se consegue tirá-los dali.

Acariciou sua própria ferida, respirou um pouco mais sonoramente. O ritmo do ar entrando e saindo de seu ser o devolveu ao ritmo do pranto de sua amiga íntima.

Ernesto a observou soluçando com os músculos tensos, a alma frouxa de tristeza, a fronte ampla, o dorso crispado. Lembrou o que ela chamava de a lei do funil: “tudo que é largo para mim, tudo que é estreito para você”. Foi suficiente pronunciar “outra vez seu funil”. Era uma frase simples mas a mensagem estava clara para os dois.

— É mais que isso — censurou ela —, é como se você olhasse através de um telescópio, por uns binóculos, e visse os atos da mulher ampliados, enormes. Esse lado estreito do funil, que se destina à mulher, se converte na entrada de um túnel

interminável, de proporções inimagináveis: cada gesto é uma escorregadela, cada palavra é um oferecimento, cada roçada uma cópula amplificadora. No caso do homem, você vira os binóculos, olha ao contrário e tudo fica menor, não tão grave, compreensível. É foda — concluiu — ser mulher. Por muito progressistas que se digam, modernos, construtores do futuro e toda essa conversa fiada, primeiro são machos. Muito machos, com isso que chamam de sua dignidade, sua masculinidade; e a mulher que se foda.

Os binóculos a que você se refere, pensou Ernesto, durante muito tempo ainda vão estar nas mãos dos homens. Sobretudo, mulher, continuou, não se maltrate. E a acariciou com a palavra:

— Você sabe o que vale. O mais importante — disse-lhe Ernesto — é você; porque, afinal de contas, tudo o que dissemos é pouco e muito filosofia barata. O mais importante — insistiu — é o que você vai fazer.

Os dois ficaram calados, ela finalmente mexeu a cabeça, delicadamente, de um lado a outro, o cabelo seguindo fielmente seus movimentos. Olhou sobre o ombro de Ernesto. “Não sei, não sei”, repetiu, enquanto recolhia o cabelo com mãos firmes e dedos precisos, sem deixar solto um só tufo, tensionando desde o primeiro músculo do rosto até a última fibra de cabelo, que até há alguns momentos flutuava livremente.

Com os dentes, mordida infinitamente a fita que deveria segurar o penteado, em seu lugar. Com a boca entreaberta murmurou decidida: “Não darei um passo atrás”.

A patroa velha

Como vou esquecer? Aquele dia minha madrinha começou cedo. Levantamos ao raiar do dia. Ela ajudando a me arrumar. Era o dia em que me despedia. Iria para longe.

A antiga cozinha da fazenda, enegrecida com a crosta de fumaça impregnada nas paredes, cheirava a café.

A lenha, acendida pela minha madrinha, lambia os contornos da panela de barro.

Entrei em silêncio. A calça passada há pouco me obrigava a caminhar de um modo diferente. Também tinha cara limpa e o cabelo bem penteado. Tinha eu dezesseis anos. Não havia na minha camisa branca nem uma mancha, nem em mim o mais remoto vestígio de pecado.

No quarto contíguo, que antes fora uma sala de jantar muito elegante, a porca roncou sacudindo seus porquinhos. Foi breve: alguns grunhidos e tudo voltou ao silêncio.

O café da madrugada era o fim da noite, dava começo à vida, mas aquela manhã era também aviso de separação.

Ouvi novos grunhidos da porca. Eram familiares. Aprendi que ao acomodar-se ela removia a palha, que entre os restos do velho mobiliário aquecia a pocilga improvisada.

A patroa velha ainda não acordara. E, se já estava acordada, ainda não saíra da cama. Eu sabia disso com certeza, pois não escutava o ranger das vigas apodrecidas que acompanhariam seus passos.

Minha madrinha, se mexendo na penumbra, me olhou sem dizer uma palavra. Sabia começar a vida respeitando os últimos momentos do sonho da noite.

Já tinha trinta anos com a patroa, e iniciava cada jornada, em que deveria fazer a mesma coisa, com uma força descomunal, como se só existisse aquele dia único e justiceiro.

Do mesmo lugar que durante os anos de bonança fora o quarto dos convidados, entre o sussurante cacarejo adormecido das galinhas, cantou o galo.

“Vivem como animais!”, tinha gritado, insolente, em uma de suas visitas, a filha da patroa velha. Depois daquele grito, jamais voltamos a chamá-la de patroazinha.

— Falta meia hora pra amanhecer — murmurou minha madrinha.

Assenti com a cabeça. A alvorada foi se vestindo de sons e cores: os galos, a porca, tantas coisas. Era como uma queixa suave do mundo, de manhã.

Quando já fazia um tempo que a luz nos inundava, apareceram, contra as velhas vigas, os primeiros raios de sol.

Com uma nova luz, diferente da de outros dias, por causa da minha partida, se iluminaram os muros quase derrubados. O tijolo refletia uma cor cálida.

Como nunca conheci meus pais, meu único cobertor de criança foram os braços da minha madrinha; e, depois, aqueles muros caindo aos pedaços. Entre eles me esconderam. Sob sua proteção, muitas vezes chorei.

O ranger da madeira me fez saltar o coração: a patroa velha tinha se levantado.

Revisei com angústia minha roupa, minhas mãos refizeram meu penteado.

Ouvi seus passos vindos do quarto escondido lá em cima.

Eu me senti traidor: dos dois, eu era o que hoje se despedia e ela a que não abandonara aquele lugar.

— Eu fico — dissera ela, firme, à filha e ao genro, quando quiseram levá-la embora.

— Mas você vive na mais absoluta decadência, mamãe! Como é possível!

— É preciso amar as coisas como elas são; elas também vivem o tempo com a gente. Daqui não saio.

As contorções e os gestos da filha me impressionaram tanto que só a ouvi no final, quando gritou daquela maneira em que deixou de ser a patroazinha, para ir muito longe.

Mas a patroa velha ficou. Senti que a vida voltava. Colocou sua mão sobre minha cabeça ao passar e fiquei convencido de que fizera isso por mim.

Por isso, eu não queria ir embora.

Na cozinha, onde as paredes enfumaçadas não permitiam que o dia clareasse de vez, minha madrinha serviu duas canecas de café. Colocou-as sobre a mesa e em cada uma enfiou um pedaço de canela. Uma era pra mim, a outra devia esperar até que descesse a patroa velha.

O ar misturou os odores do café com o aroma doméstico da canela. Tomei minha caneca de barro, senti minhas mãos esquentarem. Fui para um canto à caça de novos rangidos, na madeira do segundo andar.

Minha madrinha tinha tirado as tábuas que serviam de portas nos diferentes quartos. Os animais andavam por todos os lados, tentando adivinhar aonde os levariam seus passos.

Eram vinte e oito degraus para descer de seu quarto à cozinha, por aquela escada apodrecida, cúmplice e mexiriqueira.

De cócoras, fui acompanhando cada passo, cada ranger, cada silêncio.

Segurei a respiração e apertei entre as mãos a caneca.

Ao pronunciar mentalmente o número 28, vi seu pé pousar sobre o chão.

Os chinelos estavam gastos e sujos. Deixavam os calcanhares de fora, não escondiam o movimento inquieto e deformado dos pés. Eram baixos, não alcançavam sequer o tornozelo, que se mostrava descarnado.

A centímetros acima da carne colada aos ossos, estava a ponta do robe esverdeado. Com ele se cobria toda aquela enormidade de mulher, quando descia para o café de manhã. Do meu canto se alçava infinita.

Era a patroa velha. Não me vira. Como sempre de manhã, como se desconfiasse de alguma coisa, antes do primeiro

sorvo, mexia repetidamente o conteúdo da caneca, arranhando o barro.

O recipiente se perdia entre as palmas de suas mãos. Tinha dedos grandes. O dorso estava manchado de uma infinidade de tons que davam à pele das mãos uma coloração totalmente diferente da cor pálida do rosto.

O cabelo, com um milhão de fios brancos, caía em desordem, escapando de uma fita negra com um nó mal feito.

Sem se virar, me disse: “Temos que conversar antes que você vá embora.”

Cruzou os braços para segurar o robe que mostrava, aqui e ali, os rasgões produzidos por uma deterioração implacável.

— Seus olhos me dizem que você quer falar comigo.

— Sim, patroa velha — consegui balbuciar, vendo-a lá no alto, do mais profundo do meu assombro.

— Vem, garotinho — sentenciou virando sem tocar o chão, indo em direção às escadas, como quem se dirige ao altar.

Ao ir subindo os degraus atrás dela, consegui ver como a luz se acomodava entre o pó dos cantos.

Também com meus passos rangeu a escada. Eu queria silenciar a escada levando os dedos à boca, mas era inútil fingir que o mundo não sabia por onde andava a patroa. A madrinha, a porca, os galos, sempre sabiam.

Vi quando fechou a porta de seu quarto por trás de nós. Observei-a ao acomodar num canto a escopeta que conhecia a dez quilômetros de distância. Eu estava paralisado, com as costas contra o verde envelhecido da porta.

Puxou as cortinas até que ficássemos na penumbra. À direita podia ver o baú sem fechadura. À esquerda, justamente entre o ângulo que faziam a porta e a janela, ficava seu guarda-roupa.

— Quero que você me veja como sou, e não venha com romantismos ou lembranças babacas — disse.

— Sim, patroa — disse baixinho, com os olhos arregalados.

— Quero que você me veja bem porque sou como esta casa. Veja como estou: caindo aos pedaços.

Disse isso fixando os olhos em cima de mim.

— Já é hora de você se fazer homem.

— Sim, patroa.

Pegou minha cabeça entre as mãos, girou-a de um lado para outro e de repente a soltou.

Deu uns passos para trás. Abriu o robe, saíram para fora algumas partes de mulher.

Eu não me mexi. Não posso dizer quanto tempo passou.

De repente, ela estava inteiramente nua.

Tinha pedaços brancos e pedaços azuis.

Os peitos lhe caíam tristes, como espigas velhas. Em certas partes era gorda, em outras magra e seca.

— Vem — me disse.

E eu fui sobre ela como quem entra no rio ou despenca de um barranco: sem olhar até onde se chega, sem saber até quando se pára.

Acariciei seus braços flácidos com a mesma ternura com que alguma vez levantei móveis velhos e cheios de pó. Percorri com minhas mãos suas pernas magras como vigas apodrecidas, quase quebradas. Beijei seu rosto com a mesma segurança que meus lábios pousaram no tijolo dos muros vencidos.

— Patroa velha — sussurrei.

— Chame-me de Isabel — me respondeu de dentro de si — Só assim, Isabel.

Abraciei então aquelas ruínas e fiquei.

Jurema

A simples lembrança é brutal.

A terra que o senhor tem diante dos olhos é terra de cangaceiros, é o sertão; toma-se a vida de qualquer criatura, sem titubear, para continuar a própria, como se nada tivesse acontecido.

Durante o dia a brisa é cálida, mas qualquer vento deixa os sertanejos com os cabelos duros de pó. Ardem os olhos por causa da areia fina que machuca.

Quase sempre avermelhados, seja pela irritação do sertão que fere ou pela morte, companheira permanente, os olhos de Jurema tinham chorado um pouco.

À noite a solidão é absoluta, nada se mexe. As estrelas se escondem e a mulher sente o mais completo abandono. Quando o frio noturno do nordeste se mete até os ossos, ela sabe, em silêncio, sem pestanejar, que faz tempo Deus lhe deu as costas, que abandona tudo, uma vez mais.

Há épocas longas em que Deus se esquece do sertão. O Mau sabe disso e sai por aí a alegrar o pesar.

Foi o que lhe aconteceu; o Diabo, rindo, a fez em pedaços, arreventou com ela.

O que passou só é comparável às portas do inferno. Foi o próprio anticristo que a arrastou.

O mal também anda com cara de gente boa, daquelas que nos inspiram confiança na hora.

A violência, ela temera, viria de um dos seus, quando mais de algum dos coronéis ou de seus selvagens guarda-costas. Nunca imaginou o que lhe aconteceria. Tinha pouca sorte a mulher mal dotada para o gosto dos homens, e perigoso era seu destino se ela fosse bem dotada, O melhor era: "como você, Jurema — lhe disseram quando se fez mulher — nem muito leite, nem pouco."

Jurema nunca ouviu, em sua vida, a palavra amor.

Tampouco esperava ouvi-la, como não esperava com

medo a morte: temia, isso sim, as formas brutais como os homens invocavam a morte.

Nunca esperou encontrar-se de frente com o mal, muito menos que a abraçara, e o Mau a envolveu toda, até açoitá-la.

Fez sua vida em pedaços e o corpo o deixou sem alma.

O rancor que sente é infinito, só comparável com o ódio que sente por si própria.

Antes, a ira brotava só para essa cara estranha e a raiva contra seu corpo. Agora é ela mesma que se aborrece.

Nos primeiros dias do regresso ficou inteiramente prostrada, o olhar perdido, todo o seu ser um ovinho, no canto sujo da cabana abandonada. Passava as mãos sobre as manchas arroxeadas dos braços, que não saíam mais, e as marcas velhas nas pernas, testemunhas mudas de que seu pesadelo fora real: aconteceu a ela.

As vozes da lembrança sempre a assaltam: “Vai me matar também?” perguntou a Jurema da Guerra do Fim do Mundo.

— Se eu fosse Rufino, a mataria, porque em você também há culpa e quem sabe pior que a dele — disse Caifás do alto de sua montaria. — Mas como não sou Rufino, não sei. Ele saberá.

Sentiu medo. Caifás a olhou sem acusá-la, sem perdoá-la; sem pedir nenhuma explicação. O olhar impávido não a ameaçava, não havia ira; a raiva, nesse homem no qual a bronca tinha abrigo permanente, estava ausente. Foi isso que a assustou: ele a olhou como a uma morta, como uma estrangeira defunta.

Por um segundo sentiu desejo de ter deixado que matassem Caifás, quando houve oportunidade. Ficou envergonhada de todo o seu delito.

O eco da culpa a afundou no desprezo. O cabelo avermelhado do forasteiro, que havia tido nas mãos, já sumido, invisível, voltou a lhe queimar a pele entre os dedos.

O forasteiro a tinha desgraçado na ausência de seu marido, e depois disso que outra alternativa lhe sobrara senão segui-lo?"

Foi triste que Rufino, seu marido, ao invés de ficar com o Barão, fosse a Queimadas e virasse masteiro, ofício odioso que sempre o mantinha viajando. E, mais triste, não ter podido dar-lhe um filho. "Por que Deus a castigara, impedindo-a de gerar? Quem sabe...", as decisões de Deus eram, às vezes, difíceis de compreender.

Em sua lembrança só havia lugar para tristezas e rancores. Ela finalmente condenou Caifás em sua imaginação, a uma morte violenta: que o destripassem com uma faca, que caísse com o cavalo e tudo mais e se extinguísse desta terra com sofrimento, sangrando lentamente.

Pelo ódio que tinha ao outro, deixou de pensar nele.

Faz tempo que todos desapareceram. Faz tempo que voltou à cabana. Por que voltou?

Comeu raízes e bebeu água suja. Passo a passo colocou em ordem o que pôde recuperar. Quase nada. Encontrou alguns utensílios abandonados no curral pelos ladrões. Voltou a acomodá-los num lado da cabana.

Ia, aos poucos, colocando um sino velho aqui, estendendo um trapo ali, com isso pendurando as lembranças.

Não soube quando ousou se lembrar.

Fazia tempo que só pensava naquele momento. Quando muito longe ia sua mente, imaginava, no máximo, o dia. Assim foi se reconhecendo, revivendo, entre o pó, entre os cacarejos ausentes das galinhas.

À noite pôde, enfim, reconstruir um sentimento: o ódio.

Ódio para todos. Mas também despeito por Rufino por não ter ido buscá-la, pelo menos para matá-la. Ver outra vez seus olhos, sentir seus braços fortes, seu olhar arrogante com ela, humilde com o patrão.

Se Rufino tivesse estado presente, nem o forasteiro nem mesmo o Diabo se atreveriam. Rufino com a faca era mais rápido que o vento. E por sua fêmea, por orgulho de macho, por ser sertanejo, teria antes degolado todos que continuar vivendo para ver que a haviam desgraçado em sua própria casa.

— Rufino — sussurrava — para que você foi embora, o Demônio o enganou com o brilho do ouro? Onde estará seu corpo, Rufino? Você foi enterrado como cristão ou lhe comeram os urubús todo podre e despedaçado, jogado sabe lá em que buraco do sertão?

Com o ódio e o despeito, a lembrança.

“Você é jovem, de rosto limpo e fresco, leva os cabelos soltos, veste uma túnica sem mangas, vai descalça e seus olhos ainda estão pesados do sono de que lhe arrancou a chegada de Galileo Gall — o forasteiro — faz pouco.”

As noites são longas e o calor afugenta o sono. O corpo de Jurema se mexe e sua. Está totalmente sozinha e apesar disso há presenças que não se afastam dela. Despida, as palmas das mãos escorregam entre os músculos fortes. Noite após noite a lembrança vem, mas ela já tirou a armadura de pontas agudas e cortantes: não traz consigo o que fere a pele; não arde, não rompe, não dói.

“O bater dos sinos brota outra vez, simultaneamente com os ansiosos latidos na porta da cabana e o relincho da mula”.

“Galileo — o forasteiro — suspira, carregado. Decide tomar um gole de seu cantil, queima o paladar, sua cara se torce numa careta. Bebe outro gole, assoprando. De tempos em tempos, morde o lábio inferior. Agita-se, sua... Ela está muito séria e o olha sem pestanejar. Sua cara é comprida, sob a pele esticada ressaltam os ossos dos pômulos e do queixo. Serão assim, salientes, nítidos, loquazes, delatores os que ocultam seus cabelos?”

Com a lembrança viva, os músculos ficam ainda mais tensos. Com o suor, as mãos, os braços inteiros lubrificam a

pele queimada. Não há rivalidade entre a pele das mãos e a pele dos músculos. Não é intruso o tato.

Na imaginação, a lembrança não tem cheiros, nem tempo; é curta se se afasta a mente assustada. Permanece quando a curiosidade chama. Tampouco se ouvem os gritos ou se sentem os golpes. É sua própria desgraça, revive-a perfeitamente, mas agora é vista de outra maneira, melhor dizendo, acolhe-a de forma diferente. Daquela vez tinha o paladar seco e agora a boca se enche de saliva.

As pernas se mexem, de forma compassada, uma junto da outra, enquanto os braços entrecruzados cobrem o peito. Entre mãos e antebraços, entre pernas e músculos não há contato, há carícia lubrificante. Só na mente há ódio pela lembrança, só no espírito é tormentoso o sentimento.

“O senhor acredita — diz Jurema — o senhor acredita que o mar será sertão e o sertão, mar? Que as águas do rio Vaza Barris se converterão em leite e as barrancas em cuscuz de milho para os pobres comer?”

“O rosto de Jurema não diz nada, nela não se mexe nenhum músculo; seus olhos escuros, levemente puxados, o olham sem curiosidade, sem simpatia, sem surpresa. Tem uns lábios que se franzem nos cantos, úmidos.”

O anjo do mal a tocou com sua asa envenenada. Satanás, sussura com medo, Satanás! Deixe-me odiá-lo! Cobre o rosto entre as lágrimas que lhe escorrem por aqueles pômulos sempre salientes. O horror da mecha avermelhada é entrada no inferno.

O calor que sente também é do próprio inferno. Está deitada nua, as formas presentes na rede. Sentou-se várias vezes, levantando-se de repente, para logo voltar a deitar. Fecha os olhos e novamente se mexe. A inquietude toma conta de seu peito, a inunda como uma nuvem gelada que cobrisse toda sua alma. O alarme a toma de assalto, o coração palpita; a agitação a incomoda, as veias do pescoço se dilatam. Agita-se e se odeia.

Mas acima de tudo se detesta, se aborrece, porque, com os dedos abertos, baixa a mão até o peito e encontra os seios túrgidos, os mamilos em pé. Sente que arde.

“Por fim, Galileo se acalma. Volta à cabana arrastando os pés. É recebido por uma revoada de galinhas que o faz levantar as mãos e proteger o rosto. Jurema está no centro do quarto: uma silhueta trêmula, a túnica rasgada, a boca entreaberta, os olhos cheios de lágrimas, os cabelos revoltos. Olha arrasada a desordem ao seu redor, como se não entendesse o que ocorre em sua casa, e, ao ver Gall, corre para ele e se abraça contra seu peito, balbuciando palavras que ele não entende. Fica rígido, com a mente em branco. Sente a mulher contra seu peito, olha desconcertado, com medo, esse corpo que se junta ao seu, esse pescoço que palpita sob seus olhos. Sente seu cheiro e, meio tonto, pensa: é cheiro de mulher. Suas fronteiras fervem”.

O que ela odeia é lembrar, que a lembrança a faça estremecer, mas não de medo. As imagens se chocam e ela olha. Não é a ela que isso está acontecendo; é uma aparição que observa de longe, alheia e misteriosa. — É à outra Jurema que isso acontece e ela olha com luxúria; é doloroso mas lascivo. Fecha os olhos e se odeia. Baixa as mãos entre as pernas e se provoca. Nada tem a ver a imagem longínqua que agora vive com o horror físico daquela hora. A dor velha se perde, já não a toca; sente-se inundada com a vibração da visão lúbrica, e se odeia, se aborrece. Despreza-se, mais ainda que ao forasteiro, muito mais que à dor e à lembrança, porque, quando lembra, a imagem a traspassa com flecha que a fere luxuriosa, sensualmente.

Não se reconhece. Alguma coisa muito oculta vaza. Seu corpo se agita, se mexe. É culpa dessas imagens, da lembrança, não é o forasteiro, a quem odeia sempre. É algo, tem certeza, que nasceu quando o Diabo a tocou. Tem isso dentro, cresce,

se desenvolve, quando suas entranhas se amotinam, como uma serpente incontrolável.

“Ela resistia e ele lhe dera uma porrada e, cheio de inquietude se perguntou se também não a havia agredido quando ela já não resistia e se deixava desnudar. O que aconteceu, companheiro?”

Durante o dia, um suor a acompanha sempre. Não tem sossego. Toca o seu próprio corpo como se fosse o de outra. Não entende a vida, caminha sempre: alma penada. Alimenta as novas galinhas, odiando-as sempre. Rameiras, cospe, são as mesmas invariavelmente. O Mau, ainda que invisível, também tem sua plumagem.

“Suas frentes fervem. Fazendo um esforço, levanta um braço, rodeia Jurema pelos ombros. Solta o revólver que ainda trazia e seus dedos alisam com maldade os cabelos revoltos: queriam me matar — sussurra ao ouvido de Jurema — não há mais perigo, e tiveram o que queriam. A mulher vai se acalmando. Cessam seus soluços, o tremor de seu corpo, suas mãos soltam Gall. Mas ele a segura sempre, acaricia seus cabelos sempre e, quando Jurema tenta se libertar, ele a segura. *Don't be afraid*, diz soletrando, pestanejando sem pressa, *they are gone, they...* Algo novo, equívoco e urgente, intenso, apareceu em seu rosto, algo que cresce por instantes e de que está ainda pouco consciente. Tem os lábios muito perto do pescoço de Jurema. Ela dá um passo atrás, com força, enquanto cobre o peito. Agora se esforça para desprender-se de Gall, mas este não a solta e, enquanto a segura, sussurra várias vezes a mesma frase que ela não pode entender: *Don't be afraid, don't be afraid*. Jurema o golpeia com as mãos, arranha-o, consegue se safar e foge. Mas Galileo vai atrás dela no quarto, a abraça e a prende de novo e, depois de tropeçar no velho baú, vai com ela ao chão. Jurema dá pontapés, luta com todas as suas forças, mas sem gritar. Só se ouve o resfolegar entrecortado dos dois, o

rumor da luta, o cacarejo das galinhas, o latido do cão, o tocar dos cincerros.”

Quando ouve os mesmos ruídos, quando o vento faz bater o cincerro, Jurema odeia ainda mais a lembrança. Tudo volta à sua mente, mas o rival que a assedia tem um corpo que não pesa, nem seus ossos se ajoelham; está ausente o fedor da boca. Mas Jurema detesta sobretudo que, quando tem vontade de sentir, quando se agita e se debate, com o cabelo desordenado e a boca entreaberta, quando desliza as mãos entre as pernas, lhe basta, para se esquentar, a lembrança de Gall, o forasteiro.

Para não magoá-lo

Você era capaz de ir largando as coisas. De deixar para trás o ar natural que a acompanhava em suas caminhadas no bosque perto da cidade. Abandonar também, por exemplo, aquela sensação que a invadiu no dia em que a convidaram a montar e você gostou de trotar, acompanhando o ritmo natural do animal. Que prazer então se sentir em movimento sobre o cavalo que tinha a impressão que sempre fora seu, que acompanhava o subir e baixar do seu corpo, a tontura tranqüila de sua vista ao galopar.

Você deixava também para trás, no abandono, porque tudo isto era novo, como outra dimensão, suas tardes de maratonas, de dois ou três filmes num mesmo cinema, suas conversas de amigas, as reuniões para discutir.

É que com ele havia nascido sua outra oportunidade, seu infinito ser sensual. Foi com seu amor solidário que entre os dois surgiu o respeito a cada um como indivíduo. "Cúmplices", ele sussurrava, piscando o olho docemente. E com ele, entre suas coisas largadas, você deixava o tempo, a luz do dia, o lugar. Tudo se desfigurava quando passavam horas e horas fechados no quarto, se amando, calando, acompanhando com o dedo indicador a gota que percorria o corpo quando suava.

Já podiam os seres humanos chorar angustiados, caminhar depressa, parar para cumprimentar, e, apesar disso, se haviam convertidos em coisas alheias. Entes de reações previsíveis, de reflexos bruscos, que vinham sempre com alguma condição. Seres de caretas pré-fabricadas, de sentimentos previamente escritos. De vozes sem fundo, de papelão, sem cumplicidade. Vozes de palavras de uma só dimensão, de letras pintadas em um só plano. De frases sem malícia, sem a picardia de um "sim" interrogativo, ou um "talvez" mil vezes ambíguo dele.

Vozes como a de Román, tão diferente da dele, que agora a devolve ao cenário desta cidade que continua sobrevivendo. Palavras que a arrastaram à peça de teatro em que você está

trabalhando, sem que seus pés toquem a terra. Voz de Román que traz você ao quarto onde, faz minutos ou segundos, ou talvez um tempo sem tempo, fecharam as janelas para escurecer sua intimidade.

Recolhimento em que vão se desfolhando os botões de uma blusa que você vê cair murchando em mil dobras. Canto no qual você se entrega sem saber por que e onde sente a mão de Román passar de um seio a outro dizendo "me ama, não me ama". E você sabe que acertou porque agora, sim, começa a estar presente, porque você sorriu e os mamilos já estão aparecendo como soldados no alto de uma muralha. Vêm escutar a presença de Román que suave, muito suave, fala com eles, sussurra, acaricia com sua língua, que faz uma dança em círculos. Animaizinhos curiosos que ouvem, que são convidados a dialogar: caracol, caracol, saia para que eu o veja, apareça para que eu lhe dê meus beijos de sol."

A língua na auréola de seu peito dá três toques que descem vibrando por seu ventre, por sua mão, que vai buscando o badalo de Román; e você o sacode também, chamando-o à festa, ao carnaval.

Em outros tempos você era capaz, com ele, de deixar tudo, de desconhecer seu pudor de mulher, de entregar seu prazer, de olhá-lo indefesa, jogar para fora do veleiro, ao mar, seu maiô. De ouvi-lo, como à espuma, murmurando ao seu ser quando você já não era mais que corpo: "Arda sua pele ao sol, voltemos ao rito original, banhe-se nua, sejamos todos de sal."

Ai, como você se deixava naufragar! Como se mexia seu corpo sobre seu núcleo marinho. Como o imitavam em coro as ondas do mar. Como era possível dar-se tanto para voltar a se dar; tanto ir se entregando, submergindo naqueles tempos tão passados?

Ai, como lhe ardia o corpo sobre o veleiro abandonado, longe da praia, aos caprichos do mar! Essa vela arriada diante de um mastro que dela se apossa.

Essa vela branca que os envolve, esse lençol lunar, que cobre a paixão, a agressividade pujante do pirata que vem roubá-la. O que você quer me roubar, você diz, se já lhe dei tudo o que tinha para dar?

Que derrota aquela do velame! Que derrota agora das suas calças soltas entre as pernas que se entrecruzam, que se friccionam, que empurram, que afastam tudo o que possa cobri-las, que procuram, golpeando a roupa de maneira frenética, a nudez total!

É Román que você olha erguendo-se como uma coluna, como uma torre que sobe por você, que não é mais que um pedestal de olhos fechados e de mãos que você olha como alheias. Braços que sobem e descem percorrendo a coluna desde a base até um capitel loiro que você revolve, despenteia e continua, vendo escorrer, entre seus dedos, aos tufos.

“Não diga nada Román”, você sussurra, porque ele a fere, faz sofrer e machuca com seu “galopa, bonequinha, galopa”, enquanto monta por trás de você. E você galopa para que ele silencie. Que silencie, e você galopa e galopa porque ali está você, tomada. Entregando-se, sendo dona de você, desde que soube que estava tocada pelo dardo, que a flecha do homem era um poder, um chegar até dentro, um amar sem remédio. Você se sabe Tróia condenada por deuses sensuais, Tróia sob a essência da força do ser, do domínio que a arrasta até onde você já não pode dar mais.

Mulher, cidadela tomada por dentro, por um cavalo que você também construiu, transformado em língua, que colocam e empurram por trás da fortificação de seus músculos que cedem.

Tróia de fêmeas, de mulheres que você compreende. De escravas que você acompanha ao lavar os pés do amo. Mulheres com mãos que são suas mãos, de dedos suaves que, com ternura, lavam os pés. Tomam os pés, que umedecem com água

morna, e os amaciam com beijos e carícias. Mulheres que levam à planta dos pés antigas homenagens para agradecer a homens como ele.

Seu amor, cujos pés você lavava num quarto sem tempo. Cujos tornozelos pegava suavemente para depositá-los em seu regaço coberto com as toalhas dele. Pés que você venerava como se tivessem saído de seu ventre, que embalava com mimos de mulher. Com carícias que deixaram seu homem em paz, na mesma tranqüilidade bondosa que traziam a seu leito os ritmos compassados de suas duas ou três fugas para a felicidade e sua chuva de mineral.

Ritmos que iam subindo mais e mais em você. Ritmos que no primeiro clímax faziam você vibrar, como por uma esperada batida à sua porta, entre os joelhos e a pele.

Ritmos de penetração contínua, compassada, que ele seguia e que levavam você mais longe, a luzes que rompiam a escuridão. Pausas e brilhos do mistério tenso que lhe desdobrava as entranhas, a personalidade, o espaço. Magia penetrando mais e mais, levando você a uma estrela, fazendo você cavalgar junto com ele no cavalinho do mar.

Ritmos e cadências aonde sua barca a levava entre beijos de espuma com língua de sal. Com saliva em cascata da boca dele à sua boca, fazendo você gemer, tendo que voltar a inventar tudo. Gritando para desdobrar a realidade, desesperada pelo pulo no inverossímil, a entrega total. Entrega sendo dona de você mesma, sem submissão.

Rendição tão completa que todo o resto está ausente. Que todo pensamento se esfuma, que só se existe ali, naquele instante. Que é você somente a planta dos pés que ele toca levando suave ternura a cada um de seus mais delicados segredos. Você não é senão a carícia derramada das mãos dele sobre suas costas; somente o próprio sorriso, quando ele a servia, dando-se humilde, o café da manhã na cama como

diante de um altar. Vindo até você, caminhando com infinita naturalidade, de igual para igual. Entrega que vai muito além de as pernas subirem sobre os ombros de Román, enquanto as mãos dele a levantam pela cintura levando-a, como ar e onda em rebentação, a se chocar uma e outra vez contra a rocha do corpo dele.

Cada colisão é um esgotar-se pra começar de novo, é um consumir-se para brotar com mais ímpeto. É um aproximar-se de sua boca para se abrir de par em par. É partir-se em dois até o mais fundo, é reconstruir-se no corpo do outro trazendo-o a você, com seus braços batendo como asas sobre o dorso dele, que você segura de uma fuga que sabe ser inútil.

Você não quer que ele vá, agora não quer que Román vá embora, o que você deseja é que viva para sempre nas suas entranhas. O que você deseja é que ele lhe dê um banho, que a inunde com seu mineral de prata. Porque você leva dentro a sede da terra, da planta seca. Agora a angustia encontrar, trazer para você sua umidade interna. E você quer que ele faça chover sobre você toda, que não se mexa mais.

Suave, você lhe pede, esperando a compreensão que precisa nesses momentos. Uma compreensão sem palavras, intuitiva, respeitosa, de carinho e cuidado pela pele tema. Suave como era ele quando a olhava com sua carícia de artesão velho. Delicado como a paz que lhe trazia ao deixar o rancor antigo, o de todas as demais, de hoje, de ontem; a sensaboria velha de ser para os homens um objeto, o perdoar nele um despeito milenar e poder ser inteiramente mulher. Suplica que seja intuitivo como ele era quando a levava pela mão, de olhos fechados, pelos caminhos da erótica fantasia.

Você fechava os olhos com ele e era outra. Era ao mesmo tempo aquela outra que vinha até vocês, quando a evocavam de noite, e tocava sua pele. A mulher imaginária a percorria com suas mãos de seda, provocando em você uma fissura nas costas,

levando-a à adolescência, a seu primeiro beijo de mulher a mulher. Ai! Essas fantasias loucas, suas quatro mãos, as línguas reinventando tudo para ele.

Que loucura se atrever a tocar seu sexo feminino e misterioso! Que fragrância que remove o sangue! Venha, você lhe dizia, ame-a, que eu quero ver. Ame-a enquanto eu beijo seus seios, entregando-me a meus sentimentos de menina e mulher. Ame-nos às duas, que você é o potro forte da manada. Toca-nos às duas, você gemia, que é o leão da pradaria ereta e incendiada. Ai! nossas fantasias, diziam, tão descabeladas e loucas. Ai! que gostosos são seus líquidos de mulher. Ai! que onda incontável percorre seu corpo quando você sente que gosta da outra mulher.

“Bela, bela que bela é! A cintura tão quebrada e seu dorso que desce tranqüilo como mel. Que formosa você é!”, e Román lhe morde a orelha. “Que linda”, lhe repete acariciando-a inteira. “Que bela!”, insiste enquanto leva seus dedos à boca dele. Ai, que vagarosa sua mão para tampar essa boca. Não quer que você abra a boca. Você não quer que se mexam os lábios dessa boca. Você quer calá-lo enquanto se aproxima dele. Não quer ouvi-lo, nem lhe responder, nem lhe dizer, mas ele repete: “Você foi minha, completamente minha; sempre soube que você podia ser totalmente minha.” E se cala Román se afundando no seu pescoço, enquanto mexe seus braços e, com os lençóis, você se cobre.

E você fecha os olhos e segura, com a respiração, o andar do tempo, apaga a luz do continuar. Deixa as mãos quietas por um imenso segundo para que não mude a atmosfera do leito, atrai-o em seguida até você e pede que abra a janela, um pouco de água, mas sobretudo uma trégua.

Que Román silencie e não desconfie dele, para não magoá-lo, para que não adivinhe a intensa lembrança que há em você.

O AMANTE

Ele descobre em meu corpo mares desconhecidos. Com sua mão navega entre os quadris. A carícia é um suave sopro de vento que me faz balançar como um barco tranquilo. Agora estou no Oceano Índico, na calmaria, fora do alcance de qualquer pirata; em seguida, sua mão desliza, desce e me impulsiona, estou diante da ilha sonhada dos mares do sul. Fecho os olhos e entardece.

Com ele escapo, por uma fresta, do mundo cotidiano.

Tenho a mesma vertigem de quando menina, ao chegar às escondidas até a despensa, descalça, em noturno assalto. Qualquer barulhinho era então um escândalo. A noite era cúmplice suspeita. Só se podia nela confiar quando tudo, sem sobressaltos, já havia passado. E o medo só terminava com o raiar do dia. Eu sei que a noite sorria, cínica, com o bater espantado do meu coração. Os golpes desesperados no meu peito produziam, na escuridão, nos móveis da cozinha e nas sombras da escada, uma careta, quase uma sonora gargalhada.

É essa mesma vertigem que sinto quando vou vê-lo.

Ele chegou até mim, me teve entre seus braços, me estreitou muito antes de me tocar. Sua presença foi minha, me cobriu antes do tato. Fui sua quando nem sequer desconfiava.

Não foi nem um assalto brutal de infantarias de declarações nem uma carga implacável de uma cavalaria de promessas e adulações, que fizeram com que a praça se rendesse. Para resistir a esse tipo de ataques espetaculares e óbvios, sempre estarei preparada. Sou invulnerável a qualquer bombardeio machista. O que ele trouxe consigo foi uma sinfonia de pequenos detalhes, importantes para mim. O fato de estar interessado sobretudo em quem sou e não no que faço ou deixo de fazer, foi um dardo terrivelmente certo. Foi algo absolutamente diferente.

Não me disse o que diz a qualquer mulher. Simplesmente quis saber de mim como indivíduo.

Tantos anos cumprindo uma série de deveres e inadiáveis tarefas! Minha importância no mundo se mediu, sempre, pelo compromisso com os outros; os pais, ou os filhos, ou o trabalho. Nada nem ninguém parava, senão para me lembrarem da atividade que me correspondia ou daquilo em que eu fracassara. E me diziam, quase paradoxalmente, que eu, para eles, era insubstituível. Por bom tempo me senti feliz; com o passar dos anos, só satisfeita.

Mais tarde, pouco a pouco, fui afundando numa atmosfera triste. Descobri na pele, nas tardes cinzentas, em alguns momentos de silêncio, que esse elogio não era um presente para cortejar a minha particular e sensível feminilidade. Essas frases obsequiosas foram se revelando: as palavras cotidianas de carinho foram deixando cair sua máscara, para mostrar o fio implacável da exigência. Não era à minha ternura de mulher que eles elogiavam ou presenteavam, vai! Tudo aquilo não passava, na verdade, de medalhas que me compensavam pelas tarefas que eu realizava.

Um dia me surpreendi refletindo sobre tudo aquilo e então me perguntei: se não fizesse tudo que faço, não valeria nada? Olhei ao meu redor, observando por um instante minha vida, como se estivesse do lado de fora, e me perguntei: se não fosse tão útil, me amariam da mesma forma?

Num daqueles dias ele apareceu, com uma simplicidade inusitada, uma simplicidade de garoto. Deteve o passar de sua vida em mim, e pedindo, ao me olhar sem pestanejar, de longe, timidamente, que suspendesse por um instante o deslizar do tobogã da minha vida.

Nunca saberei com exatidão se foi ele quem inventou todo aquele questionamento; ou se foi minha busca o que abriu uma porta pela qual ele pôde entrar até mesmo num local em que ninguém mais nunca havia estado. Talvez tenha sido uma combinação das duas coisas.

Uma conversa, então, aparentemente igual a qualquer outra, tomou um rumo inesperado. Uma semente ao vento, que em outra ocasião teria sido inútil, germinou numa terra que estava ávida por se entregar, e era, em si, a própria fertilidade.

— A noite lhe dá medo? — perguntou ele, suavemente, sempre me olhando.

— Não, não sei. Faz tempo que essas perguntas não estão na minha cabeça. Sim, às vezes me dá medo — respondi, ouvindo um eco que vinha de muito longe. — Eu me sinto só, pequena, diante da escuridão do mundo.

— É verdade que a vigília é, às vezes, muito longa e que o amanhecer é como a alegria, que tem algo que ressoa como a risada.

— Sim. Que estranho! Faz tanto tempo que não perguntavam essas coisas. Quando eu era menina, moça romântica, gostava de falar delas.

— Você me parece uma mulher tão delicada por dentro, tão suave...

— Eu? Pois todo mundo diz que sou tirânica — cruzei os braços, redobrei a dureza da minha armadura exterior. — Nunca deixo ninguém chegar tarde, comigo não há criança ou adulto que não cumpra sua obrigação. — Fiz um gesto militar.

— Olha, eu acho que você tem os ossos de açúcar, que suas amígdalas são de malvaíscos, e que nas veias lhe corre um *milk shake*, de baunilha e chocolate.

— Como você é bobo! Tenho vontade de rir, sabia?

Alguma coisa no meu peito foi tocada. Aspirei uma brisa cálida. Uma carícia me percorreu o rosto.

Naquela noite, quando todas as luzes se apagaram, não senti medo. Senti, na verdade, um grato sabor de simpatia. Meu quarto se encheu de uma atmosfera morna. O contato dos lençóis com meu pé foi reconfortante. Suspirei fundo. Tinha um amigo.

Nas noites seguintes voltei a pensar nele, para refletir sobre mim própria. Seu interesse por minhas coisas, seu rosto, sua presença, foram se convertendo numa ponte para que eu me aventurasse em direção ao meu abandonado interior. Virei os olhos ao passado, ao meu tempo ido, apalpei às cegas meu corpo, medi o subir e baixar do meu peito.

Minha alma sentiu-se como um velho guarda-roupa. Nesse armário ele percebeu uma caixa esquecida, ou talvez nunca conhecida, mas que ali estava; algo que guardava coisas muito minhas, ternas e dolorosamente minhas. Não era um baú de retratos ou de recortes ou lembranças; era um estojo de sentimentos.

Certa manhã, diante do espelho do banheiro, me vi chorando de susto, de angústia e de frio. Passei os dedos pelo rosto, sem deixar de olhar a mulher que me apareceu, depois de tantos anos. Então toquei minhas sobrancelhas e minhas rugas e minha pele e minha boca e meus dentes e meus lábios. E então chorei e chorei. Chorei por mim, pelo descobrimento de minha caixa esquecida; porque queria chorar no ombro dele.

Percebi que fazia tempo que não comprava roupa nova. Desde quando?, perguntei, não me visto de acordo com a moda? Decidi esvaziar o *closet*. Coloquei toda minha roupa sobre o tapete. Sentei-me no chão, as pernas entrecruzadas, durante horas, em contemplação, enquanto minhas mãos classificavam: as calças compridas que tinha desde o tempo de solteira; o suéter que comprara na minha primeira viagem a Morelia.

As saias me pareceram ridículas: só cobriam os joelhos. Já havia passado a época das saias compridas, quase até o tornozelo; a minissaia viera e fora embora um par de vezes. Desde quando, ao invés de me vestir, eu me uniformizava? Diante de mim estava uma clara manifestação de um espírito de enfermeira, de militante de cruzada beneficente. Tudo tão bonito, tão fino, tão impessoal, assexuado!

Dei quase tudo de presente.

Fui ao salão de beleza, pedi que me cortassem o cabelo para que eu ficasse com um ar mais jovem. Prometi que esvaziaria "os simpáticos pneuzinhos" da cintura.

Fui fazer compras com jeito de quem está disposta a vencer ou morrer. Comprei sapatos modernos, calças compridas justas. Voltei para casa vitoriosa. Tinha, de novo, a vida pela frente.

Para o seguinte encontro, onde, sabia, devia vê-lo, me arrumei com esmero.

Consegui ouvi-lo, mal e mal, entre as piadas pornográficas dos maridos. Seu olhar abriu caminho entre as mulheres e nossos olhos se mantiveram silenciosamente cálidos. Desde então adormeço pensando nele. Meu cabelo cheirava a pomar de maçãs, como me disse meu amor, e pelas minhas veias, entre sonhos, correu mel.

Durante algum tempo me diverti com o jogo do galanteio. Não havia, entre nós, mais que olhares de confabulação, frases cálidas que indicavam uma compreensão mútua. Eu me vi enriquecida pela felicidade de uma amizade. Nossa relação não vinha de família, ou de outros casais. Era meu amigo. Correspondia aos meus méritos e aos de ninguém mais: me pertencia.

Apareceram pouco a pouco os beijos nas faces e não faltaram, com eles, o roçar de nossas mãos nas despedidas. Foi um tempo delicioso, que, acreditei, duraria até o infinito. Não foi assim.

Um dia horrível, eu o rejeitei. Brutal, violentamente. Em um longo beijo sua língua buscava ansiosa minha língua. Era um molusco estranho incursionando por meu paladar, subindo e descendo entre meus dentes, com uma força e uma desfaçatez

extraordinárias. Seu corpo se colou ao meu. Suas mãos abandonaram minhas costas e pousaram sobre meus seios. Percebi que me desejava e me afastei.

Fiquei furiosa. Eu tinha confiado nele, oferecido até a flor mais pura do meu ser, de pétalas brancas, imaculadas, e, como resposta, me tratava como uma cadela no cio. Senti nojo do ser humano; me agitou um enorme repúdio a todo contato físico, e só em pensar nisso sentia náuseas.

Por quê?, suspirei desconsolada. Gritei com raiva. Por que misturar uma coisa tão bonita, como é o amor mais puro, com o sexo? Por que, meu Deus, eu me disse, absolutamente certa de meu desencanto.

Fazia tanto tempo que a sexualidade tinha pouco ou nada a ver com o amor!

Inventei mil pretextos para deixar de vê-lo, senti ódio dele.

Recorri a tudo aquilo de que me havia afastado antes: visitei minha mãe, levei as crianças ao parque de diversões, acompanhei meu marido a todas as suas reuniões de trabalho. Desejei, com toda a alma, enterrá-lo. Que um raio o fulminasse. O indispensável era colocar, entre nós dois, toda a distância do mundo.

Foi inevitável e, pela segunda vez, voltei a vê-lo, depois do espantoso dia de seu desejo descoberto. Apesar disso, me sentia segura por causa do muro de gelo que havia levantado, do inferno ao céu, entre ele e mim. Não havia dúvida; de tudo aquilo sobrara pouco menos que uma lápide ignorada no menos visitado dos cemitérios do esquecimento.

Não trocamos nenhum olhar. Evitei, espertamente, tanto o cumprimento de chegada como o menor gesto de despedida.

Em todos os momentos consegui uma coordenação perfeita: nunca na mesma sala, muito menos sozinhos e, no grande salão de reunião, sempre fiquei de costas para ele.

Na tarde seguinte ao meu segundo triunfo, pensei nele com o espírito satisfeito. Estava convencida de que minha condenação se cumpria com grande êxito: ele vagaria para sempre entre as areias ermas do deserto de qualquer nova ilusão: nunca mais ninguém lhe daria sua confiança, nem sequer uma amizade.

Recuperada assim minha rotina com esmerada eficiência, esse entardecer funcionou sem tropeços: a mãe com minha irmã, as crianças nas aulas de música, o marido acompanhando seu chefe numa viagem. Tudo arrumado: essa tarde não havia nada mais para fazer, quer dizer, nada mais para os outros. Tinha o resto do dia para mim. O que não acontecera depois de vê-lo a primeira vez, pois casualmente, ou de propósito, me havia afundado numa torrente de atividades domésticas. Esta vez era diferente.

Minha melhor maneira de desfrutar aquilo na intimidade, pensei, será gozar minha vitória sobre todos. E se eu disse todos era para não deixar ninguém de fora: particularmente, enfatizei, ruminar meu êxito sobre ele. Acabei com ele, disse para mim mesma e sorri.

Reconstruí, o melhor que pude, as diferentes etapas da minha experiência. O descobrimento da amizade tinha me deixado grata lembrança; os beijos e as carícias me inquietavam pois eu fora um pouco mais longe do que devia me permitir. Apesar disso, estava satisfeita, tinha me enriquecido sem me arriscar em demasia.

Fechei os olhos e deixei que as imagens desfilassem agradavelmente: cada uma delas foi soltando seu perfume no ambiente. O eco do que havia vivido repercutia, como uma onda de água quando se agita a lagoa com uma pedra, por menor que ela seja.

De repente, a inquietude que, tenho certeza, nascera no primeiro dia em que voltei a vê-lo, irrompeu claramente: por

que ele nada fizera para romper a muralha gelada que eu colocara nos dois últimos encontros?

Não fez o menor movimento para se aproximar, nada para romper, pelo menos arranhar, o cerco que eu tinha preparado. Nunca chegou perto, nem aberta nem discretamente, e ele sabe, como ninguém, fazer isso. Bem poderia ter se aproximado a mim, como fizera tantas vezes, no momento de chegar à mesa do bufê; ou, dissimuladamente, me oferecer um copo de vinho como a qualquer outro convidado. Não fez nada. Nem um pouco. E ele é especialista nisso! O que eu havia preparado era de fato uma fortificação defensiva contra nenhum inimigo. Um bastião inexpugnável para um ataque inexistente!

Percebi que não somente me havia policiado naquelas duas reuniões, como também não tinha exercido nenhuma pressão desde o dia em que o havia rejeitado ao sentir que me desejava. Não sei onde esteve todos aqueles dias, mas aparentemente não fez nada.

É verdade que eu, manhosa, evitei lugares em que pudéssemos nos encontrar, mas também é certo que ele não forçou nenhum encontro. Nem nas últimas duas reuniões, nem durante o que agora chamo de minha longa viagem de desconcerto.

Tive que reconhecer: a sensação que então foi me invadindo, paulatinamente, era na verdade a de um mútuo acordo; eu me afastei e ele respeitou essa ausência. Aceitei o descobrimento do fato: ele acatou deliberadamente a separação. Por que me respeitou?

Um sobressalto me paralisou toda. Percebia que caminhava, irremediavelmente, para um precipício. Ameaçava converter em cinzas meu lar inteiro.

Uma pergunta me assaltava à noite. Se eu quisesse queimar todos os meus barcos, se perdesse meus filhos, meu marido, Deus inclusive, com que ficaria?

Mas nos dias seguintes minhas dúvidas se dissiparam. A alegria foi acompanhando o passo da lua: de quarto minguante a quarto crescente. Incluindo certa noite, em que novamente me encontrei sozinha, abri a janela e com uma felicidade enorme, sorrindo até dentro da minha alma, olhei extasiada, durante horas, a lua cheia.

Perdoar um ser querido é uma coisa gratificante. Assim me senti: profundamente recompensada pela vida. Explícitamente lhe comutei a pena e abri dentro de mim a indulgência, porque ele me desejara.

Um dos bens mais cobiçados na vida de um romance é o dispor de muitas horas falando ao telefone.

É uma delícia imensurável a comunicação com o ser amado sem deixar o local onde se supõe que devemos estar. Essa sim, é a maior contribuição da tecnologia.

Falar com ele do carinho crescente, suspirando, cercada pela roupagem de castidade conjugal que me proporcionava a permanência em casa era, de fato, dar dimensão à fantasia. O telefone, aparentemente nada perigoso, dava corpo à imaginação. Através do aparelho, ele estava frequentemente comigo, sem ameaçar, em absoluto, minha vida de mulher casada. Adorava conversar com ele por telefone!

Além disso, ao nos comunicarmos assim, eu na minha guarita e sem sua presença física, sem lhe ver o rosto, sem nos tocar, era muito mais fácil para mim lhe dizer aquelas coisas amorosas. Diante dele, eu teria me atrevido a lhe sussurrar só a décima parte do que o cabo telefônico levava até ele sem que minha voz sequer tremesse.

— Sinto andorinhas dentro do estômago quando você diz que me ama.

— Que voem então, mulher.

— Uma coisa quero lhe pedir: não vamos magoar ninguém.

— Eu lhe juro.

Ao desligar, quase levitando, tudo se agitava dentro de mim.

Quem pode ter medo de uma andorinha? Quem pode rejeitar a calidez de um verão?, eu me dizia. Que lindo seria o mundo, sussurrei, se todos os homens da terra estivessem apaixonados!

Nunca lhe disse, mas tenho uma andorinha que, sim, faz verão!

A paixão foi se aninhando pouco a pouco em meu peito.

Meu corpo e minha cabeça se agitaram. Uma confusão. Era fascinante ser mulher.

Eu não precisava vê-lo, embora sua ausência produzisse em mim um desassossego espantoso. Não era urgente para mim beijá-lo, o que sempre deixava à sua iniciativa para descarregar um pouco a culpa, para viver com ele, na minha cabeça, mil aventuras amorosas.

Enquanto preparava o café da manhã para a família, vestida ainda com roupa caseira, percorremos, de mãos dadas, novos e velhos paraísos, navegamos nus por mares ensolarados e, setenta vezes sete, nos arrependemos de termos nos lançado naquela aventura e nos perdoamos o fato de não nos conhecermos desde o primeiro dia de nossas existências.

Meu corpo foi se preparando suave, confiadamente, até o último de seus poros, para a espera do mais íntimo de sua pele.

Seus beijos foram se fazendo verticais: iam dos lábios aos pés, percorrendo tudo o que há entre esses dois portos da geografia do homem e da mulher.

Minhas mãos, ávidas, se uniam às suas mãos suplicantes; meu peito, pleno, se inclinava sobre seu torso de areia. Seu ventre ardia com o meu. Seus músculos de combate derrotavam os meus. Ai, amor! Que beijos aqueles que com tanta paixão trocamos!

Com um sorriso malicioso, diante da janela do meu quarto, lembrando, desapareciam do mapa todas as minhas obrigações, o marido, os filhos. Não por falta de amor a eles, mas por incontrolável alegria do meu ser.

Também senti medo. Odiei com pânico o possível momento em que nos surpreenderiam. A quimera se converteu em alucinação. Muitas vezes tinha pavor de vê-lo. Desconfiava de todos e de tudo. Por instantes me convencia de que sabiam tudo, que só esperavam o momento mais cruel para nos dar um golpe definitivo. Maldisse a vida por me enganar, desprezei meu corpo corrupto. A apreensão se enfiou no mais frio da espinha.

Vivi um grande medo de romper a vida uniforme e tranqüila que tinha. Não queria destroçar aquela vida por nada, não aceitava, não queria magoar ninguém. Lembrei-lhe a ele que essa havia sido uma das regras fundamentais do nosso acordo.

Mas de todas as inquietudes que me invadiram, a mais perturbadora, por ser incontrolável, pelo segredo de sua presença, foi, precisamente, ter descoberto, dentro de mim, tanta paixão. Assustou-me profundamente que existisse, dentro do meu mais recôndito interior, um misterioso cofre no qual se ocultavam arrebatamentos incontroláveis, febres que não podia

vacinar, ímpetos eróticos com a força de um vulcão. Inquietava-me profundamente que tudo isso ali estivesse e nunca antes saíra para fora.

Eu senti pavor da existência dessa caixa e de que ele não só soubesse dela, como também tivesse a própria chave de sua fechadura inviolável. E, por causa do medo, eu não imaginava o que se ocultava naquela arca de encantamento.

Não, não importava que fosse meu, que sempre tivesse estado dentro de mim: não podia permitir que sabsse. Tive medo.

O medo atroz à minha força oculta de mulher, senti na situação mais absurda possível: caminhando, distraída ao empurrar um carrinho, entre os corredores de um supermercado.

Cheguei aterrada à minha casa. Como exorcismo infalível recorri aos afazeres mais comezinhos e domésticos que me ocorreram. Varrer e passar o pano no chão, balde na mão, o que era ao mesmo tempo uma espécie de penitência, pois normalmente eu não gostava nada disso.

Arrumar a roupa, colocando cada peça em seu lugar, foi me tranquilizando. Mais, dedicar-me à minha casa, que de alguma maneira eu traía me dedicando tanto a ele, me reconfortava, além do que era urgente fazer exercícios físicos, pôr as coisas em seu lugar respectivo.

Agora estou convencida: o amor é uma forma de inteligência, ou sem esta não se pode amar, ou vice-versa, como se quer.

Tenho a certeza que o mau jeito, os atos impulsivos ou os desenlaces barulhentos têm muito mais a ver com o egoísmo do personagem, com a insegurança de um caráter ou com a fantasia do indivíduo, do que com o feliz transe do amor.

O amor é tão generoso que não pode ficar alheio à inteligência.

Eu me assustava; mas nada a ver com pânico, era um temor mais amável, eu diria até gracioso, a forma astuta em que ele vinha fazendo com que eu me apaixonasse.

Eu me encantava em tê-lo perto de mim, embora ninguém pudesse vê-lo, inundando com seu ser toda a atmosfera. Mais ainda, com a minha imaginação solta, em uma conversa apaixonada em que me encontrava, ou participando, sem estar presente, da música que escutava. Ou então respirando meu hálito, calandó meus silêncios quando me encontrava, sem ele, entre outras pessoas.

Não havia quem não ignorasse sua existência, salvo eu que o levava em meu íntimo. Era sempre uma delícia: invisível para todos e tão calidamente dentro de mim.

Era um prazer entrar e sair do mundo, sem medo, sem condenação, livre de toda necessidade de risco. Podia participar dos fatos que me cercavam sem me sentir despojada, sem requerer nenhuma confirmação externa do valor do meu ser, pois isso eu levava dentro de mim. Era possível me isolar sem raiva, lançar-me a longas viagens de introspecção só recorrendo à sua imagem, às minhas fantasias. Quanto ao resto, eu tinha a certeza de que ele, onde estivesse, compartilhava meus vãos sem me contrariar, sem nenhuma censura.

Em meus sonhos, nós nos amávamos através do amplo do mundo.

Mais difícil foi para mim, contudo, aprender a sentir suas mãos percorrendo meu corpo, quando começou a exercer o direito que nossa cumplicidade lhe outorgava. É muito mais fácil, menos equívoco, a gente se amar na mais pura e mais

intensa fantasia do que na mais descozida, mas sempre intrusa realidade.

Garota ainda, iniciei a reveladora excursão sobre meu corpo, acompanhada da amiga da infância. Uma diante da outra, mais curiosas que excitadas, apertávamos os lábios para aprender, com a confiança meridiana da nossa amizade, como eram os beijos. Nossas bocas se tocavam sem luxúria, buscando a precisão técnica, inquirindo sobre o duvidoso acerto de ter os olhos abertos, de segurar a respiração ou de engulir saliva ao término de um beijo.

Minha casa, a casa onde eu vivia com meus pais, era um grande refúgio por onde corríamos sempre que era urgente nos comunicar alguma novidade.

Outras vezes podia passar a manhã repetindo alguma frase extravagante que tinha ouvido casualmente, mas que não queria esquecer por nada, para poder chegar em casa e repeti-la diante da agitação da minha amiga.

Mais tarde, quando o mundo se dividiu em homens e mulheres, adolescentes, desnudas diante do espelho do banheiro, olhávamos nossos seios. Acompanhávamos com nossas mãos, cuidando que a imagem refletida não perdesse os detalhes, o suave contorno de nossos quadris. Com os mamilos delicadamente eretos, discutíamos sobre a pressão que o seio agüentava. Tentávamos encontrar, como um novo Arquimedes, a pressão justa que transformava a opressão em carícia, o morno em ardente.

Tentamos alguma vez contar o número de pêlos que povoavam nossos púbis.

Mas, resumindo, os jogos de mocinhas foram muito mais longe do que eu permitira a ele chegar e, apesar disso, aquela confiança nada tinha a ver com a vertigem de agora. Por quê?

Que acontecia então dentro de mim, para que daqueles jogos com minha companheira de aventuras sensitivas tivesse ficado a profunda satisfação da amizade?

Com ele, o caminho era percorrido, paradoxalmente, ou pelo menos assim intuía meu medo, em sentido inverso. Confiava nele cegamente, mas temia que, quanto mais permitisse seu avanço amoroso, mais arriscava a perda de sua amizade. Ansiava pelo futuro próximo, mas tinha um profundo sentido de perda. Cada passo que dávamos nos afastava do estado generoso em que se encontrava nossa relação. O futuro era implacável: impossível ficarmos onde estávamos, pois significava uma renúncia continuar no caminho do avanço contínuo que fortes gratificações nos estava dando.

Um pensamento me doía na cabeça, circularmente absurdo: por amor à amizade, eu me dizia, nunca faria amor com um amigo; ao mesmo tempo, tinha a mais absoluta certeza de que seria incapaz de ter uma relação amorosa com alguém a quem não respeitasse profundamente. Não era possível nem sequer imaginar ir para a cama com um ser por quem não sentisse um grande afeto, confiança, quer dizer, um amigo.

O trânsito dos nossos sentimentos me ameaçava. Tinha medo, como um aprendiz de bruxa, de transformar tudo. Achava muito arriscada a possibilidade de que nossa amizade, e com ela toda a vida, sofresse uma irreversível metamorfose.

E apesar disso, nada fica parado. O tempo impõe movimento.

Só quando eu era menina o presente foi estático para mim, imutável, tanto na alegria como na desgraça.

Se bem que o tempo passasse e notasse mudanças inegáveis no meu corpo, eu continuava sendo sempre a mesma. Minha estatura crescia, meu peso aumentava, mas observava a vida pela janela de maneira mais ou menos constante. Não foi o ensaio de beijos com os lábios apertados, nem o exame do volume dos quadris, o que terminaram com aquela primeira parte da minha vida.

Deixei de ser menina quando soube que minha casa, aquela de esquadrias vermelhas nas janelas, não era minha e, sim, alugada.

Aquela casa e tudo o que nela vivi me deixou, no mais profundo do meu peito, uma cicatriz indelével: saudade.

Assim eu chamava esse sentimento quando ficava, durante algum tempo, absorta, tocada pela asa sutil do anjo da meditação. Meu marido perguntava: “Que foi? No que você pensa?” “Nada, eu respondia sorrindo — na minha saudade” — acentuava, para dar por concluída qualquer possibilidade de aprofundar meus sentimentos, para mudar de assunto.

Logo aprenderia, com ele, que essa saudade era por alguma coisa definível. Eu ansiava por um sentimento específico, me fazia falta uma vivência, cuja ausência brotava de vez em quando lá do meu âmago.

Um dia me encontrei discutindo com minhas próprias reflexões. Eu me negava a aceitar que tivesse necessidade de uma experiência amorosa fora do leito conjugal. Rejeitava que tivesse relação direta com minha emoção crescente pelo meu marido o fato de que nunca havia estado com nenhum outro homem que não fosse ele.

Eu me irritava. Em certos momentos rechaçava minhas próprias afirmações. Em outros, percebia que com frases contundentes, queria afogar meus sentimentos: “Não tenho que conhecer outro para saber se estou ou não bem com o marido”. “Contra meu marido eu não tenho nada.” “Não sinto agressão ou rancor”. Jurei que o que vivia nada tinha a ver com a premonição de anos atrás, de que meu marido tinha tido alguma relação extraconjugal que me havia raspado como o fio de um perigosíssimo estilete.

A sexualidade, que na minha vida de casada era boa, tinha para mim só dois caminhos, um excluindo o outro. De um lado havia tudo aquilo que não estava na minha casa: o sujo, o doente, o vulgar, o pornográfico. Caminho pelo qual, eu desconfiava, os homens, quase todos em geral, algumas vezes davam inconfessáveis passos. O outro atalho era aquele por onde eu, e me atrevia a dizer eu e meu marido, havíamos transitado: o do gozo que vamos aprendendo, desde os primeiros anos. E que pouco a pouco foi ganhando tons diferentes: confiança que um passou a ter no outro, perguntar o que nos agradava mais, de que forma era agradável ou desagradável o prazer. O nosso era um sexo que se fazia paixão depois de alguns drinques, ou no reencontro, depois de breve separação.

Meu marido e eu conhecíamos nossos corpos e deles tínhamos orgulho, satisfeitos um com o outro. Fazíamos o amor à noite, quando a jornada diária já terminara, depois de estar tudo em ordem, no lugar; quando todas as demais atividades, ou exigências da vida cotidiana, estavam cumpridas. A sensualidade podia estar presente sempre que todo o mundo exterior por nós fosse deixado mais ou menos — em ordem.

A vertigem que me asfixiava agora era diferente. Não era a outro homem que eu desejava conhecer. Tratava-se de alguma coisa diferente: não queria morrer, passar pela vida sem me ver diante de outras carícias, sem saber se os limites da minha sexualidade, que eu reconhecia, eram meus ou do meu companheiro, ou surgiam em mim justamente ao lado dele.

Nada contra meu marido. A incógnita, o desafio estavam em mim. A interrogante era eu mesma.

Por absurdo que parecesse, por ser tão obstinadamente fiel ao mesmo homem, sempre, eu terminara me sentindo virgem.

Mas acreditei conhecer minha força diante da vertigem: acreditei que nunca me lançaria. Decidi deixar totalmente claro para ele. Não podia enganá-lo, era injusto deixar que ele vivesse falsas ilusões. Não queria, além disso, que ameaçasse minha vida, que pressionasse nossa lindíssima relação com a força persistente de seu desejo.

Não esquecerei o meio-dia ensolarado em que nos vimos num parque, sugestão minha, para falar sobre o assunto. Não quis ser brutal, mas reuni todas as minhas forças para ser incisiva. Além dos beijos que vínhamos cultivando, mais longe de seu já esgotado reconhecimento de minha orografia anatômica, não iríamos nunca.

— Nunca?

— Jamais — respondi com a firmeza e a transparência de um cristal de rocha.

Houve um silêncio. Duas mulheres amigas passavam em frente do banco onde, sentados, conversávamos.

— Sabe, eu lhe dou razão — respondeu com franca suavidade.

— Eu agradeço profundamente. Sabia que você reagiria assim, mas tinha medo. Não quero que deixemos de ser amigos. Eu aprecio muito você.

— Eu amo você.

— Eu também amo você.

Apoiou seus cotovelos sobre os músculos. Suas mãos ganharam a forma de um capitel para segurar o queixo. Ficamos calados durante muito tempo. Nem por um instante deixou de olhar para a frente. Parecia tão frágil, quase doente. Ao se levantar e dar uns passos, suspirou. Achei que ia embora. Enganei-me com alegria. Foi em direção de um canteiro e voltou com um pequeno trevo que me ofereceu me olhando cristalinamente.

— Estou de acordo, eu amo você — me disse.

Não havia nenhuma irritação. Uma nova forma de amor surgiu: um profundo amor sem ameaça, um cálido sentimento. Uma necessidade imperiosa de proteção me invadiu: eu queria cuidar dele. Sem que ele deixasse de me amar, nenhum impulso seu me agredia. Era indispensável, para mim, protegê-lo, sobretudo para me sentir imensamente protegida.

Soube então como chegam as notícias de além mar: por uma brisa distante que delas nos informa.

Aprendi que a saudade infinita, notâmbula, que eu tinha, era por algo quase tangível. A minha era a saudade pela temura.

Ele me havia reencontrado com a linguagem de carícia tema. Ao calar quando era necessário, ao nos olhar para confirmar nossas palavras, ao ausentar-se para estar perto do meu espírito, ao nos beijarmos, me tinha trazido da noite do meu ser essa pedra preciosa que é a temura.

Essa foi a chave que abriu o último dos cadeados que guardavam minha fidelidade conjugal, minha mais funda castidade feminina.

Eu o beijei longamente no parque. Depois, abraçados, caminhamos.

Não me importou que fosse um lugar público. Eu me sentia completamente protegida pela transparência de nossos sentimentos. Se nós não pretendíamos magoar a ninguém, não havia razão para sentir qualquer ameaça.

Foi realmente um ato irrefletido, uma insensatez. Da maneira mais trivial arriscamos tudo, não só nossa relação, mas também, no meu caso, minha família, meus filhos, meu marido, minha estabilidade integral.

Como pude ser tão irresponsável?

Procurei naquela mesma tarde uma oportunidade para chamá-lo ao telefone e comunicar minha inquietação. Não consegui. Meu marido simplesmente não saiu de perto de mim um instante.

Essa foi, talvez, a única vez que senti meu marido entre ele e mim. Nunca antes, nem depois, pensei que me atrapalhasse. Como em mim não havia nenhum sentimento de agressão ao meu marido, eu vivia junto dele com relativa tranqüilidade todos os momentos, nos quais, de maneira natural, devíamos estar um junto ao outro. Do meu ponto de vista, eu cuidava para que nossa relação não fosse afetada. Que nada, o mínimo que fosse, mudasse nossa vida conjugal. Dentro do meu imaginado controle me sentia mais tranqüila que nunca. Estava inclusive de bom humor.

Apesar disso, meu marido, que até há pouco reclamava do contrário, ou seja, minha falta de paciência ocasional com as crianças, a minha falta de vontade para acompanhá-lo a reuniões de trabalho, oficiais como ele dizia, agora se intranqüilizava com minha boa vontade com tudo. Sua inquietude parecia nascer da minha revitalização. Depois de tantos anos, me olhava novamente. Chamava sua atenção o fato de que agora eu escolhesse um bom vestido e não qualquer coisa para uma situação determinada.

Ele me olhava longamente, enquanto eu me maquiava. Se eu passava a escova nos cabelos, pintava os lábios ou examinava o vestido, coisas que gostava de fazer cuidadosamente, sem pressa, sua pergunta saltava como uma lebre acuada: "Para que tanto capricho, a quem você quer agradar?"

— A mim — eu respondia com absoluta honestidade, sem deixar de me olhar no espelho. Isso o perturbava ainda mais.

— Lembre-se de que você é uma senhora — me recriminava às vezes, saindo do quarto sob qualquer pretexto, para não aprofundar nossa conversa.

— Você quer ser a mamãe campeã olímpica — me dizia meio angustiado e gozador ao me ver realizar, sistematicamente, uma série de abdominais e outros exercícios da minha rotina diária.

— Nada disso — eu respondia do meio do quarto, convertido em ginásio, sem deixar de contar, "...vinte e seis, vinte e sete..." respirando forte. — Eu só acho que é indispensável ter boa saúde. A saúde física é companheira inseparável do equilíbrio mental.

— Lembre-se — eu lhe disse certa ocasião bem devagar, sentando-me diante dele com um gesto amistoso, os gregos já diziam: mamãe são em corpo são.

— Pelo menos lembre que você ainda é mãe — soltou um agudo bofetão verbal.

— Se você dedicasse aos seus filhos a décima parte do tempo que eu lhes dedico, você saberia valorizar o que está dizendo — respondi desencantada. Aborrecida, me levantei muitas vezes para ir me refugiar no imediatismo de alguma obrigação doméstica.

Certa ocasião que comecei uma conversa no jantar na casa de seu chefe, e defendi com autenticidade meus pontos de vista, meu marido, calado, me olhou como se eu fosse uma estranha. De volta para casa, depois de um longo silêncio, parou o carro e, profundamente preocupado, me olhou e disse:

— Você está muito estranha, você mudou.

— Só faço o que você me pediu tantas vezes: participar — respondi.

— Sim, assim parece — respirou meu marido retomando o caminho. — Você quer chamar atenção. Acho — murmurou — que eu gostava mais como você era antes.

Boa parte da noite permanecemos acordados sem nos dirigir palavra.

Desejei que fossem desgostos efêmeros. Aves migratórias incapazes de se aninhar no meu peito. Porque no centro de

minha alma brotava uma imensa necessidade de amar. Impossível complicar minha vida com brigas inúteis, quando tudo que nascia de mim era construtivo. Não tinha interesse em discutir com meu marido o passado. Eu me via a grande distância de ontem.

Meu marido começou a insistir em falar comigo, e eu não podia. Não queria ouvi-lo. Conhecia suas palavras. Tinha medo de escutá-las com estes ouvidos novos.

Havia dias que eu odiava que meu marido quisesse falar comigo. Por momentos, confesso envergonhada, não suportava o barulho das crianças.

Mas não podia falar com ninguém. Vivia com um monólogo permanente na cabeça. Não podia escutar, quase nem falar, com esse barulhão que trazia dentro.

Que fácil tinha sido viver quando o caminho era plano! Havia momentos em que sentia falta daquela doce monotonia.

Eu queria que do meu manancial só brotassem carinho e indulgência para meu marido, cuidado maternal pelos meus filhos. E sobretudo, um grande amor pela vida. Por essa existência bela de dias ensolarados que aqueciam o mundo, de chuvas generosas que davam força aos campos, de palavras ternas que me davam felicidade espontânea, particularmente quando ele me dizia aquelas palavras.

Necessitava desesperadamente me comunicar com ele. Decidi lhe escrever uma carta.

Muda, diante do papel, senti que gritava meu amor por trás de um vidro de sala de espera de aeroporto. Por mais que eu gesticulasse, meu bramido era silêncio puro. Minha única

vingança era que, pelo menos no papel branco diante dos meus olhos, cada letra deixasse uma mancha indelével. Marca mil vezes mais perene que o vapor no vidro do isolamento, cem decibéis mais estridente que o lamento agudo de minha alma. Escrevi:

Meu amor,

Estou sozinha no meu quarto, escutando música. Penso em você e em tudo o que significa pra mim.

Sinto uma opressão muito grande no peito e me custa trabalho respirar.

Vivo num estado permanente de excitação que me acompanha por todos os lados onde vou.

O sangue me sobe ao pensamento quando atraio sua imagem e quisera poder tocá-la só com as pontas dos meus dedos.

Eu o amo de tantas maneiras que faço um grande esforço para desmontar todas as formas que você vai tomando: meu amigo, minha ternura, minha alegria, minha paixão, meu delírio, minha insônia, minha angústia, meu objeto mágico, meu sonho, meu pesadelo, minha ansiedade, minha dúvida.

Você está longe, tenho saudade. Quero ter você perto e ao mesmo tempo manter você longe o suficiente para não sentir que me falta o ar, que meu pulso se acelera e que perco a noção da realidade.

Sinto que estou afundada numa letargia da qual não me importaria sair jamais.

Sim. Tenho medo! Talvez o medo que dá o desconhecido, as sensações jamais vividas ou tão longínquas que quase estão esquecidas. Um medo da escuridão como aquele que lhe confessei.

Tenho medo de amá-lo e ao mesmo tempo não posso resistir a isso.

Não posso reger com mentiras as sensações do meu corpo. Simplesmente acho que deixei já de lutar comigo mesma, mas não com você. Acho que não poderei jamais deixar de lutar com você.

Este amor que só posso sentir na minha mais absoluta solidão, na escuridão do meu quarto, com as partes mais íntimas do meu corpo, sem que o brilho dos meus olhos possa me delatar, ou o leve sorriso que se desenha nos meus lábios quando vejo você, diz mais do que deve.

Este amor se converteu numa bruxaria, numa magia esplendorosa, num caleidoscópio de luas e sombras. Você é meu fetiche. É a chave do meu cofre secreto. É os meus fogos de artifício, o mais delicado instrumento, a melhor das minhas gargalhadas, a sedosidade do meu cabelo (como você o acaricia bonito!) Você é a parte mais importante do meu amor, aquele que não divido com ninguém. Você está no fundo dos meus segredos. Você é o princípio de meu abismo, o labirinto dos meus pensamentos. É o dono dos meus estados de ânimo, causa e razão da minha alegria. É! E por isso o amo.

Ao terminar de escrever, fiquei bom tempo distraída.

Soltei um fundo suspiro. Reli o texto.

Sabia que tinha que queimá-lo, era uma absoluta imprudência que algum dia fosse inconvenientemente descoberto.

Derramei velhas lágrimas, em silêncio, por todos os amantes do mundo que não podem estar juntos. O reflexo amarelado do fogo que acendi iluminou tristemente os traços perplexos do meu rosto.

Vi minha escritura apaixonada desaparecer lentamente. As folhas se dobraram se retorcendo pela dor da morte. Algumas frases foram voando entre faíscas, outras viraram fumaça. A palavra amor se incendiou de vermelho, de esperança; e as de lágrimas espocaram no contato arrebatado com o fogo.

Dias depois dei um passo que hoje poderia qualificar de paralelo.

Sentadas, uma diante da outra, na cômoda sala de sua casa, as almofadas sobre o tapete, minha amiga e eu conversávamos de tudo e de nada.

Ela, despreocupada, com sua cara de intelectual sempre, e eu, tentando acompanhar a conversa, mas com todo o meu ser embriagado das minhas coisas.

Com as pernas cruzadas, quase em forma de nó, com a agilidade que lhe dava sua prática contínua de ioga, minha amiga gesticulava avidamente. Seus braços subiam como chamas, baixavam sem cessar, giravam como pás de moinho. Fumava sem parar. Era toda agitação, gestos, frases, sopros, até que de repente parou e, sem nenhum aviso, sem nenhum prólogo, de cara me perguntou:

— O que você tem pra me dizer?

Calou-se, fumou, se relaxou, disposta a esperar toda a vida. Não foi necessário.

— Acho — eu lhe disse quase paralisada de terror — que estou perdidamente apaixonada por um amigo que conheci faz pouco tempo.

Sua resposta desmoronou meu rígido esquema de valores.

— É mesmo? — gritou ela abrindo os olhos. Tinha estendido os braços, como asas grandes — Que legal! Que lindo!

Sobre mim caiu, tão forte, uma avalanche que fui me despreendendo, pouco a pouco, dos meus até então irredutíveis conceitos. Pedra por pedra foram caindo, diante do meu olhar pasmo, o que se deve e o que não se deve neste surpreendente mundo. Cada frase ia arrancando minha plumagem de civilização.

— Que maravilha que isso tenha acontecido com você. Que sorte poder viver isso, que bom que chegou sua vez!

Vi cair minha pele de mulher direita.

— Não me diga quem é ele — parou. — Conte como aconteceu.

Seu entusiasmo foi crescendo à medida que acompanhava os meandros do meu relato. Cruzava os braços, se apertava contra si própria. Fechava os olhos, se balançava.

Aumentou também minha perplexidade mas ao mesmo tempo descreceu minha ansiedade, meu susto. Até então tinha tanto medo do que sentia, como da pessoa, qualquer uma, que pudesse sequer desconfiar de tudo. De repente, uma e outra ameaça desapareceram.

Pouco a pouco, o estrondo do gênese foi diminuindo. O retumbar dos seus parabéns pela minha boa sorte foi acalmando. Cedeu lugar a um agradecimento pela minha confiança nela. Esse reconhecimento fui obrigada a negar com uma confissão cheia de honestidade: se eu não lhe tivesse contado, me afogava. Sorriu e passou aos conselhos. Desses, dois ficaram gravados como ferro no couro.

— Olhe, amiga — asseverou com gravidade, fazendo um sinal em direção ao meu rosto, apontando, tenho certeza, entre sobranceiras e sobranceira — viva isso como um presente, como algo maravilhoso que você deve cuidar. Algumas mulheres jamais conhecem isso em toda sua vida. A você, a vida volta a lhe oferecer. É néctar do Olimpo, não desperdice isso à toa. Guarde esse líquido em cálice de ouro. Cubra-o com lenços de seda. Mas sobretudo, mulher, viva isso!

"Mas há algo que pelo seu bem você jamais deve fazer — continuou minha amiga no seu sermão. — Nunca, ouça bem, nunca conte nada ao seu marido. Nem quando você sentir que a honestidade é a melhor conselheira. Não confunda, na vida, seus sentimentos amorosos, seu dar, sua necessidade premente de que o mundo caminhe direito, com a realidade. Você — me disse categórica — está vivendo o seu, e isso nada tem a ver

com o girar da terra. O universo, tudo, continua igual: o débil é frágil. O forte, ambicioso.

"Não diga jamais a seu marido. Ele não entenderia você. Você não lhe faria nenhum bem e, sobretudo, ele não lhe perdoaria. Não será possível compreender nem absolver você.

"Por que então deixar cair uma bomba de nêutron onde só existem seres amados?"

Seu discurso me deixou sem palavras. Continuei muda longo tempo. Seguramente, dentro de mim se soltavam as últimas amarras que me mantinham presa no porto seguro de minha conduta original.

Saf de sua casa sendo, para sempre, agora sim, definitivamente outra.

Não voltaria a ver o mundo como até então o vira. As falhas do meu marido, a informalidade dos meus filhos, já não seriam faltas atozes, e muito menos ofensas.

Tinha que ser menos inflexível. Tudo era tão relativo. Sentia que tinha crescido, dia a dia. Ele, seu amor, nossa experiência, me levavam a deixar atrás meu absolutismo ao julgar o próximo. Curiosamente, o apaixonar-me na minha idade madura, como se fosse uma garota de quinze anos, também me havia levado a deixar atrás, para sempre, a adolescente auto-suficiente e intolerante que eu havia sido.

Minha boa amiga só havia detonado a bomba que entre ele e mim tínhamos armado. Era minha responsabilidade, fazia tempo, o haver decidido amá-lo.

Talvez minha falta de força, o meu excesso de prudência, tivessem me levado a fazer confidências à minha amiga. Mas algo bom dentro de mim me segurava para não continuar em frente, não havia a menor dúvida de que eu tinha escolhido,

não de forma leviana, mas, sim, com todo tino, a qual de minhas amigas mostrar o segredo que acelerava a palpitação do meu peito.

Amá-lo sempre me pareceu uma sucessão de dilemas às vezes imperceptíveis, às vezes brutais. Havia chegado o momento de enfrentar a verdade.

Havia momentos em que queria morrer. Eu me asfixiava. Ou eu estava morta e não entendia quem era essa mulher que andava vivendo no meio das minhas coisas?

Ou tinham morrido minha casa, meus móveis, tudo o que palpitava comigo?

Eram cínicos agora os pequenos vasos de flores que enfeitavam os cantos? Eles me viam passar envolta nesse torvelinho e ali ficavam, sem nenhuma emoção, sem que lhes estremecesse sequer uma pétala de flores.

Vários dias haviam passado, a lembrança com toda sua lucidez, sem que eu pudesse vê-lo.

Sua ausência me fazia padecer de maneira atroz. Meus pulmões não conseguiam todo o ar que procuravam; só conseguiam o indispensável para que minha vida não se extinguisse.

Conheci a dimensão do vazio. Pude medi-lo entre minhas mãos, quando frustradamente o procurava. O nada tinha uma dimensão, assim como a distância ansiosa que havia entre meus braços enlaçados ansiosa e inutilmente ao meu corpo solitário e longe do calor de sua presença.

Meu sofrimento era por ele, por nossa necessidade mútua, apaixonada e faminta. Meu martírio era por isso mesmo delicioso. Meu tormento era também minha luxúria por ele. Minha dor era outra forma de beijá-lo, minha aflição nova dimensão do meu desejo. Dor e amor eram uma só coisa.

Quando nos vimos novamente, ao nos olharmos, nos fundimos em um só.

Pôs o carro em movimento, não havia muito que dizer. Só sussurrou, como uma última atenção: "Levo você comigo".

Não entendi o que ele disse, mas meu ser compreendia tudo: o girar da terra, o brilho da lua, o migrar das aves, a atração dos corpos, tudo.

Por isso, ao parar o carro e me dizer que descesse, tinha tão pouco para me explicar. Eu, contudo, senti que nesse momento enfrentava, com a decisão de acompanhá-lo ou me negar, não só o próprio ato, que vislumbrava, mas a redefinição fatal tanto do meu futuro como do meu passado. Meu pânico foi indescritível. Deixei de respirar, desejei não pensar em nada, não sentir, não ver, deixar a vida em suspenso.

— Não, sussurrei.

— Vem, disse ele me estendendo a mão.

— Não, amor, por favor — supliquei enfraquecida — Não amor — murmurei sem convicção alguma, com os músculos debilitados. — Não amor — lhe pedi, me apoiando toda nele, pegando a mão que me convidava.

— Vem — insistiu, levando-me pelo ar. — Vem, murmurou. E eu fui dando pequenos passos, sem tocar o chão, sem peso algum, sem espaço nem tempo.

Abraçei-me a ele e deixei de pertencer ao mundo.

Durante horas, mil, imagino eu, minhas pupilas retiveram sua imagem. No meu universo só tinha luz sua figura. Durante horas para ele vim à terra. Para ninguém mais respirei; só para ele. Somente com ele vivi.

— Ninguém está vendo a gente? lembro que disse, com o desassossego de quem se lança ao mar e tenta lembrar, no meio do naufrágio, as instruções de como inflar o bote salva-vidas.

— Garanto que não. Eu a amo e vou cuidar de você — confirmou ele.

Eu me deixei levar. Do quarto onde nos amamos não reparei nada mesmo. Só sei que era longe.

Suas mãos percorreram amplamente meu corpo, me apertando com ardor primitivo. Nossas línguas se enrolavam porque eu sozinha queria mais. Ir mais longe que a distância. Mais profundo que o abismo infinito. Ir como caravelas medievais até o fim do mundo, sem mais destino que o mar tenebroso.

Nós nos olhávamos de vez em quando, dando-nos tréguas de ternura. Então as carícias se dedicavam às faces. Aos cabelos alguma vez penteados, que ele fazia questão de colocar de novo no lugar para comprovar, quem sabe, naquela desordem do cabelo, o quanto nos separava já da mundana ordem do mundo lá fora.

Beijando-nos, buscando o infinito poço do esquecimento, ficávamos, entre viradas e viradas, um sobre o outro. Eu sentia em seu peso a proteção que buscava no meio daquela ressaca de incertezas e de medos.

Olhando em seus olhos, sentindo o mistério da gravidade do seu corpo sobre meu corpo, eu lhe disse "amo você" e voltamos a girar sobre nós, procurando a beira do caminho para juntos irmos ao precipício.

Nossas bocas, unidas, resfolegavam juntas. Entreabertas, nossas bocas eram uma catedral de rogos, um anfiteatro onde as línguas dançavam ao ritmo do fogo.

Voltamos a nos olhar sem saber como fomos dar o próximo passo: os dois tínhamos medo do erro, fugíamos do menor desacerto. Para exorcizá-lo, pela segunda vez lhe disse "amo você". E despojando-nos das roupas, rolamos, naquele deserto.

Beijamo-nos para segurar o tempo, convencidos de que toda a atmosfera que detivéssemos em nossas bocas desejosas, ficaria para sempre nossa. Beijamo-nos enquanto seus dedos,

que desejavam ser de um virtuose, buscavam o mistério da blusa abotoada, do sutiã difícil de abrir.

E nada ficava ao nosso redor, só aquela batalha contra seus sapatos que não consigo tirar, contra meu corpete que ele decifra e derrota.

Assim como havíamos estabelecido o nosso código de apaixonados, rapidamente deixamos definidas nossas regras daquela guerra contra a roupa.

Já nus, nos detivemos, perplexos, diante da simplicidade do nosso ritual. Adivinhamos, contudo, que naquilo estava o segredo do nosso universo: o brilho do firmamento, a fragrância do vento, a origem do medo, o choro do recém-nascido, o último suspiro do morto.

Nossas mãos percorreram os corpos. Em silêncio, apalpávamos a linguagem dos nossos rios secretos. Escutando o murmúrio do rubor intato, caminhávamos por jardins nunca antes descobertos.

Pela terceira vez, lembraria ele mais tarde, eu lhe disse "amo você". E essa foi a chave para acompanhar os passos do poeta e nos afundarmos, corpo a corpo, suor a suor, gota a gota, até o último ruído de nosso silêncio.

Era minha decisão fazer amor com ele e todo o amor do mundo refizemos.

Em cima de mim, como ele era grande, estendido sobre meu corpo; medi com doçura, pela primeira vez, o peso de seu corpo: me oprimia o suficiente para me dar segurança. Nada dele me machucava.

Sobre meus seios túrgidos pousou, uma e outra vez, reverenciando-os, um cálido beijo que nascia do fundo de sua alma.

Em meus peitos, seus lábios se reverteram em fragrância de feitiços, neles deixou, suavemente, sua saliva de incenso.

Por um momento vi, do meu horizonte, o rodopio místico dos meus seios e sua boca. Fechei os olhos e deixei que minha cabeça fosse para trás. Eu me perdi entre nuvens de exóticas fragrâncias e bellssimas cores.

Voltei a olhá-lo. Descobri seus olhos, adorando aquela redondeza coroada com um botão cor de rosa. Eu me senti totalmente entregue. Como uma última defesa ou explicação mal desenhada, olhei meus peitos e lhe disse: são o símbolo da minha maternidade.

Ele os tomou entre suas mãos, os acariciou, os beijou de tal maneira encantada que eu soube que minha intimidade havia sido cabalmente compreendida.

Calamos. Não dizíamos nada: chegava o momento de que nossos corpos falassem.

Sua pele e minha pele se acariciaram como se fossem de seda; palmo a palmo se acenderam. Escandalosamente, nossas pernas se entrelaçaram. Eu sentia que morria, que ia ficar louca. Tateei seus músculos com minha mão. Tive a certeza de sua virilidade fundida em chumbo. Eu a apalpei sem medo: "deixe-me lhe dar as boas vindas", disse.

Puxei-o para junto de mim. Da fascinação das minhas entranhas, calei as queixas do céu, reverdejaram os vales, choraram os rios, escutei que cantaram irreconhecíveis salmos. Juntos, nos beijando, num crepuscular silêncio, enfeitado de suspiros, reinventamos o mundo.

— Ai, amor, sinto que estou morrendo — suspirei em seu ouvido.

— Deixa-me balançar no seu mar, com o mastro do meu veleiro — respondeu sua boca.

Fechamos os olhos e nos balançamos, argonautas do universo.

Cada orgasmo meu era uma agonia para renascer com o amor. Era como escalar por colinas de delicada tortura, para se deslizar outra vez. Sua voz era sempre um verso e sua presença, nas minhas entranhas, a força constante do guerreiro.

Senti, febril, seus beijos entre meus músculos tensos. Vivi com sete sentidos o avançar de sua boca, até tocar os lábios lisos do mais delicado do meu corpo. Tomei em minhas mãos sua cabeça e a acariciei perdida de desejo.

— Ai, amor — lhe supliquei — estou morrendo.

Não tínhamos pressa de viver o que estávamos vivendo; muito menos nenhuma pressa de morrer.

Nossos corpos se compreendiam no primeiro toque. Por isso soube, amando-o, recebendo-o todo, que quando chegasse sua chuva de primavera me regaria com rosas e aço.

O silêncio, acompanhado só do ir e vir das nossas mãos acariciantes, como se tocassem em duo um dulcíssimo violoncelo, foi por um bom tempo nosso terno amigo.

Finalmente, mais perto um do outro, sorrimos ao percorrer com os olhos nossos corpos: uma única batalha, a guerra das roupas, tínhamos perdido; aquela primeira vez fizemos o amor com tanto amor, e ele com as meias postas.

— Vou sentir mais falta de você — eu lhe disse.

Quando cheguei em casa, ao deitar sozinha — meu marido estava outra vez de viagem — me vesti com o manto do cheiro que havia emanado do suor dos nossos sexos. Dormi plena, em meio a uma selva exótica, onde as palavras cheiravam a pólvora e as rosas suspiravam entre beijos de milhares de amorosas bocas.

Se a gente fizer isso, havíamos dito um ao outro, estaremos menos aferroados pela picada da ansiedade. Mais tranquilos. Fizemos e, da ansiedade passamos ao desespero. Nós nos atraíamos com a força multiplicada dos ímãs.

Não sei o que pensará ele, e talvez neste momento nem me importa. Tampouco quero agora me deter na ameaça que tudo isso significa para meu marido. Meu único desejo é manter abertas estas duas janelas para a vida.

Já não sou a filha que educaram meus pais. O que inventaram? Também a eles, chorando, lhes digo adeus?

Meu Deus, não posso dizer se isso é uma despedida, um abandono, uma traição a tudo!

Como posso invocar a Deus, se também a Ele eu olho diferente. Perdão, meu Deus.

Fervo na luxúria do meu amante, em sua paixão de animal sem freio.

Com ele me acalmo. Sabe sentir o que eu sinto. Entende que quando meu desespero é total, para sempre, é apesar disso passageiro.

Eu o amo assim, com minha inquietude de adolescente, com minha sabedoria de mulher experiente; com a ilusão e o susto de ir vê-lo, como hoje, fazendo meu coração pular diante da ameaça de ser descoberta. Com o peito palpitando diante do mundo que descobriremos. Grata por renovar o sentido das palavras, por reconhecer o valor de cada lágrima, o esforço de viver cada dia, de me deitar sem ter morrido ao anoitecer. Eu o amo por sempre se admirar do pudor que sinto ao me desnudar diante dele.

Eu o amo por não me possuir. Por fazer-me sua também.

Por isso hoje, que vou novamente inventar o mundo com ele, tenho a mesma agitação com que à noite, descalça, garota ainda, assaltava a despensa de casa.

Rogo para que meu marido sobreviva a este naufrágio. Eu logo vou navegar, abrindo a vela da minha alma sobre mares desconhecidos, girando sobre o corpo do meu amor.

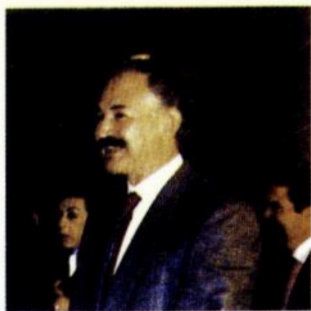
Sinto já a vertigem que nasce no meu peito. Vou vê-lo.

Vou me deslizar nessa onda sem repouso em que convertemos a cama. Vou lhe dizer, sorrindo, três vezes seguidas, "amo você" e, abraçados, com as bocas desesperadas como peixes fora d'água, vamos fazer uma só coisa de nossos corpos.

Meu marido está viajando. Faz dias que não vejo meu amor. Estou sozinha. Eu me penteio durante horas. Olho fixamente o telefone. Quando toca corro sem freios. Não era ele, desfaço novamente meu penteado. Fico absorta. Pouco a pouco volto a me pentear sem deixar de vigiar o telefone.



MORUMBI ARTES GRÁFICAS E EDITORA LTDA.
R. ANDRÉ SARAIVA, 913 - V. SÔNIA - 05626 - S. PAULO
TELEFONE 842 7361



Nascido ao norte do México, em Monterrey, o engenheiro civil Raúl Salinas de Gortari escreveu, além deste livro, outros dois — Muerte Calculada, contos (1980) e El Secreto, un Día (1990). Com grande experiência profissional no campo mexicano, cujos problemas conhece profundamente, Salinas foi também professor na prestigiosa Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM) e tem vários artigos publicados sobre sua especialidade em revistas estrangeiras.

"Ele descobre em meu corpo mares desconhecidos. Com sua mão navega entre os quadris. A carícia é um suave sopro de vento que me faz balançar como um barco tranquilo. Agora estou no oceano Índico, na calmaria, fora do alcance de qualquer pirata; em seguida sua mão desliza, desce e me impulsiona, estou diante da ilha sonhada dos mares do sul. Fecho os olhos e entardece.

Com ele escapo, por uma fresta, do mundo cotidiano..."

